

Gloria Alejandra Guarnizo Luna

**AS ONDAS E O TEMPO
UMA ANÁLISE SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DE UM TERRITÓRIO
PRAIA BRAVA (1970 – 2003), ITAJAÍ, SC.**

Universidade Federal de Santa Catarina

2004

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AS ONDAS E O TEMPO
UMA ANÁLISE SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DE UM TERRITÓRIO
PRAIA BRAVA, (1970 – 2003), ITAJAÍ, SC.**

GLORIA ALEJANDRA GUARNIZO LUNA

Dissertação aprestada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História Cultural, sob orientação da Professora Doutora Cristina Scheibe Wolff.

Co-orientação: Prof^a. Dr^a. Eunice Sueli Nodari.

**FLORIANÓPOLIS, SC.
2004**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma maneira contribuíram para que eu pudesse chegar a onde hoje me encontro, finalizando o meu tão desejado mestrado.

Primeiramente agradeço à minha mãe Gloria, que embora ausente nos últimos nove anos, esteve e estará sempre comigo na minha caminhada pela vida. Sinto tua falta.

Ao meu Antonio Henrique, por sempre me apoiar, me incentivar, ajudar e amar. Muito do que sou hoje, devo a você, te amo meu esposo. Grande parte deste trabalho o realizamos juntos, obrigada Toni.

À minha irmã Paola, sempre compressiva, prestativa e amiga. À minha sobrinha Valentina, quase como uma filha, que com suas inocentes e suaves palavras me alegam a vida. Ao meu irmão Daniel, que embora também se encontre longe o sinto perto. Vocês significam muito para mim.

Aos meus sogros Dalva e Cláudio por sempre estarem me apoiando e pelo filho que têm.

À minha orientadora Cristina, por estar sempre atenta a meus escritos e comentários, e pelas valiosas orientações.

À Eunice por ter acreditado que este trabalho daria certo.

À Marlene, principalmente pela amizade, mas também por ter participado da minha trajetória acadêmica e estar sempre me incentivando a continuar.

À minha amiga Shirley sempre disposta a ajudar. Obrigada pelos teus valiosos conselhos nas horas certas.

À Yomara que tem sido uma grande amiga desde o dia que a conheci. Nossos “números” não mentem!!!!

Aos Colegas e amigos que conheci na UFSC, Adriano, Marcos, Fernando, Manoel, Thiago, Mauricio, Jô, Ely, Edna, Delta, Andréia e Marilange.

Aos amigos Beto Severino, Beto Boccino, Cristiane, Moacir, Valeria, Antonio, Claudia, Fernando, Adriana e Karen. Também à Alessandra e o Marcelo.

Aos amigos do Arquivo Histórico de Itajaí, em especial a Euclides e Dona Vera.

À CAPES pela bolsa de pesquisa que permitiu a realização deste trabalho.

À Margarida, Albino, Vera, Domício, Sidney, Amaro, Fernanda, Vanderleia e a todos os que “abriram o baú das suas memórias” para que eu pudesse escrever esta história.

RESUMO

LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. As ondas e o tempo. Uma análise sobre a transformação de um território, Praia Brava, (1970 – 2003), Itajaí, SC. Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Palavras-chave: Meio ambiente, território, memória, urbanização, História de Itajaí, memória.

A Praia Brava, localizada no Município de Itajaí, é atualmente, uma das poucas praias do litoral centro - norte catarinense que ainda apresenta características da sua formação inicial de Restinga e Mata Atlântica, características que a tornaram conhecida na região como um símbolo de ecologia, atraindo pessoas que ali procuram se divertir, trabalhar ou morar.

Porém, esta é uma “valorização” que diz respeito aos dias de hoje, já que num passado próximo, ela era mal vista, um local que, por vários motivos, passava a ser “evitado”. A praia por suas fortes ondas, não atraía o interesse de veranistas, que procuravam outros balneários da região para passar os dias ou meses de verão, como por exemplo, Cabeçudas e Balneário Camboriú. Este referencial também estava correlacionado à prostituição e por ter abrigado durante algum tempo (1960 – 1980) uma área de casas noturnas e bares que, de alguma maneira, sustentavam a idéia de perigo e malandragem.

Porém, a partir de meados da década de 1980, outro referencial passa a ser vinculado nesse local. O uso da praia como palco de campanhas ambientalistas e eventos esportivos, desencadeando um processo que promoveu, principalmente, durante os anos 1990, a sua ocupação por moradias e empreendimentos comerciais, dando a ela uma outra configuração, a de um local voltado para fins urbanos e de lazer.

É na mudança deste discurso que identifico e discuto motivos que fizeram com que o local esquecido e marginalizado de outrora, viesse a se transformar na “Praia do momento”. É ainda nos embates entre ambientalistas, moradores, empreendedores e Poder Público Municipal que procuro visualizar os jogos de interesses e relações de poder, inseridas nesse espaço praiano.

ABSTRACT

LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. The waves and the time. Analyzing the transformation of a territory, Praia Brava (1970 – 2003), Itajaí, SC. Florianópolis, 2004. Master (Thesis in History) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Key words: Environment, territory, memory, urbanization, Itajaí's History.

Praia Brava, placed in Itajaí, is one of the few beaches on the north coast of Santa Catarina nowadays which provides characteristics of its initial sandbank and the Atlantic Forest formations, characteristics that turned this region known as a symbol of ecology, attracting people who seek their leisure, a new work, or a peaceful place to live.

However this appreciation is only related to the present, dealing with the fact that in the past it was not valorized, a place where for many reasons has been avoided. The strong waves of the beach were the main reason why the tourists had avoided and searched for other beaches of the region to spend their vacation., for example, Cabeçudas and Balneário Camboriú. This local was still related to prostitution, nightclubs and bars placed in this area during some time (1960-1989) that somehow it reminded the idea of danger and risk.

Fortunately, since 1980, another image starts to be linked to this local. The use of the beach for environment campaigns and sportive events developed the increase of houses and companies, mainly during the nineties becoming this beach known as a good place to live.

It's in this changing that I identify and discuss reasons why the hidden and marginalized place of the past is now "the beach of the moment". And based in the conflicts among environmentalists, residents, entrepreneurs, and the politicians I try to visualize the interests and power relations, inserted in this place.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO **p. 01**

CAPÍTULO I

PRAIA BRAVA – UM LUGAR ENTRE DOIS LUGARES

Itajaí na busca da modernidade	p. 11
A formação do Balneário Cabeçudas – A busca pela modernidade continua.	p. 11
Balneário de Camboriú – A pérola do Atlântico	p. 22
A Praia Brava e o processo de urbanização dos anos 1970 em Itajaí	p. 32
A Estrada Geral – Das viagens de negócio às viagens de lazer	p. 38
A Boa Propaganda – Mensagens de aventureiros	p. 42
Tentativas de Urbanização – Os loteamentos na Praia Brava	p. 48
A área de bares e casas noturnas na Praia Brava - Prostituição	p. 52
O uso da Praia Brava como local de lazer. Mudança de um sentido?	p. 58
	p. 67

CAPÍTULO II

DA FERA PARA A BELA - MUDANÇA DE UM DISCURSO

O Movimento Ambientalista em Itajaí – Os primeiros anos	p. 70
Acampamentos na Brava	p. 80
O Movimento Ecológico e a Praia Brava – A criação de um símbolo	p. 96
A Praia Brava e o embate entre ambientalistas e empreendedores	p. 101
A trama continua: construções adequadas ao local?	p. 106
	p. 119

CONSIDERAÇÕES FINAIS **p. 125**

FONTES **p. 129**

Entrevistas	p. 129
Documentos	p. 130
Jornais ou Periódicos	p. 131
Referências bibliográficas	p. 132
Bibliografia consultada	p. 137

INTRODUÇÃO

Se olharmos para o mar, talvez notemos que este possui tonalidades diferentes, do branco para o azul marinho, deste para o verde, e muitas outras gamas de cores, que se alteram e se alternam formando aspectos diferentes na sua superfície, dependendo da intensidade da luz. Este mar, muitas vezes nos parece homogêneo, pois não percebemos o que nele há, o que nele se esconde, o que nele se retrata, já que não está visível a nossos olhares. Este mar, palco de lutas, desafios, conquistas, vem acompanhando o homem desde suas primeiras manifestações de vida na área litorânea. Apesar da idéia ter inspiração na obra de Fernand Braudel¹ sobre o Mediterrâneo, por que não associá-la também com o litoral de Santa Catarina? E de maneira centralizada, com o litoral da cidade de Itajaí? Desta forma, agora me refiro a um local específico que fica nas bordas ou margens deste tão imenso oceano, a Praia Brava.

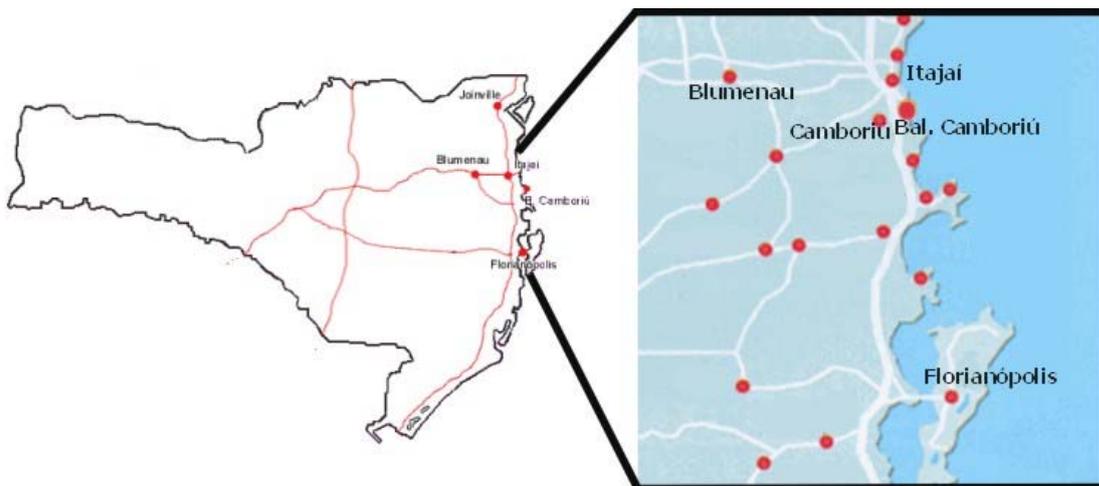


Figura 1 - Mapa do Estado de Santa Catarina, com enfoque na região do litoral centro-norte. Editado por Antonio Henrique Roman. Dezembro de 2002.² Acervo: SSAET – Sociedade Sul Americana de Estudos da Terra.

¹ BRAUDEL, Fernand. **O Espaço e a História no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

² A inserção de mapa no texto tem como função ambientar o leitor com o espaço geográfico abordado na discussão deste capítulo.

Desde que cheguei a Itajaí, litoral centro-norte de Santa Catarina, e passei a conhecer a Praia Brava, a sua característica agreste, num primeiro momento, me fez perguntar como era possível encontrar uma praia rodeada de verde, que de certa forma, “diferenciava-se” de duas localidades que cresceram em função do seu contato com o mar. Em outras palavras, me interroguei ao ver um local preservado em meio de dois centros urbanos que passaram e passam por um rápido crescimento populacional. A figura abaixo mostra uma Praia Brava na década de 1990, quando a ocupação urbana era muito similar a que encontrei quando passei a morar neste lugar. Nesta imagem, se observam palcos de um passado próximo, que serviram como espaços de sociabilização da Praia Brava, como as ruínas do Cassino e sede do desativado clube de Campo do Guarani (1); a pista de Kart (2); a antiga estrada que dava acesso à Praia Brava (3); a área utilizada para acampamentos e eventos diversos (4); também pertencente ao Clube Guarani, a lagoa do Cassino (5); a faixa de dunas e restinga (6).



Figura 2: Foto área da Praia Brava. Década de 1990. 1 – Ruínas do Cassino, 2 – Pista de Kart, 3 – Antiga rua que dava acesso ao Cassino, 4 - área campestre do Clube Guarani, 5 - a Lagoa do Cassino, 6 – Faixa de dunas e restinga.

Década de 1990 – Autor desconhecido. Editado por A. H. Roman.

Acervo: João Guilherme Wegner Cunha.

Neste mesmo espaço praiano, passei a observar, também, que o mesmo fascínio que me fez ir morar na Praia Brava, também passou a fascinar outras pessoas que passaram a ver neste local um lugar ideal para morar ou se divertir. Estes questionamentos se tornaram ainda mais relevantes a partir do momento que, após várias conversas com vizinhos, passei a tomar conhecimento de que ao mesmo tempo em que a Praia Brava fascina algumas pessoas nos dias de hoje, ela, em um passado próximo, era vista como um local marginalizado. Desta forma, percebi que minha análise empírica aliada às fontes orais que, em um primeiro momento, despertaram minha curiosidade, poderiam ser discutidas, analisadas e historicizadas. Possibilidade esta que concretizada nos últimos semestres do curso de História, permitiu-me desenvolver a monografia “A Praia Brava, tão brava assim?”,³ onde procurei investigar e responder parte destes questionamentos. Parcialidade esta que justifico, nas palavras de Paul Veyne, como uma necessidade de que *é preciso haver uma escolha em história, para evitar dispersão de singularidades e uma indiferença em que tudo teria o mesmo valor.*⁴ Foi nesta mesma parcialidade que outros questionamentos começaram a surgir à medida que meu interesse pelo tema “Praia Brava” me levava a uma releitura de fontes orais e escritas, que por sua vez me direcionou no garimpar de outras mais. O resultado desta minha curiosidade em saber um pouco mais sobre a história deste espaço praiano é o presente trabalho de pesquisa, cujos resultados apresento nas páginas a seguir.

Um “processo civilizador” está adequando novas áreas para dar a ela novos usos. A Praia Brava enquanto espaço físico está sendo ocupado por construções civis, onde o ambiente que abrigava vegetação e animais, agora está sendo transformada em benefício do homem. Esta procura por novas áreas para urbanizar, está ligada muitas vezes à saturação dos centros urbanos, ou à procura por locais mais tranquilos, valorizados, ou em outros casos mais baratos nas áreas periféricas de uma cidade. A Praia Brava nos últimos cinco anos, vem tendo uma rápida valorização dos imóveis, tendo superado os preços de venda de outras áreas da cidade. Valorização esta que não só diz respeito a interesses comerciais,

³ LUNA, G. Alejandra G. **A Praia Brava, tão Brava Assim?** - Uma análise sobre as Representações de um Território. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2001.

⁴ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história** e Foucault revoluciona a história. 4 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. p. 41.

mas também às características do local, pois ela ainda é vista por alguns como um local ainda “selvagem”.

É possível pensar a sociedade como um jogo de xadrez, ou algum outro jogo, como propõe Norbert Elias,⁵ onde no momento em que se rompe o equilíbrio, é necessária uma outra “peça” para equilibrá-lo novamente e assim por diante. Neste sentido, à praia que agora se torna objeto de discussão, passa ser o local que tende a se equilibrar dentro de um processo dinâmico e em constante transformação.

Gilmar Arruda ainda coloca que:

Não é possível entender aquilo que poderíamos, a priori, designar de uma apropriação concreta, como, por exemplo, a construção de balneários no litoral, sem entendermos o processo pelo qual as representações existentes sobre o mar, a praia, as férias e o lazer mudaram, permitindo o surgimento do “desejo do mar”. Mas este mesmo desejo só pode ser realizado com mudanças acontecidas no campo da economia, nas relações de trabalho.⁶

A Praia Brava “assistiu” ao crescimento e à ocupação das áreas vizinhas durante o decorrer de boa parte do século passado. Vizinho a Balneário Camboriú, viu esta cidade se formar, crescer e se transformar em um dos balneários mais badalados do sul do Brasil. Assistiu também a ocupação e a formação do também vizinho balneário de Cabeçudas em Itajaí, conhecido até hoje como um reduto das elites do Vale do Itajaí. Quando fazemos referência à Praia Brava, estamos falando a respeito de um espaço praiano situado entre estes dois balneários separados por cerca de 15 km e que, cada um a sua maneira, comportaram e comportam o fluxo de turistas dos mais diversos locais. Espaço praiano este, que ao procurar investigar sua inserção na história do uso do mar no litoral da região centro-norte do Estado de Santa Catarina, em pouco se assemelha com o que ocorreu, por exemplo, em Cabeçudas, a partir dos anos 1910, ou então com o atual Balneário Camboriú a partir dos anos 1950. Uma vez aceita esta condição, como explicar o fato da Praia Brava somente passar a ter uma maior representatividade como balneário e como valor imobiliário a partir dos anos 1990 em diante? A busca por respostas a esta pergunta gerou a

⁵ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

problemática abordada no *Primeiro Capítulo*, onde busco desde o advento do banho de mar pelas elites européias até os dias de hoje, descrever e discutir fatos e motivos que proporcionaram a este bairro litorâneo da cidade de Itajaí, permanecer praticamente ausente dos ideais de modernidade e balneabilidade durante a maior parte de século XX.

Problematizar um tema referente à balneabilidade, é um desafio para o historiador, pois o mesmo termo tem mudado seu significado ao longo da história. O mar e a sua praia foram e são vistos pelo homem como local de depósito de dejetos, como meio de sustento para pescadores, como local de lazer, como local de banho⁷, como indicação de *status* por morar à beira-mar, e até um efeito inverso onde o termo se aproxima ao de pobreza econômica, como por exemplo, em Tijucas onde a população de baixa renda que reside à beira-mar de águas lodosas.⁸ Neste trabalho, passo a fazer uso de autores como Alain Corbin,⁹ Sérgio Luís Ferreira,¹⁰ Magda Storke Lee,¹¹ Angelo Ricardo Christoffoli,¹² para entender a balneabilidade nas diversas formas de relação entre sociedades humanas e o mar na região da Praia Brava.

Ainda no 1º capítulo, analiso a relação existente entre o Balneário Santa Clara, ou Praia Brava, e o processo de urbanização da cidade de Itajaí na década de 1970. Processo este que contemplava uma remodelação e modernização da cidade. É através das fontes, sejam elas orais ou escritas, que procuro encontrar estes pontos de contato que de alguma forma influenciaram a transformação do cenário agreste da Praia Brava em um novo assentamento urbano, uma nova apropriação de ambientes naturais em busca de ideais “civilizadores”. Uma nova ação que realça o predomínio do homem sobre o meio natural, o qual pode ser compreendido como uma pré-condição básica da história humana, ou seja, a

⁶ARRUDA, Gilmar. A Natureza entre Apropriações e Representações. In: ____; TORRES, David Velázquez; ZUPPA, Graciela. (orgs.). **Natureza na América Latina: apropriações e representações**. Londrina : Editora UEL, 2001, p. 8

⁷ FERREIRA, Sérgio Luiz. **O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina (1900-1970)**. Florianópolis, 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

⁸ ROCHA, Nara da Silva. **“Da ponte para baixo.”** As representações sobre a praia de Tijucas. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 1998.

⁹ CORBIN, Alain. **O Território do Vazio – A Praia e o Imaginário Ocidental**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

¹⁰ FERREIRA, Sérgio Luiz. *Op. cit.*

¹¹ LEE, Magda Starke. **O processo de urbanização de Balneário Camboriú**. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

formação de sociedades está diretamente ligada com a transformação do que é nocivo ou improdutivo em suas formas contrastantes, como, por exemplo, expulsar ou eliminar animais perigosos das cidades, ou então derrubar matas fechadas para dar lugar a campos aráveis e cultiváveis ou a áreas destinadas ao comércio. Ainda, como é o caso de regiões litorâneas, como ocorreu e vem ocorrendo na Praia Brava, dar lugar a áreas de recreação, lazer, moradia e trabalho.

Dentro deste contexto, a forma como o homem racionalizou e questionou tal predomínio constitui um tema vasto e inquietante, que nos últimos anos recebeu bastante atenção por parte de filósofos, teólogos, geógrafos, historiadores, entre outros, dos quais destaco o historiador Keith Thomas e sua obra “O homem e o mundo natural”.¹³ Neste trabalho, ele procura explicar, tomando como base relatos e a história da Europa Medieval e Moderna, como e por que o ambiente natural foi gradativamente sendo alterado para uma forma que culminou nas grandes cidades de hoje, e também no grau de dominação do homem frente aos animais e vegetais. Esta obra serve como base para todo e qualquer estudo sobre as transformações que o homem exerce sobre o meio ambiente, que apesar de não ser o tema principal deste trabalho, aparecem algumas questões que necessitam de um embasamento teórico a respeito do que é discutido nesta obra. Assim como Keith Thomas e da mesma forma que Leonora Portela de Assis, *tentarei persuadir os leitores de que os historiadores têm muito a oferecer, ao estudarem a transformação dos “olhares” e dos “fazeres” em face do mundo natural.*¹⁴

Cabe ainda analisar que a palavra natural, ou ambientes naturais, é utilizada para diferenciar “ingenuamente” o que é produzido pelo homem e o que é produto da ação da “natureza”, sendo que isto não indica que exista uma barreira intransponível de ações homem/natureza, pois estudos já discutem que as florestas, além do processo natural de associação vegetal, também resultam de intervenções humanas dos povos pré-colombianos

¹² CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo. **Cabeçudas 1910-1930: A praia como padrão de conduta social.** Balneário Camboriú, 2000. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.

¹³ THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural.** São Paulo: Cia das Letras, 1988.

¹⁴ ASSIS, Leonora Portela de. **Planos, ações e experiências na transformação da “pacata” Florianópolis em capital turística.** Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 4

durante mais de dez mil anos¹⁵, ou seja, muito antes do “descobrimento europeu”. De forma semelhante, outros trabalhos pontuam a impropriedade de se falar sobre uma “mata virgem” que não sofreu nenhum tipo de intervenção humana, como é o caso do artigo de Ricardo Freire D’Amare¹⁶ no livro “Natureza na América Latina”, onde analisa como na região da península de Yucatan ocorreram vários tipos de apropriação e intervenção do espaço em diferentes “modos de produção”. O autor ressalta que não há selva primitiva e que as florestas tropicais, são resultado da ação das populações *que realizaron un ordenamiento espacial de la vegetación, las sucesiones no son casuales*.¹⁷

Assim, a idéia de falarmos de uma floresta ou uma mata virgem, viria a dar um sentido contemplativo, ou uma naturalização das ações exercidas pelos grupos indígenas que habitaram o território americano durante milhares de anos. A ideia de naturalização das sociedades indígenas retira o componente humano e os coloca como parte de um cenário natural, como “partes da natureza”, que não alterariam as florestas porque eles já seriam parte dela. Desta maneira, ao me referir aos ambientes naturais, não estou eliminando a possibilidade de uma intervenção do homem neste local, anterior ao recorte temporal que esta pesquisa se refere. Porém, pouco se sabe sobre os povos indígenas que habitaram e, de alguma forma, alteraram o “ambiente natural” da Praia Brava ao qual me refiro agora. Cabe aqui lembrar a obra de Warren Dean, “A ferro e fogo”, onde ele argumenta que quando os europeus chegaram à América e se encontraram com a Mata Atlântica, longe de encontrarem uma “mata virgem”, “resquício do paraíso terrestre intocado pela mão humana”, aquele ecossistema já estava marcado pelas queimadas, caçadas e outros usos das sociedades indígenas que modificaram a ecologia da floresta, a qual já era fruto de dez mil anos de ação humana em seu interior.¹⁸

Algumas discussões sobre as mudanças ou alterações que o ser humano exerce sobre o que pode ser visto como meio “natural”, aparecerem ao longo dos capítulos que se seguem, como forma de contextualizar teoricamente o que aqui está sendo apresentado. Isto

¹⁵ DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo** - A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

¹⁶ D’AMARE, Ricardo Ferre. La apropiación del espacio geográfico de la península de Yucatan: el caso Campeche. In: ARRUDA, Gilmar; TORRES, David Velázquez; ZUPPA, Graciela. (orgs.). **Natureza na América Latina**: apropriações e representações. 1 ed. Londrina : Editora UEL, 2001, p. 217-230

¹⁷ D’AMARE, Ricardo Ferre. *Op. cit.* p. 221.

¹⁸ DEAN, Warren. *Op. cit.*

não significa dizer que aqui se esteja fazendo uma naturalização das ações humanas, uma vez que é o próprio homem que produz e inventa seu cotidiano, fixando determinados elementos que aparecem como significativos, abandonando outros, e agregando novos elementos. É freqüente também o uso de fontes orais ao longo do texto, como forma de dar visibilidade a histórias de vida que, de alguma maneira, estiveram ligadas ao tema estudado neste trabalho.

Desta forma, este trabalho mostra como o local denominado Praia Brava, foi e é representado ao longo das últimas três décadas, e quais usos os seus habitantes e freqüentadores deram e dão a ele, tentando ver os jogos de interesse que fazem com que se criem estas representações. Entendendo que esta representação refere-se àquilo que é dito ou feito, ou seja, as várias possibilidades que temos de dar sentido a nossas atitudes e práticas cotidianas que dizem respeito a determinadas formas de ser e de viver. Roger Chartier¹⁹ analisa que a representação é o modo pelo qual homens e mulheres lêem e traduzem o mundo do qual fazem parte, permitindo compreender que a Praia Brava, ou o objeto é uma representação de quem a ela se refere, o sujeito, e que, portanto, só é possível falar deste local de estudo, porque foram dados significados. De forma semelhante, Pierre Bourdieu mostra que a realidade é uma representação, ela é externa e constituída em meio às representações, ao simbólico. Estes dois autores me ajudam a pensar que o real somente existe porque ele é criado, não existindo, portanto, uma única representação para o objeto, para o que pode ser entendido e denominado Praia Brava. Várias são possibilidades que temos de (re) inventar um local, que além de um espaço físico, se constitui numa “teia” de relações sociais das mais diversas, onde é possível visualizar determinados sujeitos, como surfistas, donos de bares e estabelecimentos comerciais, moradores, estudantes, professores, turistas, etc., que (re) criam o próprio espaço em função de determinados modos de vida, de pensar, de ser e viver. Desta forma, abordo como estes personagens dão sentidos ao que pode ser entendido como Praia Brava, cada um vai defender seus interesses através de jogos de poder, fazendo prevalecer sua verdade, sendo que esta verdade é também uma representação.

¹⁹ CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. In: **Estudos avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, Jan/Abr. 1991.

No *Segundo Capítulo* analiso o surgimento do movimento ambientalista em Itajaí nos anos 1980, tendo como ponto partida a Associação Itajaiense de Preservação Ambiental – ASSIPAM.



Figura 3: Parte Superior da folha-ofício utilizado pela ASSIPAM. Este foi o único tipo de documento que tornou possível visualizar o logo da entidade.

Esta entidade estava inserida dentro de uma problemática social mundial, onde é discutida a preocupação com a vida como um todo no planeta. Ela também surge dentro de um quadro político específico no Brasil, onde se está vivendo todo um clima de pensamento crítico e onde se tenta contestar o governo e sua política. É através das atividades desenvolvidas por esta associação e através dos acampamentos ecológicos realizados na Praia Brava, que passo a discutir a vinculação do local com o discurso ambientalista nos dias de hoje.



Figura 4: Foto panorâmica da Praia Brava nos dias de hoje. Fevereiro de 2004.
Crédito: A. H. Roman. Acervo: SSAET – Sociedade Sul Americana de Estudos da Terra.

Ainda neste capítulo, passo a ver a ocupação da Praia Brava por moradias e empreendimentos, e a sua reconfiguração espacial como um local voltado para fins urbanos e de lazer. É nesta reconfiguração que discuto a luta de ambientalistas em preservar as características ambientais do local, frente à explosão imobiliária, desmatamento e degradação ambiental.

A proposta deste trabalho, no segundo capítulo, se refere a uma época atual, conhecida como história do tempo presente, que *é antes de tudo história*²⁰. A proposta dos intelectuais do IHTP – Instituto de História do Tempo Presente (Institut d'Histoire du Temps Présent), fundado e localizado na cidade de Cachan, uma área periférica de Paris, é de diferenciá-la da história imediata, e aproximá-la de um cunho jornalístico. Isto não indica que o que se pretende é apresentar uma idéia desfavorável do jornalista, mas delimitar os campos de ação, uma vez que a História do Tempo presente procura os elos dos acontecimentos e os pensa dentro de uma teia de relações. A História imediata então, pretende reconstruir e explicar ao leitor a trama dos eventos cotidianos, fazendo o trabalho de informadores, divulgado muitas vezes interesses políticos ou econômicos, ou informado os fatos, sem correlacionar os acontecimentos. Segundo Jean Pierre Rioux, *o jornalista é um homem apressado que relata fatos juntados (...) que simplifica (...) recolhe material de qualquer jeito e inventa fontes sem poder tratá-las*.²¹ Desta maneira, situo a discussão numa história do tempo presente que não busca a continuação de um tempo passado, mas situa-se na emergência dos acontecimentos que quer analisar e entender, aqui, as relações estabelecidas na, e pela Praia Brava.

²⁰ BERNSTEIN, Serge, Milza, Pierre. Conclusão. In: CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a História do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p 127.

²¹ RIOUX, Jean Pierre. Entre História e Jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 121.

CAPÍTULO I

PRAIA BRAVA - UM LUGAR ENTRE DOIS LUGARES

“Certamente o historiador não pode dar uma forma objetiva a esses exames senão combinando os modelos aos outros setores da sua documentação sobre uma sociedade²²”.

Itajaí na busca da Modernidade



Figura 5: Vista da cidade de Itajaí a partir do Morro da Cruz. Janeiro de 2004.
Crédito: A. H. Roman.

Ao chegar ao mirante do Morro da Cruz e olhar com atenção para o centro urbano de Itajaí, é possível observar que se concentram ali a maior parte dos casarões antigos que ainda restam na cidade, mostrando em parte, que o crescimento de Itajaí ocorreu

²² DE CERTEAU, Michel. A operação histórica In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 38.

basicamente ao redor do porto às margens do Itajaí-Açú. Rio este que, por sua navegabilidade, fez deste porto a principal *porta de entrada para a colonização européia no Vale do Itajaí, desde a segunda metade do Século XIX.*²³ Foi pelo porto que o desejo pelo moderno das grandes cidades aflorava. Foi através dele que *vinham também os desejos, deslumbramentos, ao que o viajante recém-chegado por certo relatava.*²⁴

Esta análise inicial me ajuda a visualizar uma parte de um processo de desenvolvimento econômico e social, e ao mesmo tempo me ajuda a compreender como uma cidade que, na memória de Juventino Linhares, *nos primeiros anos deste século (XX) não passava de uma grande aldeia de pescadores*²⁵, comportou o maior porto brasileiro exportador de madeira do século XX e, atualmente, um dos maiores do Brasil. A imagem abaixo procura ilustrar a representatividade da madeira, já na década de 1950, na atividade portuária de Itajaí.

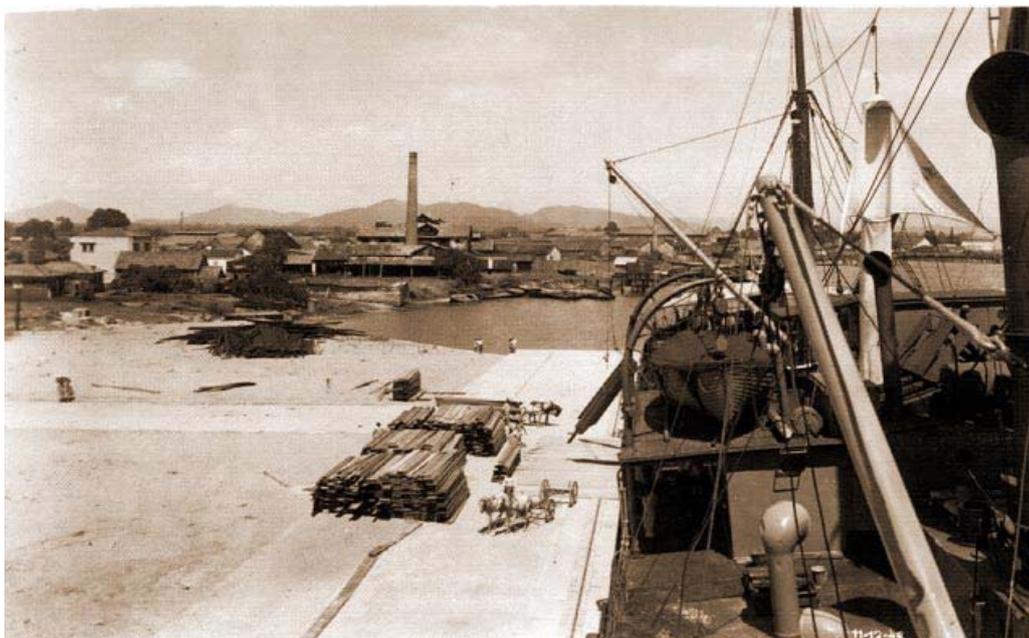


Figura 6: Cais do porto de Itajaí. Nota-se cargas de madeira sendo embarcadas para exportação. 11/12/1948. www.portoitajai.com.br/institucional/fotos_porto.php.

²³ SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1974, p. 32.

SILVA, José Bento Rosa da. Trabalhadores de Itajaí: uma história de organização e resistência. In: **Itajaí – Outras Histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002, p. 150

²⁴ FAVERI, Marlene de. Encantamento e espanto: O que (não) sonharam os homens. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: Editora Insular, 1996, n.4, p. 61-73.

²⁵ LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: UNIVALI, 1997, p. 6. O autor ao escrever “deste século” está se referindo aos primeiros anos do século XX.

Porém, é um pouco pretensioso afirmar que a cidade se desenvolveu somente ao redor do porto, pois além de não ser o objetivo deste trabalho discutir a formação do município, há de se considerar que, em função da precariedade do transporte daquela época e a própria natureza extrativista da madeira, outros núcleos populacionais poderiam ter se formado em outros locais da atual configuração territorial de Itajaí. Ainda, embora seja indiscutível a dependência itajaiense da economia da madeira exportada pelo porto, casas comerciais foram já desde o início da colonização, veículos importantes que possibilitaram o desenvolvimento de um comércio local. *Na virada do século (XX), já se nota uma certa prosperidade, conta com três cervejarias (...) e inúmeros estabelecimentos industriais, comerciais (...).*²⁶

Em Itajaí, se por um lado ocorreu o crescimento econômico do município em função da atividade de exportação da madeira, por outro lado, a cidade também crescia em população. O porto atraía para a cidade uma migração lenta, mas contínua de trabalhadores provenientes principalmente da região serrana do Estado de Santa Catarina (principal local de extração da araucária, “o pinheiro brasileiro”), como também de áreas rurais de vários pontos do Estado. Empresas ligadas à atividade portuária cresciam ou se instalavam na cidade, aumentando a demanda de emprego. Sônia Teixeira Moreira permite pensar que o fluxo de pessoas em busca de trabalho em Itajaí fez com que a modesta Itajaí do início do século XX, década após década, passasse a provocar e ao mesmo tempo assistir à modificação de seu cenário urbano.

(...)o número significativo desses contingentes de trabalhadores absorvidos pela atividade madeireira e portuária, passou a exigir uma reorganização do espaço urbano local, assinalando-se, na época, a implantação de bairros populares, como também a criação de uma infra-estrutura de transportes urbanos.²⁷

A autora, pensando o espaço portuário local como o *porto da madeira*, defende a tese de que o porto de Itajaí pode ser estudado em diferentes momentos de sua produção:

²⁶ BARRETO, Cristiane Manique. **Entre Laços e Nós: formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)**. Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

uma *fase natural* ligada à extração da madeira em florestas do baixo e médio Vale do Itajaí, ou seja, em áreas próximas a cidade, durante o transcorrer do século XIX; uma *fase de transição*, que compreende as últimas décadas do século XIX até os anos 1950, período este marcado por uma reorganização do porto em função do declínio da produtividade da madeira no litoral; e uma terceira fase que assinala um *momento exportador*, proporcionado pela comercialização da araucária, que era transportada desde o planalto catarinense até o porto para ser exportada para outros mercados brasileiros e estrangeiros. Esta fase perdurou até o declínio das reservas deste pinheiro ocorrido desde o início da década de 1970.²⁸

Vendo Itajaí como uma cidade influenciada pela *economia da madeira*, isto pode sugerir que estas fases ao qual faço referência no parágrafo anterior, também podem ser analisadas como períodos da própria história do desenvolvimento econômico e urbano desta cidade. Se o porto iniciava um período de transição ou escassez de carga para transportes, logo isto afetava de forma significativa a administração da cidade, fazendo com que estratégias entrassem em cena modificando o cotidiano local e inserindo a cidade em um novo contexto histórico.



Figura 7 - Conclusão do 1º Trecho do Cais e parte do Armazém-1 – 13/11/1948. Autor desconhecido. Fonte: www.portoitajai.com.br/institucional/fotos_porto.php.

²⁷ MOREIRA, Sonia Miriam Teixeira. O Porto da madeira. In: **Itajaí**: Outras histórias Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002, p. 85.

²⁸ MOREIRA, Sonia Miriam Teixeira. *Op. cit.*, p 79.

A esta hipótese corroboram fatos observados através da página eletrônica do Porto de Itajaí²⁹ onde, através de fotografias, visualiza-se todo um trabalho de remodelação do porto em sua *fase de transição* no final da década de 1940, rumo a um *momento exportador*. Esta remodelação pode ser em parte visualizada na figura da página anterior, a qual registra as obras de construção do 1º trecho do cais do porto, uma necessidade da época para a melhoria dos trabalhos de carga e descarga dos produtos, principalmente a madeira, nos navios que chegavam até Itajaí.



Figura 8: Entrada do canal do Porto de Itajaí. Ano de 1939.
www.portoitajai.com.br/institucional/fotos_porto.php.

Os constantes naufrágios na barra do rio Itajaí também exigiam obras que facilitassem a entrada e saída de embarcações. A figura acima e um artigo escrito por Celso Liberato na revista *Blumenau em Cadernos* de 1969³⁰, mostra um pouco do que se via nas primeiras décadas do século XX.

²⁹ www.portoitajai.com.br

Como não é segredo para ninguém, a grande dor de cabeça de nossa terra, Itajaí, foi sempre o estado da barra. A entrada da barra. A saída da barra. Coisa de cristalino entendimento, já que se trata de uma cidade que muito depende do porto, como o porto depende todo da barra. (...) O Joaquim Fernandes (o prático), que por seu arrojo e coragem muito contribuiu para a reabilitação da barra, dando passe a navios de grande calado, nacionais e estrangeiros. (...) Mas, dada a instabilidade da barra, vez por outra, zás, um naufrágio.³¹

Esta forma de ver a Itajaí desta época influenciada pela atividade portuária, também aparece em fontes escritas que trabalham a história portuária de Itajaí. No final dos anos 1970, com o declínio da economia da madeira, tornou-se necessário um urgente repensar sobre o destino do porto da madeira. O problema possuía, além do enfoque econômico, um importante aspecto social, assinalando-se o desemprego com a desativação das empresas madeireiras e do movimento portuário.³² Segundo d'Ávila, a atividade portuária em Itajaí somente retornou a ser rentável com o incentivo que o Governo Federal destinou a atividade pesqueira, o que tornou possível desenvolver em Itajaí o maior porto pesqueiro do país. Em sua obra d'Ávila cita que:

Nesse importante momento, quando não mais se vivia a crise, os líderes locais despertaram para a realidade da mono-economia da pesca para a qual se tinha voltado. Era preciso dinamizar e diversificar a economia municipal e industrializar o município. Esta nova postura pretendeu retomar o incentivo às indústrias locais (...), além de buscar outras, inclusive com a implantação dos Distritos Industriais³³.

d'Ávila não cita quem são estes *líderes locais* e também não faz referência à temporalidade dos eventos que aborda sobre os incentivos à atividade pesqueira, apenas

³⁰ José Ferreira da Silva foi o editor da Revista **Blumenau em Cadernos** desde 1957 até 1973, logo José Gonçalves passa a editá-la até 1995. Desde esta data até os dias de hoje a Fundação Cultural de Blumenau é responsável pela publicação.

³¹ LIBERATO, Celso. O Galdrome do Leme. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo X. N. 12, Dezembro de 1969.

³² MOREIRA. Idem.p. 88.

³³ d'ÁVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí**. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí/ Fundação Genésio Miranda Lins, 1982, p. 64.

relata que ocorreram a partir da década de 1960. Porém, seu trabalho juntamente com o de Sônia Miriam Teixeira Moreira, permite analisar em parte como Itajaí foi crescendo em função da atividade portuária e, ao mesmo tempo, visualizar o seu crescimento populacional e a conseqüente necessidade de modernização da cidade. Cidade que desde o início do século XX quando *a visualização da grande concentração de atividades comerciais futuras neste porto estabeleceu o movimento do povoado*,³⁴ passou a receber empreendedores, comerciantes, homens do campo, portuários, pescadores, funcionários públicos, letrados, enfim, pessoas que chegavam a Itajaí apenas em busca de trabalho ou então, outros que articulavam movimentos ou se inseriam na sociedade para participar dos "jogos de poder" de uma elite atuante na esfera política e econômica no município de Itajaí. Jogos estes que faziam ou fazem parte de uma luta simbólica ligada à elite da qual Gustavo Konder, escritor, jornalista, artista plástico e romancista itajaiense (29/Julho/1905, 11/04/1981), fazia parte. Ele escreve poeticamente em 1970 uma narrativa fazendo referência a sua chegada ao porto de Itajaí:

No dia seguinte, manhã linda e ensolarada, após o vapor atracar no trapiche Malburg, em Itajaí, desci e fui recepcionado por meus queridos pais e irmãos. Os humildes estivadores (todos meus conhecidos), quando me viram sorriram de contentamento. Agradei-lhes com um fraternal "Alô".³⁵

Este texto rememora o ano de 1924, época em que Gustavo, com então 19 anos, voltara de São Paulo onde permaneceu por um ano, cujo objetivo em suas próprias palavras foram de *desembaraçar-me e aperfeiçoar os meus estudos*³⁶, o que, devido a inexistência do ensino médio em Itajaí até os anos de 1930, era comum aos filhos das "melhores famílias" estudarem fora da cidade³⁷. Ele também narra em outro artigo, embora fosse surdo de nascença, como fora sua formação escolar,

³⁴ CRUZ, Euclides José da. Pequena Pátria. In: **Itajaí – Outras histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal e Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002. p. 51.

³⁵ KONDER, Gustavo. Nem tudo foi tão Suave. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XII. n. 10. Out. 1971, p. 186.

³⁶ KONDER, Gustavo. *Op. cit.*, p. 22.

³⁷ d'ÁVILA, Edison. Da Escola de desemburrar à Universidade. **Anuário de Itajaí**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1998, p. 31.

Durante os longos doze anos, estudei todas as matérias, adotadas pelas escolas primárias e secundárias. Aprendi até, com carinho, a língua francesa, o belo idioma dos meus bisavós maternos (Lebon). Só não pude compreender a difícil pronúncia da língua alemã, mas entendo muitas palavras, por causa de minha descendência, por parte do meu augusto vovô Konder, pai do meu pai. Quase dois terços de minha infância vivi entre livros, pois era o meu divertimento predileto.³⁸

Gustavo Konder fazia parte de uma família que desde o início do século XX enriqueceu em função das atividades portuária e política, na qual seu pai, Marcos Konder (1882-1962), além de industrial, financista e intelectual, governou Itajaí por praticamente 15 anos (1915-1930). Segundo José Roberto Severino,³⁹ *Marcos Konder, assim como muitos outros imigrantes ou descendentes estabelecidos na cidade, era proprietário de uma das maiores casas comerciais da cidade*⁴⁰. Severino ajuda a visualizar que Itajaí não crescia em população somente através de homens que chegavam a cidade em busca de trabalho, mas também através de *imigrantes ou descendentes* oriundos de famílias letradas e detentoras de capital que se faziam valer por sua posição elitizada ou pelo glamour de possuírem descendência europeia, para ganhar posições políticas ou administrativas, importantes no contexto urbano da cidade de Itajaí, durante o início e decorrer das primeiras décadas do Século XX. Neste contexto, o Porto de Itajaí desde o início do século XX, gerou não só fontes de renda e crescimento econômico, mas também a distinção de grupos de imigrantes e descendentes que começaram a ocupar cargos públicos e políticos, assim como a investir na área comercial e empresarial. *Nos primórdios da formação do município de Itajaí, (...) muitos imigrantes alemães aí radicados ingressaram logo na política administrativa e nas fontes produtivas.*⁴¹

Esta análise ajuda a visualizar que em Itajaí, desde o final do século XIX, uma elite ligada ao comércio e a política, foi se constituindo através de reafirmações de nomes e sobrenomes. Famílias, principalmente aquelas com sobrenomes germânicos, como Konder,

³⁸ KONDER, Gustavo. Um trecho de minha Infância. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XII. n. 02. Fevereiro de 1971, p. 21.

³⁹ SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

⁴⁰ SEVERINO, José Roberto. *Op cit*, p. 192.

Bornhausen, Malburg, Asseburg, entre outras, criaram espaços sociais que deram visibilidade às práticas por eles exercidas, e ao mesmo tempo se reafirmavam como grupo. Segundo Marlene de Fáveri, *esta elite, que foi surgindo em Itajaí, foi se construindo num processo ativo cujos membros foram selecionados e preparados através de um acesso limitado e excludente*.⁴² Nestes jogos de poder, regras rígidas eram impostas tanto a quem fazia parte desta elite, tendo que saber se comportar nos espaços de sociabilidades, como também a quem estava fora dela, já que não era admitido que pessoas “comuns” entrassem em áreas restritas a elite, como clubes e sociedades recreativas.

Em relação a esta época, Jorge Ludovino d’Ávila faz referência a alemães e italianos, sejam eles imigrantes ou descendentes, e mostra que estes também compunham a população da cidade e, de alguma maneira, eram vistos de uma forma “distinta” pelos estivadores do porto, provavelmente por trabalhar em outros ramos laborais, ligados ou não ao porto, existentes em Itajaí na década de 1920, segundo ele, *essa raça de alemão, italiano, estrangeiro não procurou o trabalho na estiva..*

Ali era tudo brasileiro, tudo caboclo, né? Caboclo, descendente de português... português tinha muitos né? (...) Tinha baiano, tinha pernambucano, tinha alagoano, tinha sergipano.... tinha tudo. E tinha também português nato de Cabo Verde.⁴³

Apesar do depoimento de Jorge Ludovino d’Ávila fazer referência à procedência dos operários do porto nos anos vinte, os quais *desembarcavam, casavam por aqui e se encaixavam na estiva*⁴⁴, é possível através dele entender a formação da população de Itajaí, onde os já “naturais” da cidade passaram e ainda passam a conviver e a dividir espaços com migrantes.

Ainda em relação ao início do século XX, Celso Liberato, que frequentemente aparece escrevendo na revista *Blumenau em Cadernos*, se refere aos anos 1920 em Itajaí, e

⁴¹ KONDER, Gustavo. Influência Alemã no município de Itajaí. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XI, Maio de 1970, n. 5. p. 84.

⁴² FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido**: Itajaí, a construção das elites (1929 – 1960). 2. Ed. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

⁴³ SILVA, José Bento Rosa da. *Op. cit.* p. 123.

⁴⁴ SILVA. Idem p. 123.

pontua que *naquela época quase todos os comandantes de navios de Itajaí eram portugueses, como o Capitão Moraes o Capitão Adolpho, e o Capitão Rosas.*⁴⁵

As fontes me levam a pensar que em Itajaí poderia existir uma rede social que se formava em torno do porto, na qual alguns dos imigrantes ou descendentes de alemães dominavam o comércio, já outros trabalhadores, impulsionados por uma mão-de-obra formada, em uma melhor classe laboral, por portugueses e seus descendentes, e, em uma classe laboral de menor remuneração, por migrantes de outros locais do estado que buscavam na estiva o exercício do trabalho. Estas análises se fazem necessárias para compreender como determinados grupos sociais detentores de um certo tipo de poder fazem uso de sua posição em prol de benefícios próprios. Condição esta, que aceita, me permite discutir nas próximas páginas como certos espaços inseridos na área de estudo deste trabalho, foram “apropriadas” ou adquiridas por pessoas “letradas” ou detentoras de cargos influentes na cidade de Itajaí. Entenda-se "apropriadas" como o ato em que áreas de propriedade privada passaram por um processo de legalização através de órgãos públicos em nome de terceiros. Cabe lembrar que é na esfera econômica que se destacaram os imigrantes e descendentes, inserindo-se assim, na esfera pública e política e, conseqüentemente, nas sociabilidades das elites.

Blumenau em Cadernos, utilíssima publicação dirigida pelo sr. Ferreira da Silva, registra o que já era em fins do século passado o porto de Itajaí, grande entreposto de madeira serrada. Ali ancorava uma bela frota de navios à vela que se incumbia do transporte para as praças de Santos, Rio de Janeiro e outros. Eram as barcas “Emilia”, de Bruno e Nicolau Malburg; os lugres “Almirante”, de Antonio Pereira Liberato; “Dom Guilherme”, “Wulf” e “Fidelidade”, de Guilherme Asseburg; “Vieira” De Marcos Konder Senior e “Brusque”, um assombro de veleiro, de João Bauer.⁴⁶

O nosso vaporzinho “Progresso” estava amarrado ao trapiche da firma Asseburg e todos os demais trapiches estavam tomados por grandes e pequenas embarcações, desde o dos Konder até os do Liberato.⁴⁷

⁴⁵ LIBERATO, Celso. A última viagem do “Brusque”. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XII. Fevereiro de 1971, n. 2, p. 39.

⁴⁶ FERREIRA, Barros. A costa catarinense tem tantos portos que rivalizam entre si. In: **Blumenau em Cadernos**, Tomo XII, n.º. 1, Janeiro de 1971, p. 119.

⁴⁷ MULLER, Fernando. O Naufrágio do Potosi. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XI, n.º 2, Fevereiro de 1970, p. 22.

As citações acima fazem referência a famílias de origem germânica que dominavam ou, então, mais se destacaram no comércio de Itajaí, como também ocupavam lugar significativo no transporte de cargas para os centros compradores. Isto leva a pensar que a formação da cidade de Itajaí está ligada, então, aos interesses destes grupos que desde cedo fortaleceram relações políticas e comerciais ligadas ao porto, e a ele, entrelaçam-se *outras cidades através do comércio, do lazer, da indústria e da etnia, formando-se uma elite regional no Vale do Itajaí*⁴⁸. Este entrelaçar de relações sociais de grupos de comerciantes que se enriqueceram em função das atividades de escoamento da produção das colônias do Vale do Itajaí como Brusque e Blumenau, permitiu que se criassem nós que, até hoje, são difíceis de serem desatados.

Cristiane Manique Barreto analisa que Itajaí, Brusque e Blumenau uniram-se por laços significativos e forneceram os mais importantes quadros ao Partido republicano, durante a Primeira República (1889 – 1930)⁴⁹. Lauro Muller, Victor Konder e Adolpho Konder tiveram destaque nacional, Marcos Konder, Irineu Bornhausen, a nível estadual, e outros troncos familiares no nível local como os Malburg, Asseburg, Bauer, Heusi em Itajaí. Já os Hering, Feddersen, Schader se destacaram em Blumenau, e em Brusque, aparecem os Renaux e outras famílias.

Vale ressaltar ainda, que apesar das fontes enfatizarem a atividade portuária como a principal força motriz do crescimento econômico da cidade, outras atividades que geravam renda e emprego para Itajaí também existiram nesta época. Empresas como a Companhia Fábrica de Papel Itajaí, *a mais antiga indústria do Município*⁵⁰, o Curtume Schneider *que foi o primeiro do Estado*⁵¹, a Tecita, ou a Empresa de Tecelagem Itajaí, e a Fábrica de Tecidos Azevedo Petermann & Cia, a qual segundo d'Ávila foi a *responsável pela admissão em Itajaí da primeira mulher operária itajaiense, a Sra. Ana Couto, em 1925*,⁵² fizeram também parte deste contexto. Se a cidade crescia em função dos operários e

⁴⁸ BARRETO, Critiane Manique. *Op. cit.*, p. 16

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ d'ÁVILA. *Op. cit.*, p. 63.

⁵¹ KONDER, Gustavo. *Op. cit.*, p. 85.

⁵² d'ÁVILA. *Op. cit.*, p. 71.

empresários do porto, este crescimento também poderia ter sido influenciado por operários e empresários de outros ramos industriais.

Ora, a cidade crescia ano após ano. Crescimento este seja ele na esfera econômica ou demográfica, influenciado principalmente pela atividade portuária, que demandava melhorias para abrigar ou reorganizar as mudanças ocorridas no cenário do município. Com uma economia influenciada sensivelmente pelos movimentos de carga e descarga do porto, ruas deveriam ser abertas, melhoradas ou até realocadas para facilitar o acesso dos caminhões ao local.

Hoje, o mesmo Porto continua crescendo e locais que antes comportavam lojas, bares, residências, a sede da Prefeitura Municipal de Itajaí (em 2002) e outras áreas comerciais, foram demolidas e transferidas para novamente *modernizar* e ampliar a área portuária. Um dos atuais projetos da Prefeitura Municipal local e da Superintendência do porto de Itajaí, é justamente (re)modelar toda esta área, substituindo as construções demolidas por novas e “modernas” áreas de lazer. Numa notícia intitulada *De olho no futuro*, aparece um comentário do que se espera para o município, ou melhor, para a área as margens do rio Itajaí-Açú, onde se localiza a área portuária. A nota mostra que:

As remodelações no visual da cidade têm como ponto de partida o local onde Itajaí começou a trilhar seus caminhos para se tornar o pólo turístico do Vale. De olho na modernidade, o Porto vai trabalhar para valorizar o centro da cidade como o maior ponto de lazer de uma região que se projeta como o segundo conglomerado urbano de Santa Catarina em população.⁵³

A Formação do Balneário Cabeçudas – A busca pela modernidade contínua

Como já abordado anteriormente, em função da significativa influência do porto na economia da cidade, estratégias deviam ser tomadas frente aos problemas que afetavam a boa marcha do movimento portuário. Um dos principais problemas, também já abordado,

⁵³ ITAJAÍ 143 ANOS. De olho no futuro. O projeto Borda D'Água, do Porto de Itajaí, vai valorizar as belezas da cidade e estimular o turismo. Edição especial Comemorativa ao aniversário de 143 anos de emancipação político-administrativa de Itajaí. Itajaí, junho de 2003, p 11.

era a entrada da barra, a qual oferecia sérios obstáculos a navegação, por causa das ressacas do mar na foz do rio. Gustavo Konder relata que *quando havia mau tempo (...) eram dias verdadeiramente calamitosos para o comércio exportador e importador, pois os navios desistiam de entrar, rumando para outros portos mais próximos.*⁵⁴ Vale ressaltar que contemporâneo a esta época, investimentos alemães no Vale do Itajaí, principalmente na construção de estradas de ferro e venda de maquinários e mercadorias, tornava ainda mais urgente um repensar sobre os problemas de entrada e ancoramento no porto. Sônia Moreira, analisa que os grandes comerciantes de Itajaí empenharam-se na concretização de melhoramentos para o porto, e para isto fizeram valer na época, da projeção política nacional de itajaienses, em especial de membros das famílias Müller e Konder. Ela também ressalta que:

Assim em 1905, nasce o primeiro projeto de melhoramentos do porto de Itajaí, havendo Lauro Müller, então Ministro da Aviação, autorizado obras no sentido de criar um maior raio na embocadura da barra com o máximo recuamento do Pontal, criando-se, dessa forma, espaço para a entrada de navios de grande porte. Achava-se também incluído no projeto a construção de um cais que, iniciando-o na Praça da Matriz, seguiria em linha reta à montante do rio, numa extensão de 700m servindo à área de maior movimentação portuária. Projetava-se, ainda, a correção da margem esquerda do rio, (...) diminuindo consideravelmente a profundidade do ancoradouro e exigindo a construção de "espigões" de pedras no Pontal.⁵⁵

Não procuro neste momento introduzir novamente uma discussão sobre os projetos de modernização do leito portuário de Itajaí, mas sim fazer uso de um pouco da história de uma das obras efetuadas pela *Comissão de Melhoramento do Porto de Itajaí*,⁵⁶ ou seja, a construção dos espigões que promoveu *a arrancada das pedras dos morros, começando além do antigo hospital até a entrada da praia de Cabeçudas.*⁵⁷ E conforme as fontes indicam foi este afastamento *das pedreiras, nas bases dos morros (...)* que deu lugar *a primeira estrada retificada e planificada para o maravilhoso balneário de Cabeçudas.*⁵⁸

⁵⁴ KONDER, Gustavo. *Op. cit.*, p. 108.

⁵⁵ MOREIRA. Idem. p. 84.

⁵⁶ d'Ávila, Édison. *Op. cit.*, p. 67.

⁵⁷ KONDER, Gustavo. *Op. cit.*, p. 108.

⁵⁸ Idem.

Conforme mostra a imagem abaixo, foi a partir deste momento então, que passo a fazer referência deste espaço praiano como forma de inseri-lo no contexto histórico deste trabalho. Porém, o meu olhar de historiadora me fez perceber algo nas palavras de Gustavo Konder que merecia ser discutido, apesar de minha intenção de não me aprofundar muito neste assunto. Ele cita que as pedras que eram retiradas da morraria *eram transportadas em vagonetes rasos e puxados por uma pequena locomotiva, movida a vapor, até ao cais e posteriormente ao espigão.*⁵⁹

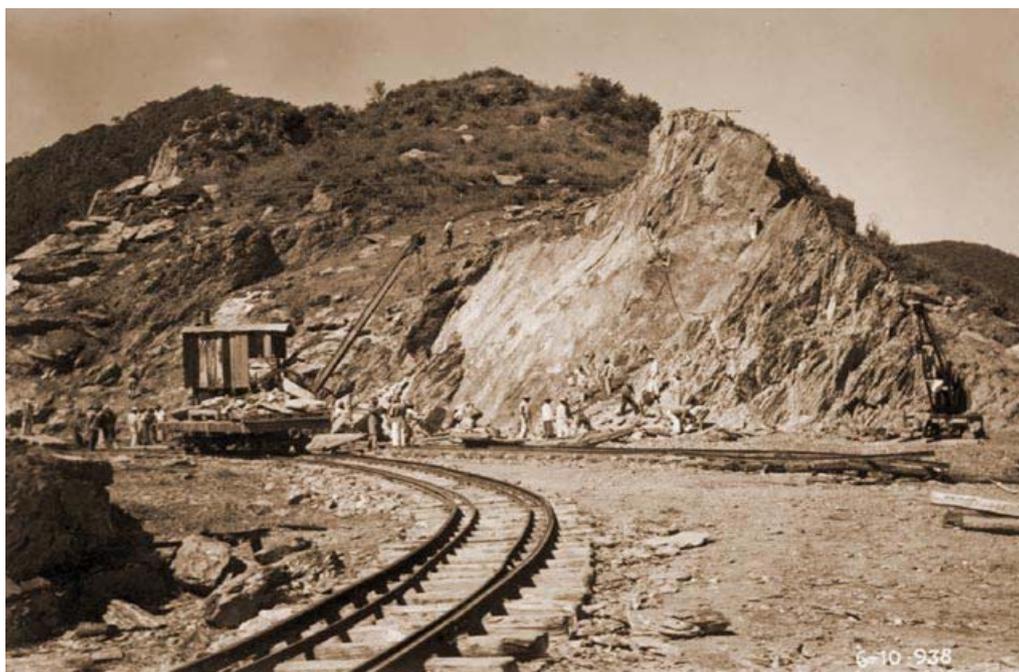


Figura 9 - Extração de pedra para o Molhe Sul, e abertura da estrada de acesso a Cabeçadas. 06/10/1938. Autor não informado.

www.portoitajai.com.br/institucional/fotos_molhe.php

Em uma primeira leitura conclui-se ser este espigão de pedras, o atual molhe que segue, paralelo ao leito do rio Itajaí, em direção ao mar junto à Praia do Atalaia. Porém, ao analisar um mapa que ilustra um projeto que planejava uma possível transferência da área portuária do centro de Itajaí, ou então, a ampliação da área portuária na região de Cabeçadas, esta leitura inicial se revelou incoerente, pois segundo as fontes consultadas, a obra de construção do espigão de pedras foi executada durante a década de 1910, e neste

⁵⁹ KONDER, Gustavo. *Op. cit.*, p. 108.

mapa, cuja data remonta ao ano de 1930, não é possível visualizar o traçado do que hoje é a porta de entrada do porto de Itajaí. A figura abaixo se refere ao projeto citado neste parágrafo, e através de legendas, procuro facilitar a visualização dos espaços citados nesta discussão. Ainda como se pode visualizar na figura a seguir, nota-se o aglomerado urbano que se formava próximo ao porto às margens do Rio Itajaí-Açú (1), bem como Cabeçudas, que apesar do mapa apresentar ruas traçadas (10), segundo Angelo Ricardo Christoffoli, não havia até o início da década de 1930 *uma sistematização dos espaços geográficos* deste local, mas sim, uma disposição em uma *forma espacial aleatória, ou seja, sem uma divisão social visível*.⁶⁰



Figura 10 – Desenho do projeto de fixação do estuário do Rio Itajaí-Açú onde aparece a opção inicial de construir os cais do porto em Cabeçudas. Década de 30. Os números inseridos representam a área portuária do município (1); a praiinha do saco da Fazenda (2); o balneário de Cabeçudas (3); (4) a Praia do Atalaia; (6) Entrada do canal do Porto de Itajaí.

Fonte: www.portoitajai.com.br/institucional/fotos_porto.php. Alterado por A. H. Roman.

Então, o referido espigão de pedras configurou-se, literalmente, como um divisor de águas entre o Rio Itajaí (1) e o saco da Fazenda (2). Mais uma vez, faço menção de que na figura acima não existe o traçado do que hoje vem a ser os molhes da entrada do canal do

⁶⁰ CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo. **Cabeçudas 1910-1930: A praia como Padrão de Conduta Social.** Balneário Camboriú, 2000. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do

Rio Itajaí-Açú (4) que delimitam a Praia do Atalaia (5), porém neste mapa já aparece um traçado hipotético do que viria a ser a atual configuração do canal de entrada do Porto de Itajaí (6). João Pery Brandão na apostila "Itajaí que eu vi"⁶¹ (datada de 1982, porém não publicada), rememora que durante o período em que Lauro Müller fora Ministro da Viação, o governo brasileiro juntamente com o governo alemão, planejavam a construção de uma Estrada de Ferro que cortava todo o Estado de Santa Catarina. Este projeto permitiria que toda a necessidade de escoamento da produção ou necessidade de produtos (industrializados ou não) fosse transportada ou atendida. Segundo Brandão, esta estrada de ferro teria como escoadouro o porto de Itajaí, como ele mesmo rememora:

Pretendiam utilizar o remanso junto ao morro do Farol (6)⁶² na altura do Iate Clube (7),⁶³ com a construção de um molhe em direção a Pedra Santa Tereza (8)⁶⁴ para proteção das embarcações ancoradas, projeto este prejudicado pela primeira grande guerra mundial.⁶⁵

Sendo o objetivo deste projeto ampliar ou transferir a área portuária do centro de Itajaí para a região de Cabeçudas, ele não chegou a ser concretizado, pois com o estopim da I Guerra Mundial (1914 – 1918), o rompimento das relações entre Brasil e Alemanha, provavelmente impediu que Cabeçudas e, talvez, toda a área estuarina do Rio Itajaí-Açú, viessem a comportar hoje a área portuária de Itajaí, condenando as praias de Cabeçudas, Geremias (9) e Atalaia, bem como a região do Saco da Fazenda, aos movimentos de carga e descarga dos navios cargueiros. Embora isto seja apenas uma hipótese de algo que poderia vir a acontecer, se em um primeiro momento, no início do século XX, Cabeçudas quase deserta *rodeada de morros irregulares e cobertos de exuberantes florestas, quase inabitada, existindo apenas algumas cabanas de pescadores*,⁶⁶ abrigaria a construção de

Itajaí, Balneário Camboriú, p 82

⁶¹ Disponível para consulta no Arquivo Histórico de Itajaí.

⁶² Refere-se ao número utilizado para representar a posição deste local na figura 10. O farol de Cabeçudas foi construído em 1902, como forma de auxiliar a navegação dos navios que vinham em direção ao Porto de Itajaí.

⁶³ Refere-se ao número utilizado para representar a posição deste local na figura 10.

⁶⁴ Faz referência ao número utilizado para representar a posição deste local na figura 10. Conforme João Pery Brandão em sua apostila "Itajaí que eu vi", esta denominação é consequência do naufrágio da embarcação Santa Tereza que colidiu com esta pedra submarina. O local hoje é sinalizado com uma bóia.

⁶⁵ BRANDÃO, João Pery. **Itajaí que eu vi**. 1982. Apostila sobre a cidade de Itajaí que se encontra no acervo do Arquivo Histórico Municipal de Itajaí.

⁶⁶ KONDER, Gustavo. *Op. cit.*, p. 108.

uma estrutura portuária, em um segundo momento, ela veio a se transformar nos anos de 1920 em *um espaço privilegiado de sociabilidades para as elites de Itajaí*⁶⁷ e região, que desde 1910, foi sendo apropriada como um local para o descanso das elites que passaram a ditar modas e padrões de conduta ao estar à beira-mar.

Numa nota do jornal *O Careca*, que pertencia às famílias Heusi, Fóes, Mascarenhas entre outros proprietários considerados de “elite” em Itajaí, faz referência ao estabelecimento de um certo enfoque de beleza e desejo pela praia de Cabeçudas em 1930, tornando o local “cobiçado e desejado” *antevendo uma nova relação da mulher com o mar e da mulher com a sociedade*⁶⁸. Segundo a nota,

Ao fundo, o mar... e a “moda” sabe despir as mulheres de uma maneira tão singular... De vez em quando passam na nossa frente algumas sereias, que não sabemos se são de ontem ou de hoje.

De uma nudez perturbadora elas gargalham ironicamente (...) Corpinhos nus, mostraram sua beleza pagã, ao osculo do sol, (...) Cabeçudas é uma verdadeiro Éden artificial.

Se o sortilégio está no ambiente, cada qual o sente de acordo com seu temperamento. A mim inebria-me, e quando deito, eu faço das areias, alcova, só para sonhar com as banhistas.⁶⁹

A praia de Cabeçudas é aqui vista como um Éden imaginário, como um local “sonhado” que mostra ao mesmo tempo, como diria Marshall Berman⁷⁰, a legitimação de um comportamento moderno que desperta a vontade de estar na moda. Cabeçudas nas primeiras décadas do século XX é um local para poucos, um espaço para a “elite”, um espaço reservado a vaidade e moda, que só a podiam e a podem ostentar, os que possuem meios econômicos para isto. *O Jornal do Povo* em 1940 faz alusão a uma “nova” Cabeçudas, que embora o nome dado a ela seja, segundo a nota,

tão pouco expressivo das suas bellezas e da sua poesia..., trocou seu vestido de chita e sua blusa de cambraia pelos figurinos de

⁶⁷ FÁVERI (1996) *Op. cit.*, p. 69.

⁶⁸ SOUZA, Sandra Maria Silva da. **Cabeçudas**: sua representação no ideário de uma elite em formação/ Itajaí (1900 – 1930). Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 1999, p. 10

⁶⁹ *O Careca*. N. 17 – 26 de julho de 1931. Acervo do Arquivo público de Itajaí.

⁷⁰ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Copacabana. Cabeçudas está vestida de novo, jogou fóra os seus galpões e suas casinhas de madeira, para erguer vivendas magníficas. Desistiu das corridas pela areia, para dedicar-se ao tenis. melhorou muito, como diria o carioca⁷¹

A nova cara de Cabeçudas agora na década de 1940, "melhorada" com suas casas magníficas de pessoas endinheiradas, que foram se estabelecendo no local e substituindo os ranchos de pescadores que chegaram ali no início do século XX, mostra a busca pelo novo e pelo "moderno" não acaba, ele parece ser sempre uma procura, uma busca de algo que possa vir a substituir o que se tem ou aquilo que se teve. Esta sempre nova investidura, certamente diz respeito a esse ideal de modernidade, procurando sempre algo novo e moderno, algo que possa substituir o velho. Nos anos de 1920, o ideal de modernidade neste pequeno espaço praiano, aliava-se à construção de um calçadão na avenida à beira mar, que pude-se servir como passeio para aqueles que ali passariam suas temporadas de verão.



Figura 11: Praia de Cabeçudas no início do século XX. Nota-se na figura a vegetação de restinga que se estendia ao longo da praia. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Itajaí. Tombo 002/00437

⁷¹ **Jornal do Povo.** Cabeçudas vestida de Novo. Itajaí, 30 de outubro de 1940.

Também nesta mesma época, a praia foi desmatada para dar espaço às árvores que hoje se encontram no local, tirando então o mato ou a vegetação de restinga que cobria parte da areia da praia neste local, como pode ser visualizado na imagem acima. Em 1927 Cabeçadas é transformada em perímetro urbano⁷², *transformando-se, portanto, em um espaço privilegiado de sociabilidades*⁷³. Nos anos de 1930, falava-se das banhistas que com uma *nudez perturbadora* davam, segundo o autor da nota, a idéia de estar *num Éden artificial*⁷⁴. Cabe aqui lembrar que os jornais,

na medida em que se constroem sujeitos e reafirmam idealidades, estão de acordo com as subjetividades que estão sendo vivenciadas, pois alcançam um certo público leitor: eles mesmo, as camadas cultas, ou um público que se lê e se dá publicidade, escreve cartas, desenvolve a sua subjetividades⁷⁵.

Assim, refletem o ideário da *elite* itajaiense dona também dos meios de comunicação. A *Rádio Difusora Itajaí*⁷⁶, fundada em 1942 pertencia a Dagoberto Nogueira e Adolfo Konder, pessoas ligadas à elite, também o *Jornal do Povo*, um dos jornais de maior circulação no município era de propriedade de Abdón Fóes, que também circulava dentro deste grupo social. Este mesmo grupo, que passou a implantar em Cabeçadas seu ideário burguês, constantemente estava buscando novos espaços e locais onde pudessem ser visto e distinguidos. Assim, o Balneário Cabeçadas, local "reservado" à elite, que de perto ou de longe, de dentro ou de fora, despertou e desperta admiração daqueles que a viam e a vêem, passou por várias mudanças de condutas e, conseqüentemente, alterou o espaço praiano e vice versa.

⁷² Atas do Conselho Municipal – Arquivo Histórico de Itajaí.

⁷³ FÁVERI (1996) Idem. p. 69.

⁷⁴ **O Careca**. N. 17 – 26 de julho de 1931. Acervo do Arquivo público de Itajaí. Idem.

⁷⁵ FÁVERI, Marlene de. O jornalismo irreverente em Itajaí: "Tom-Pouce" e "Futurista". In: **Revista Alcance**, ano 4, I. Itajaí: Editora da Univali, jan/jun. 1997, p. 71 - 72.

⁷⁶ Sobre a radiodifusão em Itajaí, nas décadas de 1940 e 1950, tendo como fio condutor à experiência de Irene Boemer, primeira radialista de Itajaí, ler: LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. **A Personagem na História**: Irene Boemer, educação e radiodifusão em Itajaí (1940 – 1950). Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. PROBIC, Univali, Itajaí, agosto de 2001.



Figura 12: O Balneário de Cabeçudas na década de 1930. Acervo do Arquivo Municipal de Itajaí. Tombo n. 00077.

Este mesmo ideal de revitalizar, remodelar, reurbanizar a orla marítima da cidade passa a ocorrer novamente nos dias de hoje através do Projeto Borda d'Água⁷⁷ e também através do Projeto de Revitalização da Orla marítima da Praia Brava.⁷⁸ Vale ressaltar que isto não significa dizer que os projetos do agora sejam uma continuidade dos projetos das primeiras décadas do século XX, mas sim faço referência a eles como uma nova tentativa de valorizar áreas próximas ao mar e agora ao rio, como bem justificam os idealizadores do projeto Borda d'água:

Cidade nascida do porto, Itajaí sempre marcou a sua identidade na relação estreita com o mar e com a atividade marítima. (...) É no aprofundamento desta relação que deve residir a sua estratégia de afirmação. A valorização da orla marítima, de Cabeçudas ao porto comercial, fará de Itajaí, mais uma vez, uma cidade atraente, que proporciona qualidade ambiental aos moradores e surpresas aos turistas. Toda uma rede de prestação de serviços pode tirar partido desta opção: hotéis, passeios e alugueis de embarcações, portos de entretenimento, marinas, estaleiros, bares e restaurantes. O centro da cidade fica particularizado por atrativos que vão da beleza natural, em Cabeçudas, no Farol e na Atalaia, até a qualidade

⁷⁷ Projeto desenvolvido pelos Arquitetos Dalmo Vieira Filho, Luciana Ferreira e Silvana Pitz, a ser executado pela Prefeitura Municipal de Itajaí e Porto de Itajaí.

⁷⁸ Projeto que contempla a revitalização do campo de dunas deste local bem como a pavimentação e urbanização da Avenida Beira-mar desta Praia de Itajaí. Apresentado publicamente pela Prefeitura em 15 de Abril de 2003.

excepcional possibilitada pelo mais valorizado elemento urbano da atualidade: as bordas d'água. Grandes navios de turismo, atracados no píer recém construído, barcos de pesca, enormes cargueiros, embarcações de pesca artesanal, lanchas e veleiros de passeio, serão os elementos que haverão de proporcionar colorido único à paisagem urbana central de Itajaí.⁷⁹

Modernizar parece ser o lema de várias administrações, não só de Itajaí, mas também de outras cidades como Florianópolis, onde o discurso de modernidade⁸⁰, de certa forma, é utilizado para designar o que vem ou o que está sendo feito, dito ou pensado, e vem substituir o que passou, o passado.

Marshall Berman aponta *o bulevar* como o signo marcante do urbanismo oitocentista e *a rodovia* como um dos traços marcantes do urbanismo do século XX. Em ambos os casos segundo ele, se reúnem *explosivas forças materiais e humanas* que tendem a estar sempre separadas numa estranha dialética de um tipo de modernismo em que *ao mesmo tempo encontra energia e se exaure a si mesmo, tentando aniquilar o outro, tudo em nome do modernismo*⁸¹. O autor, fazendo um contra ponto com a obra de Charles Baudelaire⁸² e citando Le Corbusier⁸³, considerado segundo ele o maior arquiteto do século XX, analisa que a rua deixou de ser o espaço dos homens para se tornar o espaço dos veículos e da velocidade. Ainda, referindo-se ao início do século XX em algumas cidades européias como Paris onde vivera Le Corbusier, pontua que *a relação dos jovens estudantes com a rua representava a sua relação com o mundo; o mundo era – ou parecia ser – aberto a eles*⁸⁴, mostrando que as transformações urbanísticas numa cidade de maneira brusca ou não, alteram e modificam a vida daqueles que nela se relacionam.

Hoje, nas grandes metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Bogotá entre outras, rápidos e extensos viadutos que aceleram a própria vida convivem com

⁷⁹ FILHO, Dalmo Vieira, FERREIRA, Luciana e PITZ, Silvana. **Projeto Borda d'Água**. www.portoitaiai.com.br/borda/justificativa.htm

⁸⁰Sobre o ideal de modernidade que carrega com sigilo a busca pelo novo, pelo belo em seu caráter aristocrático como promessa da felicidade ver: BAUDELAIRE, Charles, 1821 - 1867. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1996.

⁸¹ BERMAN, Marshall. *Op. cit.*, p. 159

⁸² BAUDELAIRE, Charles.(1821 – 1867) **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

⁸³ Charles Edouard (1887 – 1965) nasceu em Jeanneret - Switzerland, aos 29 anos, foi a Paris, onde logo após adotou o nome do seu avô materno Le Corbusier como seu pseudônimo.

www.fondationlecorbusier.asso.fr

os velhos edifícios, praças e construções que foram “preservadas” e que um dia foram símbolos de modernidade. A modernidade traz e busca sempre algo de novo. Ser moderno de alguma forma indica determinados elementos que podem caracterizar diferentes momentos e lugares históricos, também é viver num mundo de paradoxos e contradições. A modernidade sem dúvida conduz à criação de algo real, mas também a conservação de locais e práticas sociais, segundo Berman ser moderno *é ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador*⁸⁵.

Leonora Portela de Assis analisa a construção da “Florianópolis em capital Turística”, como sendo um projeto político das décadas de 1960, 1970 e 1980, que se alia *numa lógica presente por todo o país: a febre do desenvolvimentismo*⁸⁶. A propaganda de “Ilha da Magia” foi e é vendida no Brasil e no mundo com o intuito de valorizar economicamente a ilha, como também para atrair mais turistas e engordar os cofres públicos. Em Florianópolis⁸⁷ se tenta aterrar literalmente todo e qualquer aspecto provinciano construindo pontes, alargando ruas, aterrando o passado. Nesta busca pela modernidade ou pelo moderno, um turbilhão de rápidas mudanças acontecem, *que transformam o conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o ritmo da própria vida*⁸⁸ entre outras mudanças, transformam o nosso cotidiano muitas vezes de forma brusca, sem termos tempo, muitas vezes, de acompanhar estas mudanças ou sequer percebê-las.

Balneário de Camboriú – A pérola do Atlântico.

Este rápido e explosivo crescimento urbanístico e demográfico também foi vivido em Balneário Camboriú, cidade vizinha de Itajaí, chamada de *Pérola do Atlântico*⁸⁹ durante

⁸⁴ BERMAN. Idem, p. 160

⁸⁵ BERMAN. Idem, p. 13.

⁸⁶ ASSIS, Leonora Portela de. **Planos, Ações e Experiências na transformação da “pacata” Florianópolis em capital turística.** Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, p.8

⁸⁷ Sobre os projetos que atualmente dividem a população de Florianópolis, ver FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida - dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis.** Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

⁸⁸ BERMAN. Idem, p. 16.

⁸⁹ Balneário Camboriú é referenciada desta forma em vários anúncios jornalísticos e folders promocionais datados desde a primeira metade do século XX até a década de 1990.

boa parte da segunda metade do século XX, como forma de se referir enaltecendoramente ao município e, em especial, a sua praia central. Neste local, quando este ainda fazia parte do município de Camboriú, por isso a denominação “Balneário de Camboriú”, a procura pelo mar fez com que entre os anos de 1948 e 1952, o número de domicílios aumentasse de 41 para 620 casas⁹⁰. Embora a população fixa neste mesmo intervalo não tenha crescido significativamente, foi através do turismo e a conseqüente aquisição de casas e apartamentos pelos veranistas que ano após ano freqüentaram e freqüentam esta cidade balneária, que condicionou este local a números que justificam o “rápido e explosivo crescimento” do atual município de Balneário Camboriú. Dados do I.B.G.E mostram que em 1995, a cidade contava com uma população fixa de 35.000 habitantes que saltava para próximo de 500.000 durante os meses de verão.⁹¹

Em 1964, foi criado o município de Balneário Camboriú, sendo-lhe destinada toda a área leste que faz divisa com o Oceano Atlântico, isolando o Município de Camboriú do contato com o mar. Balneário Camboriú desde 1959 era Distrito de Camboriú, mas o rápido crescimento populacional e abertura de locais comerciais, criaram-lhe autonomia econômica e posteriormente política. Vários hotéis foram construídos, casas, edifícios com apartamentos que eram comprados para morar ou para locar nos meses de verão. Segundo Magda Lee, para *Balneário Camboriú o mar foi o elemento motor que possibilitou seu desenvolvimento*⁹² econômico e turístico. O mar passou a ser visto neste momento, como um local não só de lazer⁹³, mas de geração de renda através do turismo, que foi e ainda é o motor principal que movimenta a economia nesse município.

Na década de 1960 em diante, Balneário Camboriú começa a erguer seus altos prédios na orla marítima, verticalizando o crescimento da cidade e agrupando seus moradores e visitantes em apartamentos.

⁹⁰ LEE, Magda Starke. **O processo de urbanização de Balneário Camboriú**. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁹¹ Censo IBGE, 1995.

⁹² LEE, Magda Stake. *Op. cit.*, p. 15.

⁹³ O Lazer não é sinônimo de descanso, já que o lazer está ligado as práticas institucionais que chegam com a industrialização e urbanização. DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.



Figura 13: Balneário de Camboriú. Ano de 1956. Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí. Tombo 00062.

Há uma apropriação *da paisagem marinha pelos apartamentos localizados à beira mar*⁹⁴. Estes prédios são indicadores muitas vezes de *status*, por morar à beira mar, diferenciando-se daqueles que não têm a “privilegiada” vista azul. Segundo Silvio S. Macedo, um prédio permite abrigar *maiores contingentes populacionais do que seria possível admitir em habitações horizontais, e, por conseguinte (re)valorizar estas áreas urbanas pelo aumento de seu potencial de aproveitamento*⁹⁵. Magda Lee pontua que:

Balneário Camboriú transformou-se rapidamente, modificando seu uso do solo, afastando casebres de pescadores e casas de veraneio para dar lugar a edifícios que hoje se tornaram “marca registrada” da cidade. Balneário Camboriú vive hoje em dois ritmos. No inverno o ritmo da população local, e no verão o ritmo da “temporada”. Este último torna a cidade do inverno irreconhecível. A concentração de pessoas e automóveis no verão transforma a pequena cidade impondo-lhe um ritmo agitado de cidade grande.⁹⁶

⁹⁴ LEE. Idem.

⁹⁵ MACEDO, Silvio S. **São Paulo, paisagem e habitação verticalizada e os espaços livres como elementos do desenho urbano**. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁹⁶ LEE. Idem. p. 42



Figura 14: Balneário Camboriú. Vista da Praia Central. Década de 1970. Acervo do Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.

www.camboriu.sc.gov.br/arquivo/main.cfm?pag=galeria.cfm&imagem=22

Ainda em relação à transformação do espaço neste local, Elizabeth Pradi⁹⁷ faz uma análise de como os pescadores nativos de Balneário Camboriú que moravam de frente para o mar, foram sendo “expulsos” do seu local de moradia e trabalho, vendendo os terrenos por preços muito baixos para veranistas e comerciantes que queriam investir no local. Estes pescadores foram comprando outras áreas distantes do mar que hoje compreendem a periferia de Balneário Camboriú para se instalar com suas famílias.

Balneário Camboriú crescia, e ainda cresce. Uma cidade “moderna” ou sempre em busca da modernidade onde um contínuo aperfeiçoamento de sua infra-estrutura pública passou a ser o maior objetivo de seus administradores, visando à melhoria da qualidade de vida de sua gente e, sobretudo, a adequação da cidade para a recepção de seus visitantes⁹⁸. Cidade que desde cedo foi vista como sinônimo de “progresso”, chamando a atenção de novos moradores e veranistas, “distinguindo-se” das cidades vizinhas, das quais Itajaí também faz parte.

⁹⁷ PRADI, Elizabeth. **De frente para o mar**. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 1999.



Figura 15a : Atual configuração urbana da Avenida Atlântica (Beira-mar) na cidade de Balneário Camboriú. www.hotelrecantodasaguas.com.br/wallpaper.asp

Numa nota no *Jornal de Itajaí*, Arno Melo Schlichting, escritor e poeta, compara Itajaí à Balneário Camboriú, e refere-se ao local onde mora, Itajaí, como uma cidade

Pobre. Sem grandes perspectivas de futuro. Quieta. Calma. E o que era pior: uma cidade portuária, uma terra de ninguém, de marinheiros, de estrangeiros sem rumo e sem porto. Terra perigosa, de prostituição. O povo sujeito aos golpes aplicados por malandros. Coisas boas: um hiper-mercado. Pequenas praias. Uma Fundação de Ensino Superior. E só. O resto era o de uma cidade comum, piorada. Mas tinha um ponto positivo: era bem próxima de Balneário Camboriú⁹⁹.

O autor baseado na sua experiência e vivência de cidade faz alusão à “calma” de uma cidade portuária. Há aqui um ponto que merece ser levado em conta, já que estas representações sobre o que pode ser visto como sinônimo de coisas boas ou não, está ligado ao nosso referencial de vida e a forma de ver e entender o nosso cotidiano, o nosso mundo. Arno Melo se refere ao ano de 1980, quando foi morar em Itajaí com sua família, e pontua

⁹⁸ www.balneariocamboriu.com.br/cidade/index.php. 03 de maio de 2003.

que, *foi o quadro que me pintaram dela, antes de vir*. Cabe aqui lembrar Marlene de Fáveri que nos diz que *o ato de recapturar o passado é sempre seletivo*¹⁰⁰ e mostra que o fato de ele estar fazendo referência a um local que primeiramente lhe pareceu “calmo e quieto”, certamente tem relação às lembranças da sua experiência de vida.

O autor baseado na sua experiência e vivência de cidade faz alusão à “calma” de uma cidade portuária. Há aqui um ponto que merece ser levado em conta, já que estas representações sobre o que pode ser visto como sinônimo de coisas boas ou não, está ligado ao nosso referencial de vida e a forma de ver e entender o nosso cotidiano, o nosso mundo. Arno Melo se refere ao ano de 1980, quando foi morar em Itajaí com sua família, e pontua que, *foi o quadro que me pintaram dela, antes de vir*. Cabe aqui lembrar Marlene de Fáveri que nos diz que *o ato de recapturar o passado é sempre seletivo*¹⁰¹ e mostra que o fato de ele estar fazendo referência a um local que primeiramente lhe pareceu “calmo e quieto”, certamente tem relação às lembranças da sua experiência de vida.

⁹⁹ SCHLICHTING, Arno Melo. Antes de uma nova Geração. **Jornal de Itajaí**, Itajaí, Fevereiro de 2003. p. 2

¹⁰⁰ FÁVERI, Marlene de. **Memórias femininas de uma (outra) guerra. Florianópolis, 1939 – 1945**. Florianópolis: DAPE/FAED/UDESC, 1999. Relatório final de pesquisa. p. 12

¹⁰¹ FÁVERI, Marlene de. **Memórias femininas de uma (outra) guerra. Florianópolis, 1939 – 1945**. Florianópolis: DAPE/FAED/UDESC, 1999. Relatório final de pesquisa. p. 12



Figura 15b: Configuração atual da área portuária. Itajaí, SC .www.portoitajai.com.br

É possível entender que o crescimento da cidade, em função da atividade portuária e a “vida” que crescia ao redor dela, transmitia uma visão de uma cidade portuária, cheia de problemas. E nesta época, Balneário Camboriú era vista como um modelo de “progresso” ressaltado nas palavras de Schlichting como um alívio e um alentador ao fato de Itajaí, *uma cidade comum*¹⁰², ser vizinha à Pérola do Atlântico. Se os jornais que eram lidos fora do município de Itajaí chamavam a atenção para os projetos em busca do progresso que na cidade vizinha Balneário Camboriú, já teriam chegado, certamente, a idéia que alguns poderiam ter do local refletiria a idéia de que Itajaí não seria um local de progresso, e sim, uma cidade que almejava tê-lo.

A Praia Brava e o processo de urbanização dos Anos 1970 em Itajaí

No início da década de 1970, a cidade de Itajaí contava com uma população de aproximadamente 70 mil habitantes que assistiam às várias reformas que ocorriam na parte

¹⁰² SCHLICHTING, Arno Melo. *op. cit.*

urbana e rural. Ruas estavam sendo asfaltadas e calçadas, praças sendo construídas, pontes comunicando alguns bairros, ocorria a melhoria do sistema de coleta e distribuição de água, a luz chegando a algumas áreas rurais, o telefone expandindo os contatos com outros centros urbanos, enfim, a cidade vivia os benefícios da “vida moderna”, e para isso, era preciso não só construir, mas limpar e embelezar a cidade. O então Prefeito Frederico Olíndio de Souza, chamado popularmente de Fred, que esteve no poder durante o mandato 1973/1977, tinha como meta *trazer o progresso a Itajaí*¹⁰³, e para isso toda uma equipe trabalhava intensamente nas reformas da cidade:

...A CASAN procede atualmente à reforma geral da Estação de Tratamento de Água de Itajaí (...) Essas providências (...) significarão maior quantidade e melhor qualidade do precioso líquido.¹⁰⁴

...Nossa cidade contará, em breve, com mais quatro mil aparelhos telefônicos e será servida pelo sistema de DDD (Discagem Direta à Distância).¹⁰⁵

Além da aparente busca da Administração local por uma melhor qualidade de vida para seus moradores e visitantes, nota-se também o anseio por deixar a cidade limpa e bela. Isto fez com que a tubulação do esgoto passasse a ser motivo de preocupação quanto ao teor estético e sanitário, ruas eram varridas e carpidas, o “mato” era substituído por canteiros com flores ou plantas ornamentais, e desta forma, a paisagem¹⁰⁶ urbana foi sendo adaptada ou alterada. Esta preocupação com a limpeza e embelezamento da cidade, não foi só do Poder Público, mas também da população. Em grande parte dos boletins informativos consultados da Prefeitura Municipal¹⁰⁷, se enfatizam os serviços de limpeza e embelezamento, como se evidencia nas notas a seguir:

¹⁰³ Boletim Informativo da Prefeitura Municipal de Itajaí. Assessoria de Relações Públicas nº 40, de 6 de maio de 1974. Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí

¹⁰⁴ Boletim Oficial. Assessoria de Relações Públicas da Prefeitura Municipal de Itajaí. Setembro de 1973. As referências de fontes escritas feitas em este artigo, fazem parte deste boletim, mudando apenas a temporalidade. Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí.

¹⁰⁵ Boletim Oficial. Setembro de 1973.

¹⁰⁶ Entendendo como paisagem a forma como as pessoas pensam determinado ambiente, na perspectiva apresentada por WORSTER, Donal. Para fazer história ambiental. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v 4. nº 8, 1991, p. 198-215.

¹⁰⁷ Boletim Oficial da Prefeitura Municipal de Itajaí do Departamento de Relações públicas anos 1970 – 1979.

...Os projetos de novas redes de Água e Esgotos contratados pela Prefeitura e a serem postos em prática (...) livrarão Itajaí de um dos seus mais antigos e graves problemas.¹⁰⁸

...Sr. Adão César Pereira, encarregado dos serviços de limpeza urbana, está com sua equipe agindo em todas as ruas calçadas da cidade. Varrição e capinação é o principal trabalho em execução. Enquanto isso, o jardineiro da municipalidade está providenciando a recuperação das praças, jardins e avenidas da cidade.¹⁰⁹

Felizmente são poucos os que moram no Bairro Costa Cavalcante que não desejam o Progresso nem a limpeza da fachada de suas casas. Quatrocentos e cinquenta famílias (...) foram às ruas com suas enxadas para capinação e remoção do capim, ruas que pareciam festa, como se tivesse dado a louca no bairro. As ruas, praças e jardins ficaram limpos (...) e a nota de limpeza ofereceu aos olhos um convite ao bem estar. O bairro ficou mais alegre, mais vivo, mais amplo, mais livre.¹¹⁰

As melhorias urbanas de Itajaí poderiam estar relacionadas com a própria necessidade do município em urbanizar as áreas que estavam crescendo em função da ocupação pela classe operária do município, mas também poderiam estar relacionadas ao grande fluxo de turistas que passavam por Itajaí em direção à Balneário Camboriú, pois este centro, na década de 1970, já era considerado uns dos pontos mais badalados do veraneio em Santa Catarina. Badalado o bastante para fazer com que, buscando o aumento do fluxo de turistas na cidade, verbas públicas fossem liberadas para promover a “melhoria” da estrada que comunica Itajaí a Balneário, o que vinha ao agrado dos comerciantes itajaienses. Em 1973, aparece no *Boletim Oficial da Prefeitura de Itajaí* que a obra é uma das velhas aspirações da municipalidade, ainda mais se considerarmos o afluxo de turistas que todos os anos visitam o Balneário e aproveitam o potencial do comércio de Itajaí para fazer suas compras.¹¹¹

Esta obra poderia ter como objetivos, não somente melhorar o acesso a Balneário Camboriú para os turistas que buscavam o mar deste município, mas também promover o

¹⁰⁸ Boletim Oficial. Setembro de 1973.

¹⁰⁹ Boletim Oficial nº 12.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Prefeito pleiteia asfalto para rodovia Itajaí-Balneário Camboriú. **Boletim Oficial da Prefeitura. Municipal de Itajaí.** Ano I, n. 1, julho/1973, p. 6.

retorno destes a Itajaí durante seus dias de turismo. Vemos este ufanismo nas divulgações oficiais:

...o asfaltamento da estrada Itajaí – Balneário Camboriú, obra prioritária para a região que é comprovadamente o maior manancial turístico catarinense, será até o final deste ano, uma doce realidade, de acordo com promessa das autoridades estaduais. Promessa que, temos confiança, mais uma vez será cumprida.¹¹²

...Já está quase que totalmente asfaltada a rodovia que liga Itajaí ao Balneário de Camboriú, conhecida como Rodovia do Turismo.¹¹³

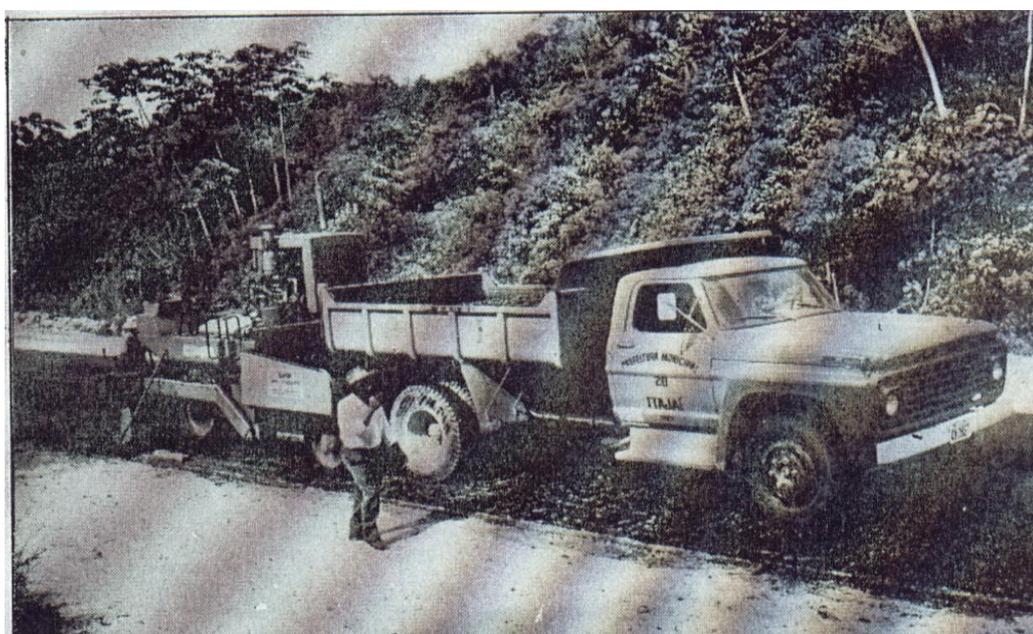


Figura 16: Obras de melhorias na atual Rodovia Osvaldo Reis, referenciada na década de 1970, como a Estrada do Turismo. Autor não informado. Boletim Oficial Prefeitura Municipal de Itajaí, Janeiro de 1974.

É neste momento que passo a ver a inserção da Praia Brava neste processo em “busca do progresso” pelos poderes públicos de Itajaí. Não de forma direta, mas indireta, visto que uma parte da Rodovia do Turismo estava sendo remodelada dentro do que pode ser entendido como território Praia Brava. Cabe logo de início analisar o que a palavra território pode significar, uma vez que não se refere unicamente a um espaço físico, mas às relações sociais estabelecidas ou criadas no local, que dão sentidos a esta palavra. Milton

¹¹² Boletim Oficial. Ano I – nº 3, setembro de 1973.

Santos lembra que o território não *é uma categoria analítica*¹¹⁴, o que pode ser lido como uma categoria analítica é o território dos homens, o espaço vivido por mulheres e homens, *também é o teatro da ação*¹¹⁵. Ainda, pensando que a palavra território refere-se, também, a idéia de fronteiras, sejam estas físicas ou simbólicas, cito Pierre Bourdieu o qual analisa que as fronteiras *não passam do vestígio apagado do ato de autoridade que consiste em circunscrever a região*¹¹⁶. O território é, portanto, uma apropriação ou um domínio de um espaço conhecido e reconhecido por seus atores sociais, as fronteiras e o território segundo Bourdieu são *o princípio de di-visão legítima do mundo social*¹¹⁷.

Por que a vida às margens desta estrada, não fazia parte do discurso da Prefeitura Municipal? Esta pergunta surge, automaticamente, perante a análise destes discursos, pois na Praia Brava este “progresso - limpeza” parece ter permanecido ausente, ainda mais que na época, esta localidade já abrigava alguns lares, casas noturnas e bares. Noto que neste processo de urbanização da cidade, não ocorre a inserção da Praia Brava, mas por outro lado, esta urbanização, rumo a uma modernização, atingiu de passagem a praia, através da pavimentação da estrada que comunica Itajaí a Balneário Camboriú. O que deveria ser mostrado aparecia nos vários comunicados nas páginas do boletim da Prefeitura. Porém, um pouco desta história não parece figurar no discurso da administração local, pois certamente, além da Praia Brava, toda a cidade não estava inserida nesta busca pelo “progresso”. Interpretação histórica esta que me leva a pensar que o “progresso” chegava mais cedo em determinadas áreas, em que era necessário mostrar a quem chegava, *uma cidade limpa e bela*¹¹⁸. Apesar das edições do Boletim Oficial da Prefeitura de Itajaí estarem sujeitos a uma certa “tendência jornalística”, por outro lado, poucas são as citações em outras fontes escritas.

¹¹³ Boletim Oficial. Janeiro de 1974.

¹¹⁴ SANTOS, Milton. Conferência Magna Dr. Milton Santos – USP. **I Seminário Nacional - Saúde e Ambiente no Processo de Desenvolvimento**. Campinas - São Paulo, 12 de julho de 2000. Sobre a vida e obra do autor consultar site: www.campinas.sp.gov.br/prteal_milton_santos

¹¹⁵ SANTOS, Milton. *Op. cit.*

¹¹⁶ BOURDIEU, Pierre.(1930 – 2002) **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.114.

¹¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *Op. cit*, p. 114

¹¹⁸ Boletim Oficial. Janeiro de 1974.



Figura 17: Obras de pavimentação da atual Rodovia Osvaldo Reis. Nota-se as casas na margem direita da Rodovia. Autor não informado. Boletim Oficial Prefeitura Municipal de Itajaí, Janeiro de 1974.

Ora, levando-se em consideração que no início da década de 1970, a Praia Brava estava inserida entre dois pólos de crescimento econômico, um em função da atividade portuária/industrial e outro em função da indústria imobiliária/turismo, quais são os motivos que levam a exclusão deste território do processo de crescimento urbanístico da região? Esta pergunta ganha em entonação quando se junta nesta análise a Estrada do Turismo, que parece, neste primeiro momento, apenas fazer uso deste local.

A Estrada Geral – Das viagens de negócios às viagens de Lazer.

Ano de 1954. Estou na divisa de Itajaí e Balneário Camboriú, junto ao Rio Ariribá. Este rio é a divisa entre os dois Municípios. Vejo uma estrada de barro ladeada por Mata Atlântica em direção ao centro de Itajaí. Poucas casas, umas 5 no todo, as pessoas procuravam mais o interior como a Canhanduba. Marçal Souza, que era comerciante, vivia ali com sua família; Tarcílio e Laurindo e a família Cabral que possuía uma grande faixa de terras que iam desde o topo do morro onde hoje do outro lado esta a BR 101 até quase a praia. As duas casas (a de Marçal e de Laurindo) estavam localizadas a uns 600 metros da subida do

morro cortado. Do lado oposto à praia, havia um riacho que ia desembocar na Lagoa Norte, ou Lagoa do Cassino. Neste riacho com águas claras, tinha além de peixes, muito agrião, planta comestível, e a Lagoa era deslumbrante.¹¹⁹

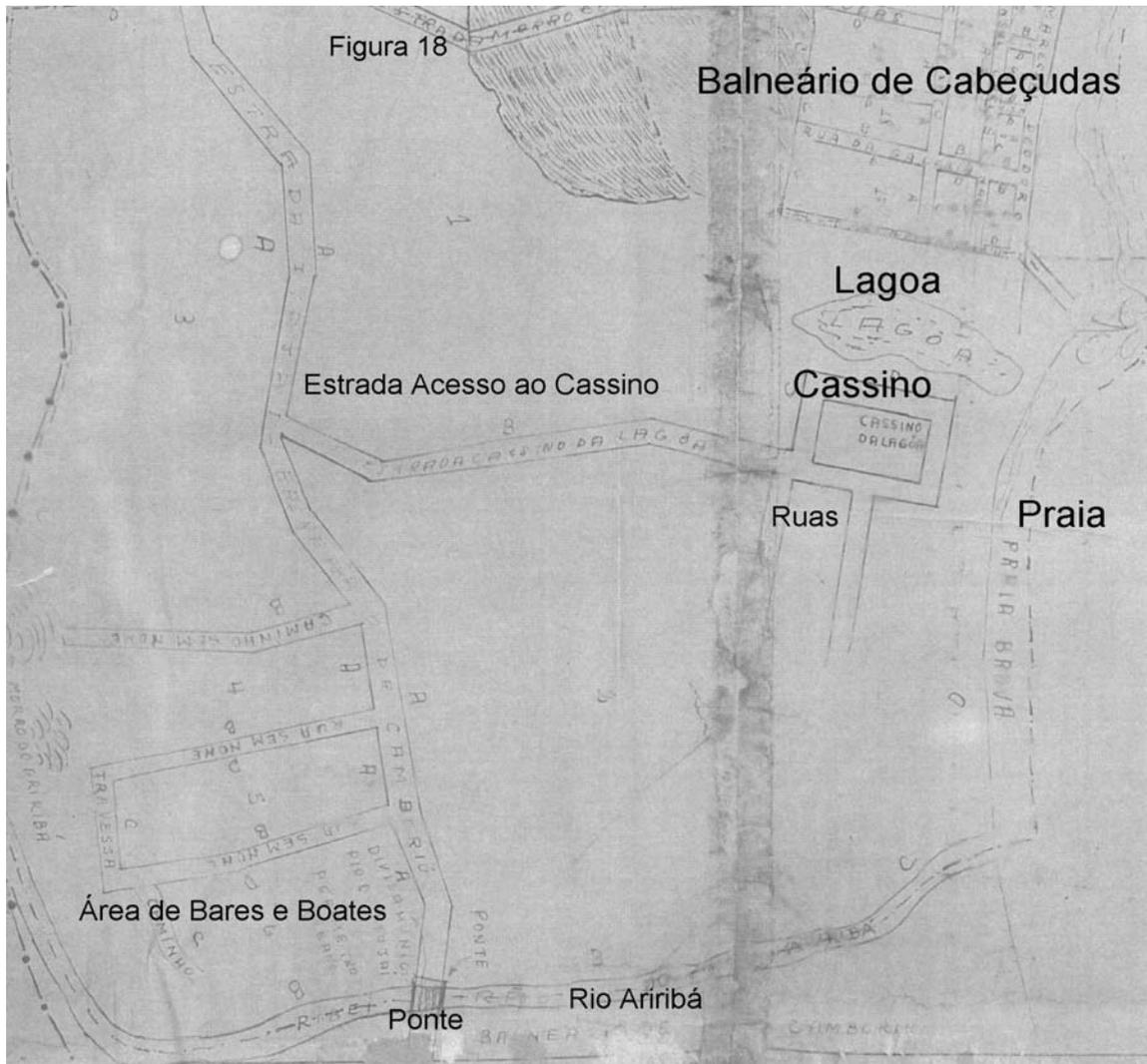


Figura 18: Região da Praia Brava. Extraído e modificado da Planta da Cidade de Itajaí de 1969. Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí sob tomo nº T: MP/0125.

¹¹⁹ SANTOS, Sidney Francisco dos. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 22 de Junho de 2003 Nascido em Itajaí em 1943, neto do Sr. Marçal de Souza, cuja família foi uma das primeiras a fazer uso de uma grande área na Praia Brava.

A *história oral*¹²⁰ permite ao historiador descortinar momentos e situações que ficaram fora das páginas dos livros, revistas, jornais entre outros meios de informação escrita que costumam ser produzidos e lidos por determinados grupos ligados a “elite” letrada e/ou acadêmica. Dessa maneira, a história oral possibilita o diálogo direto com a memória viva, provinda de *pessoas com artérias para explicar, recordar, rememorar, preencher vácuos que só aqueles que viveram, lidaram, driblaram e sonharam podem dar*¹²¹, permitindo, também, transformar a memória através da fala em produção do conhecimento histórico. Sidney ao narrar suas memórias, que por sua vez se refere a sua história, possibilita abrir o baú do tempo e mergulhar nas suas vivências antes “não ditas” ajudando a compreender e rememorar um tempo que já se foi, mas que ao mesmo tempo permanece de várias formas e maneiras na memória daqueles que ali tiveram vivências e experiências que deixaram marcas.

A estrada de barro rememorada por Sidney Francisco dos Santos era na época, a única via de acesso da região de Camboriú ao Vale do Itajaí por onde era possível o trânsito de carros de tração animal ou mecânica. Segundo Sidney, nesta época, (década de 1950) com 10 anos de idade, carros e ônibus utilizavam esta estrada para chegar até a praia de Camboriú, como também residentes da região que por ela seguiam a cavalo ou em carroças até o centro de Itajaí para vender produtos do campo ou comprar mantimentos. Magda Starke Lee¹²² analisa que até 1954, ano em que foi inaugurada a primeira farmácia do então Balneário de Camboriú, moradores e visitantes deste local se dirigiam até o centro de Itajaí para comprar medicamentos. A figura a seguir, refere-se ao trecho desta mesma estrada que ligava a Estrada Geral ao Balneário de Cabeçudas, localizada no mapa de 1969 (Figura 18) sob a citação “Figura 18”. Apesar desta foto não possuir data de registro é possível, em função do veículo que nela aparece, estimar que tenha sido tirada na década de 1950.

¹²⁰ Sobre o assunto consultar: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Edita da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

¹²¹ FÁVERI (1999). Relatório final de pesquisa. p. 10

¹²² LEE. Idem..



Figura 19: Estrada de ligação à Cabeçudas. Sem data. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Itajaí. Tombo n.002/00394.

Sidney conta que nesta época seu avô, Marçal de Souza, possuía uma venda na Praia Brava, às margens da Estrada Geral, a uns 200m do início do morro cortado¹²³, onde comercializava carne seca, banana e outros alimentos, que também levava para o centro de Itajaí para comercializar. Ele lembra que “viajantes” ali paravam para vender produtos do campo ou simplesmente para descansar e comer algo para depois seguir viagem.

Isaque Borba Correia, escritor de obras que fazem referência à história da cidade de Camboriú e região,¹²⁴ discute que em 1920, época em que até então a população da região se deslocava através dos chamados “picadões de cargueiro”, a Estrada Geral foi aberta graças ao Coronel Benjamin Vieira,¹²⁵ superintendente¹²⁶ do município de Camboriú. Este

¹²³ O termo “morro cortado” refere-se a uma montanha que separa o bairro Praia Brava do bairro Fazenda na cidade de Itajaí. Este morro foi constantemente “cortado” a medida que a antiga picada foi sendo alargada até constituir a atual Rodovia Osvaldo Reis, elo de ligação entre o centro de Itajaí e o município de Balneário Camboriú.

¹²⁴ CORRÊA, Isaque Borba. **História de duas Cidades**: Camboriú e Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: Gráfica Camboriú de Editora e Impressora, 1995.

¹²⁵ CORRÊA, Isaque Borba. **Entrevista concedida a A. H. Roman**. 27 de Júlio de 2003.

pesquisador comenta ainda, que apesar desta obra ter sido uma iniciativa municipal, a mesma foi custeada pelo Governo do Estado. *Na época havia uma discussão se esta estrada seria feita onde hoje é a BR-101 ou se seria feita ali na Praia Brava,*¹²⁷ e, conforme Isaque, a decisão de abrir a estrada na região da Praia Brava foi em função do custo da obra, pois na outra opção era necessária a construção de pontes, *mas a obra era necessária, pois Camboriú necessitava de um melhor acesso para escoar a sua produção para o porto de Itajaí*¹²⁸.

Foi com a Estrada Geral que Balneário de Camboriú passou a receber *as primeiras manifestações de interesse pelo mar*, passando a atrair turistas, principalmente os descendentes de alemães¹²⁹, que vinham do Vale do Itajaí e de outras regiões do Estado em busca do contato com o mar, impulsionando o desenvolvimento deste balneário de tal forma que propiciou sua emancipação política e a conseqüente criação do município de Balneário Camboriú em 1964.

A Estrada Geral, que na década de 1970 foi denominada pela Prefeitura Municipal de Itajaí como “Estrada do Turismo”, era de difícil acesso, já que era de barro e muito sinuosa, o que de certa maneira fazia com que os moradores da Praia Brava tivessem que dispor um dia para ir até a área central da cidade de Itajaí. *Morar na Praia Brava era como morar num sítio, numa área rural, longe de tudo*, lembra Sidney, que embora não tenha morado na Praia Brava, a freqüentou desde criança, já que sua mãe e sua tia nasceram no local. Ele também narra um pouco de como era a Estrada Geral, e de como era difícil o tráfego até início da década de 1970:

O morro cortado era realmente uma serpentina. Difícil era a passagem da Praia Brava para o centro de Itajaí, curvas muito fechadas. No morro havia a chamada curva do anzol, pois, devido ao seu formato no topo do morro, a rua fazia um balão no topo, para logo começar a descer sinuosamente. No começo a estrada era uma serpentina morro acima, depois é que fizeram a rua reta. O caminho era longo e era difícil trafegar. A pé já era uma subida muito cansativa, e de carro

¹²⁶ Na época o cargo máximo do Poder Executivo de um município era o de Superintendente, ou seja, era o cargo de Prefeito da época.

¹²⁷ CORRÊA, Isaque Borba. *op. cit.*

¹²⁸ CORRÊA. *Idem.*

¹²⁹ LEE. *Idem.* p. 44

muitas vezes não dava para passar, aí só de cavalo para se chegar à cidade.

As palavras de Sidney permitem pensar como transcorria o cotidiano dos primeiros moradores que viviam na Praia Brava, onde o acesso muitas vezes significava um obstáculo para chegar à *cidade*, onde se concentrava o comércio, as fábricas, também as escolas. Ao mesmo tempo em que permitem, em parte, entender o porquê da exclusão da área costeira deste bairro nos ideais do progresso - limpeza de Itajaí ou então nos ideais do progresso turístico de Balneário Camboriú. Sendo a Estrada Geral, a única via de acesso do Vale do Itajaí à praia de Camboriú, e percorrendo paralelamente toda a extensão da praia Brava, por que esta região permaneceu praticamente “inalterada” durante quase meio século? Ora com uma estrada de difícil locomoção onde *não era qualquer um que queria enfrentá-la*¹³⁰, provavelmente poucas pessoas da cidade de Itajaí tinham ânimo ou disposição para chegar até a Praia Brava. Mas como explicar o fato do turismo e o desenvolvimento da praia de Camboriú ter ocorrido com a vinda de novos moradores e turistas por esta mesma estrada?

Na visão administrativa do Prefeito de Itajaí, Frederico Souza, na década de 1970, a *Estrada do Progresso* era uma *das velhas aspirações da municipalidade* (leia-se comerciantes locais) *ainda mais se considerarmos o afluxo de turistas que todos os anos visitam o Balneário e aproveitam o potencial do comércio itajaiense para fazer as suas compras.*¹³¹ Na análise desta e de outras várias fontes que se referem à esta época, é possível pontuar que a decisão política da Prefeitura Municipal de Itajaí de melhorar a via de acesso à Balneário Camboriú, foi feita em função de uma visão comercial, ou seja facilitar o tráfego destes turistas que ali chegavam e atraí-los para Itajaí.

Como forma de sustentar esta interpretação, imagino que durante a década de 1960 e 1970, quando o comércio estava ainda se implementando em Balneário Camboriú¹³², era pouco provável que um turista resolvesse percorrer o difícil trajeto até Itajaí para efetuar suas compras, preferindo comprar no comércio local, mesmo que para isto fosse necessário desembolsar um valor maior, ou então retirar alguns itens de sua lista de compras.

¹³⁰ SANTOS, Sidney Francisco dos. *Op. cit.*

¹³¹ **Boletim Oficial da Prefeitura Municipal de Itajaí.** Prefeito pleiteia asfalto para rodovia Itajaí – Balneário Camboriú. Itajaí, agosto de 1973.

Isto leva a pensar que a estrada apesar do difícil tráfego em função dos buracos, não era algo que impedia o fluxo de turistas à Balneário Camboriú, mas em contra-partida, ela pode ter representado um limitador ao deslocamento destes turistas à Itajaí. A condição desta estrada não parece, numa primeira análise, ter influenciado significativamente na não ocupação da Praia Brava durante este período.

Se na década de 1970 a “Estrada do progresso” representava um melhor acesso a Itajaí e Balneário Camboriú, em um período anterior às obras de melhoramento ela era vista como um desafio, forçando somente aos que mais necessitavam ou aos que desejavam chegar à Balneário Camboriú fazer uso dela para o tráfego.

A Boa Propaganda. Mensagem de Aventureiros

No tempo em que Cabeçudas e Balneário Camboriú eram o centro de veraneio, quem vinha à orla marítima da Praia Brava? Sandra de Souza discute que mesmo antes da abertura da estrada de acesso à Cabeçudas, criada pela retirada das pedras que foram utilizadas na construção do "espigão", esta praia, já era admirada por sua beleza agreste, e freqüentada por rapazes aventureiros que se dirigiam ao local, em carros de molas através de trilhas tortuosas¹³³. Isto também parece ter acontecido na Praia Brava, visto que pessoas à procura de aventuras e com vontade de conhecer novos locais passaram a desafiar trilhas e picadas para chegar até a praia. Alguns moços chegavam na década de 1960 de lambreta (moto) até a praia, para passar ali o dia, e aproveitavam para ver *as moças tomando banho no rio Ariribá*.¹³⁴ Essas moças trabalhavam na área das casas noturnas que existiam na Praia Brava, e estes aventureiros chegavam ao local para vê-las e conversar. É possível que estas e outras pessoas que passaram a freqüentar a Praia Brava neste tempo, transmitiam a imagem de que era comum, ver moças "desnudas" e, por estes e outros comentários, viriam ou não no local.

A praia Brava sempre foi chamada de praia Brava, recorda Sidney dizendo que a praia realmente fazia juízo ao nome, pois tinha ondas muito violentas e poucos se

¹³² LEE, Magda. Idem.

¹³³ SOUZA, Sandra de. *Op cit*, p. 19.

¹³⁴ SANTOS, Sidney Francisco dos. *Op. cit.*

*arriscavam a enfrentá-las*¹³⁵. Sidney se refere aos anos de 1960, porém esta característica do mar violento que banhava a praia Brava desta época, foi citada em outras entrevistas que rememoram décadas anteriores e posteriores a este tempo. Domício Duarte nasceu em Itapema em 1924, e conhece a região desde quando tinha 10 anos de idade. Ele conta que na década de 1930, ia a Praia Brava para pescar, já que na Lagoa havia uma grande quantidade de peixes. Ele, com emoção, rememora os tempos de infância, quando muitas vezes ele e a sua família o que tinham para comer era peixe tirado da Lagoa: *Eu ia à Lagoa pescar. Nossa era tanto peixe! vinha aqui na Lagoa porque aqui tinha muito peixe, era fácil pegar. Aquela água clarinha, clarinha! Mas na praia ninguém entrava.*¹³⁶ Albino conheceu Domício quando chegou ao local em 1970, e muitas vezes iam juntos com outros amigos pescar na Lagoa, e conta que *a gente pescava na lagoa, porque na praia não dava. O mar levava a gente.*¹³⁷ Com fortes ondas, outros usos eram dados à praia. Daura Terezinha Leal Dantas, moradora de Cabeçudas, conta que na década 1960, quando adolescente, quase diariamente ia caminhar na areia da Praia Brava junto com seu cachorro. Ela conhece a região desde criança, quando freqüentava junto com seus pais a Lagoa da Praia Brava, e segundo ela, *ia com meus pais quando eu era bem pequena tomar banho na Lagoa. Na praia, ninguém ia, as ondas eram muito fortes.*¹³⁸ Ainda, em relação à Lagoa, Maria Vanderleia Lima que nasceu na região, conta que quando pequena, ela e sua família chegavam pela rua privada do Cassino, até a Lagoa e ali tomavam banho e pescavam. Nas palavras de Maria, *Eu me lembro que quando era criança a gente vinha brincar na lagoa, por que o mar era muito bravo, não dava para entrar, antes era só a Lagoa*¹³⁹.

A Lagoa, sempre mencionada nas entrevistas das pessoas que conhecem a região há várias décadas, foi o local de sociabilidades daqueles que ali iam para tomar banho, pescar, se divertir, também daqueles que a viam como local de trabalho e sustento. Este tipo de sociabilidade é visualizada na figura acima, onde em 1950 pessoas se deslocavam até o

¹³⁵ SANTOS, Sidney Francisco dos. Idem.

¹³⁶ DUARTE, Domício. Nascido em 15/11/1924 em Itapema, SC. Veio para Itajaí quando tinha 10 anos de idade. Passou a freqüentar a lagoa desde que a conheceu quando garoto.

¹³⁷ COSTA, Albino Domingos da. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí 11 de fevereiro de 2003.

¹³⁸ DANTAS, Daura Terezinha Leal. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 24 de julho de 2003.

¹³⁹ LIMA, Maria Vanderleia. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Praia Brava, Itajaí, 9 de setembro de 2001.

Cassino como prática de lazer. Tendo como cenário a Lagoa da Praia Brava e o Cassino, duas mulheres e duas crianças, cujos nomes não consegui identificar, posam para a fotografia. Nota-se ao fundo desta foto, um ônibus estacionado ao lado do Cassino, o que sugere a procura pelo local. Estas representações sobre o local permitem (re) construir um tempo no qual a praia, neste no local de estudo, não era vista como referencial de banho. *No sistema de representações produzido por cada época e no qual encontra a sua unidade, é possível perceber que o "verdadeiro" e o "ilusório" não estão isolados um do outro, mas pelo contrário, unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético*¹⁴⁰, mostrando as infinitas possibilidades que temos para nos referir e interpretar as nossas experiências e vivências.



Figura 20: Barra da Lagoa do Cassino. 1950. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Itajaí. Tombo n. 007/00710.

A Lagoa passou a ser utilizada como espaço de relações, é isto se pode atribuir em parte a "mensagem" que era transmitida sobre as condições do local. Se as ondas fortes do

¹⁴⁰ BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In: **Enciclopédia Enaudi**. v.5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 303.

mar impossibilitavam seu uso como local de banho e trabalho, a Lagoa passou a ser vista com este referencial. Também como ponto de encontro daqueles que ali viviam, e de outros, que lá chegavam atraídos por ela.

Christofolli¹⁴¹ discute, através de fontes orais e escritas, como as pessoas nas primeiras décadas do século XX descobriam novas formas de utilização do mar e da praia. Neste mesmo trabalho, a memória de Charlotte Distel, mostra a praia de Armação no município de Penha, como um local utilizado para pequenas temporadas de descanso no verão. O autor ainda faz referência a um senhor de nome Alois Fleischmann, que teria deixado a cidade de Curitiba para viver na praia de Armação em função de uma “sugestão” de seu médico como medida terapêutica para problemas de saúde.

As fontes utilizadas pelo autor no parágrafo acima se referem a pessoas de uma época que faziam, ou ainda fazem, parte de uma sociedade elitizada, pois seria muito difícil que uma pessoa de família sem bens ou prestígio se pudesse dar ao luxo de “passar pequenas temporadas de descanso” ou então mudar de cidade em função de um conselho médico. Nos dias de hoje, isto soaria muito estranho para pessoas de poucos bens, mas aqui o autor está se referindo aos primeiros anos do século passado, época na qual, as condições de locomoção de um local a outro demandavam além do tempo, dinheiro, para poder pagar as estadias em pontos de paradas, e custear a viagem que poderia se estender por vários dias ou semanas. Aceitando esta condição como verdade, estaríamos, também, aceitando o fato de que o cotidiano destas duas pessoas às quais Christofolli faz referência seria motivo de discussão em seu meio social, e portanto, uma boa ou má propaganda seria difundida entre toda ou boa parte de um meio social. Desta forma, é possível afirmar que uma “boa propaganda” foi feita da praia de Camboriú, fazendo este local prosperar em função da vinda, cada vez mais freqüente, de pessoas em busca de “temporadas de descanso” e terapia, ou até mesmo negócios em volta de novas relações sociais que se formavam.

“A praia Brava sempre foi chamada de praia Brava”. “A praia realmente fazia juízo ao nome, pois tinha ondas muito violentas e poucos se arriscavam a enfrentá-las” Fazendo uso mais uma vez das palavras de Sidney Francisco dos Santos, elas não seriam uma “má propaganda” da Praia Brava que se difundia nos meios sociais?

¹⁴¹ CHRISTOFOLLI, Angelo Ricardo. *Op. cit.*, p. 39

O mar da Praia Brava não atraía atenção como ponto veraneio, devido as fortes ondas descritas nas entrevistas, isto de certa forma impossibilitou que fosse urbanizada nesse tempo. Tendo as águas calmas de Balneário Camboriú e Cabeçudas, para que enfrentar o perigo do mar da "Brava"? Ainda, se não existia o interesse de se viver na orla marítima da Praia Brava, por não ser um local apropriado para o banho, ao mesmo tempo existia o interesse em fazer uso do solo, sendo em um primeiro momento, a Lagoa de águas claras e limpas o ponto de referência para incentivar a urbanização. Loteamentos e projetos turísticos desde a década de 1940, já eram referenciados para este espaço praiano e certamente não era o mar o chamariz para atrair os investidores, mas outras "qualidades": estar próxima a Cabeçudas e Balneário Camboriú, e possuir uma Lagoa. É a partir de fontes orais e escritas, que passo a discutir os primeiros projetos de ordenação deste local.

Tentativas de urbanização – Os Loteamentos na Praia Brava.

Quando eu cheguei aqui era tudo mato, rememora Albino que chegou à Praia Brava em 1970, e *os terrenos estavam cercados, até com placas dizendo quem era o dono*. Se esses loteamentos datam da metade do século passado, tendo Albino e sua família ali chegado em 1970, quase vinte anos depois, se houve uma tentativa de urbanização da praia, ao mesmo tempo não houve o interesse das pessoas em ocupá-la. *Os terrenos eram quase de graça. Eu paguei baratinho o meu*¹⁴², rememora Albino, permitindo pensar que ainda na década de 1970 os terrenos da praia Brava não eram valorizados, ninguém queria viver na Praia Brava, e pessoas como Albino e Margarida, que não tinham dinheiro para comprar um terreno em outro local, foram morar ali nessa época.

A Orla marítima da Praia Brava era, até a década de 1950, de propriedade de poucas pessoas que passaram a dividir suas propriedades como forma de incentivar a urbanização no local. Várias foram as tentativas de urbanizar a Praia Brava nesse período, através de loteamentos projetados da década de 1950, porém nenhuma das tentativas se levou a cabo nesta época. Como já foi abordado, na orla marítima nos anos 1970, foi construída a

¹⁴² COSTA, Albino Domingos. *Op. cit.*

moradia da família Rosa Costa, que me permitiu, neste trabalho, utilizar relatos de suas vidas, suas memórias, para compor partes desta história. *Eu comprei o meu terreno bem baratinho, na época era uma micharia, eu ganhava pouco e parcelei o lote acho que em três vezes*, rememora Albino, mostrando que a terra não valia quase nada, já que o objetivo primeiramente poderia continuar sendo o de atrair pessoas para ocupar o local, com o intuito de valorizar posteriormente esta área costeira.

O loteamento *Copacabana, Praia da Saudade*, era de propriedade de Leonardo Tetto e Juventino Linhares, um cronista que escreveu suas memórias sobre Itajaí desde o início do século XX¹⁴³. Este loteamento foi aprovado em dezembro de 1956, compondo um total de 68.640 metros quadrados de área total parcelada em um total de 202 lotes. Eles, também eram donos do loteamento *Vila Iris, Praia da Saudade* que compreendia uma área de 23.480 metros quadrados, o que representava um total de 90 lotes, ou 90 moradias nos dias de hoje. Ainda era de propriedade de Leonardo Tetto mais um loteamento, o *Jardim Central*, o qual possuía uma área loteada de 21.672 metros quadrados, cuja planta foi aprovada em 18 de março de 1960.

Através de conversas informais¹⁴⁴ com antigos moradores do local, me foi mencionado que *Francisco Evaristo Canziani, tinha um latifúndio na Praia Brava, onde ele usava para extrair madeira*. Ainda, através destas conversas, foi mencionado que em um primeiro momento *o Canziani arrendava a terra para extrair madeira*, e que em um segundo momento, quando *o proprietário ia reclamar o vencimento do contrato, a terra já estava vendida*. Infelizmente, poucas foram as fontes encontradas que pudessem ajudar a ampliar esta discussão, porém conforme pode-se visualizar na figura acima, foi através deste latifúndio que Francisco E. Canziani promoveu o lançamento do maior de todos os loteamentos da orla da Praia Brava, o loteamento Balneário Cassino da Lagoa.

De propriedade da firma Francisco Evaristo Canziani e Cia Ltda, o loteamento *Balneário Cassino da Lagoa*, tinha como espaço demarcado um total de 313.460,55 metros quadrados se estendendo sobre parte da área atual da Sede Campestre Sociedade Guarani, ladeando a margem norte da Lagoa do Cassino. Na planta, conforme visto na figura a seguir, é feito um traçado a mão indicando que Balneário Camboriú se encontrava a 7 km

¹⁴³ LINHARES. (1998) *Op. cit.*

ao sul do loteamento e o Balneário de Cabeçadas a 2 km ao norte, o que provavelmente era utilizado como argumento para a venda dos lotes na época. Neste loteamento, se pretendia que as ruas principais conduzissem a uma capela que estaria situada próxima a Lagoa do Cassino onde uma ponte conduziria à estrada do caminho de Cabeçadas.

A data de aprovação do loteamento *Cassino da Lagoa* não aparece na planta, mas é possível estimar através da análise das fontes, que também foi idealizado na década de 1950, visto que parte da área demarcada deste empreendimento, foi vendida à Sociedade Guarani em 1969,¹⁴⁵ cuja área pertencente a este Clube pode ser visualizada no mapa a seguir.

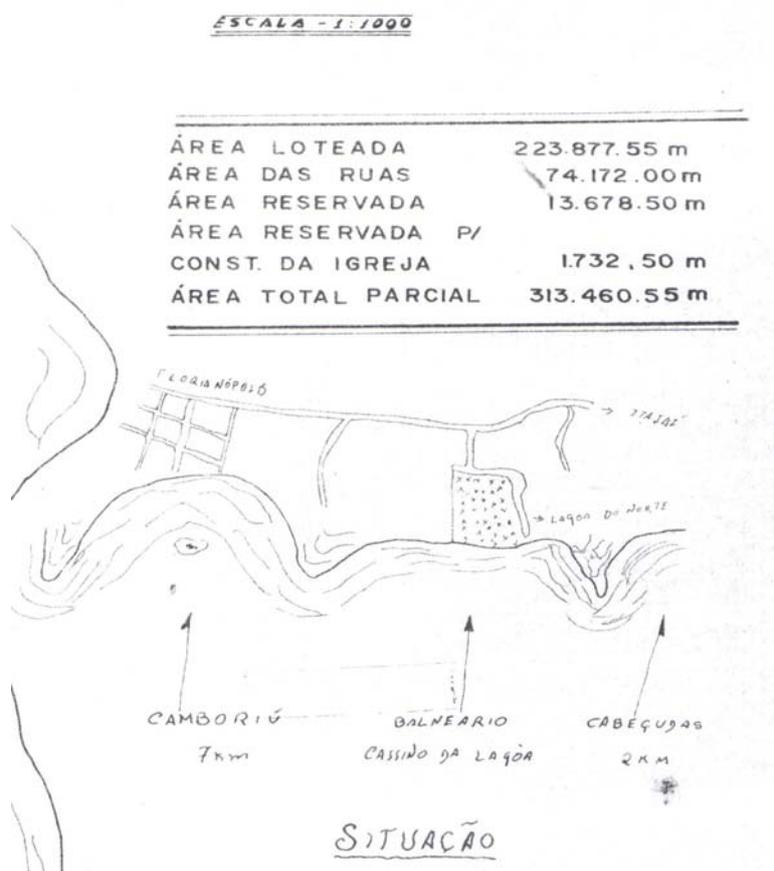


Figura 21: Informações extraídas da planta original do loteamento Balneário Cassino da Lagoa. A Lagoa do Norte, referenciada no desenho esquemático, se refere à Lagoa do Cassino. Sem data.

¹⁴⁴ Em função do pedido que me fizeram, omito neste momento a identidade dos mesmos.

¹⁴⁵ Jornal do Clube Guarani. Arrumar fonte. Edição comemorativa aos 100 anos do clube. (1897 – 1997). Itajaí, 1997.

O nome dado ao loteamento, e ao mesmo tempo à lagoa existente no local, deriva de um empreendimento que o próprio Canziani teria realizado no local antes da demarcação dos lotes, o Santa Clara Clube de Campo, cuja sede, construída às margens da lagoa, perpetuou-se com o nome de Cassino. Segundo Gil Nascimento, empresário itajaiense que presidiu o Clube Guarani durante os anos de 1969 a 1973, o *Cassino funcionou um tempo como um hotel, mas o Canziani perdeu o interesse, pois estava proibido a realização de jogos de azar no Brasil*. Ele ainda cita que:

O Clube Guarani saneou as dívidas do ex-proprietário em troca da área que hoje compreende toda a Sede Campestre deste Clube. O Santa Clara Clube de Campo de propriedade de Francisco Evaristo Canziani, foi uma iniciativa que ele teve em transformar a Praia Brava em um Balneário, e chamar a atenção dos investidores para o local, por isso que ele construiu o Cassino, o Hotel Cassino da Lagoa, para atrair essas pessoas que passariam a investir na região.¹⁴⁶

Assim, Francisco Evaristo Canziani havia construído um clube para atrair compradores para os terrenos de seu loteamento como também títulos deste clube, e ao mesmo tempo, atrair pessoas para se divertirem com os jogos de azar. A proibição dos jogos de cassino, implementada em 1946 no governo de Erico Gaspar Dutra,¹⁴⁷ e a sua não revogação, pode ter decretado a falência deste empreendimento, que em função dos empréstimos realizados em bancos locais, como conta Gil Nascimento, *fez com que o Clube Guarani em 1969 assumisse as dívidas em troca de grande parte das terras de propriedade do Canziani*.¹⁴⁸

¹⁴⁶ NASCIMENTO, Gil. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna**. Itajaí, 15 de maio de 2003.

¹⁴⁷ Eurico Gaspar Dutra (1883 – 1974) foi presidente do Brasil no período de 31 de janeiro de 1946 a 31 de janeiro de 1951. O início do seu governo coincidiu com o da *Guerra Fria*, o que o levou ao alinhamento com os Estados Unidos. Em consequência, foram rompidas as relações com a União Soviética e fechado mais uma vez o Partido Comunista. Uma nova constituição foi promulgada 18 de setembro de 1946. O período seria marcado ainda com a proibição do jogo, uma austera política econômica e o Plano Salte, projeto administrativo que só começaria a ser adotado em 1950. O Álbum dos presidentes. A história vista pelo JB. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, quarta-feira, 15 de novembro de 1989, p. 53

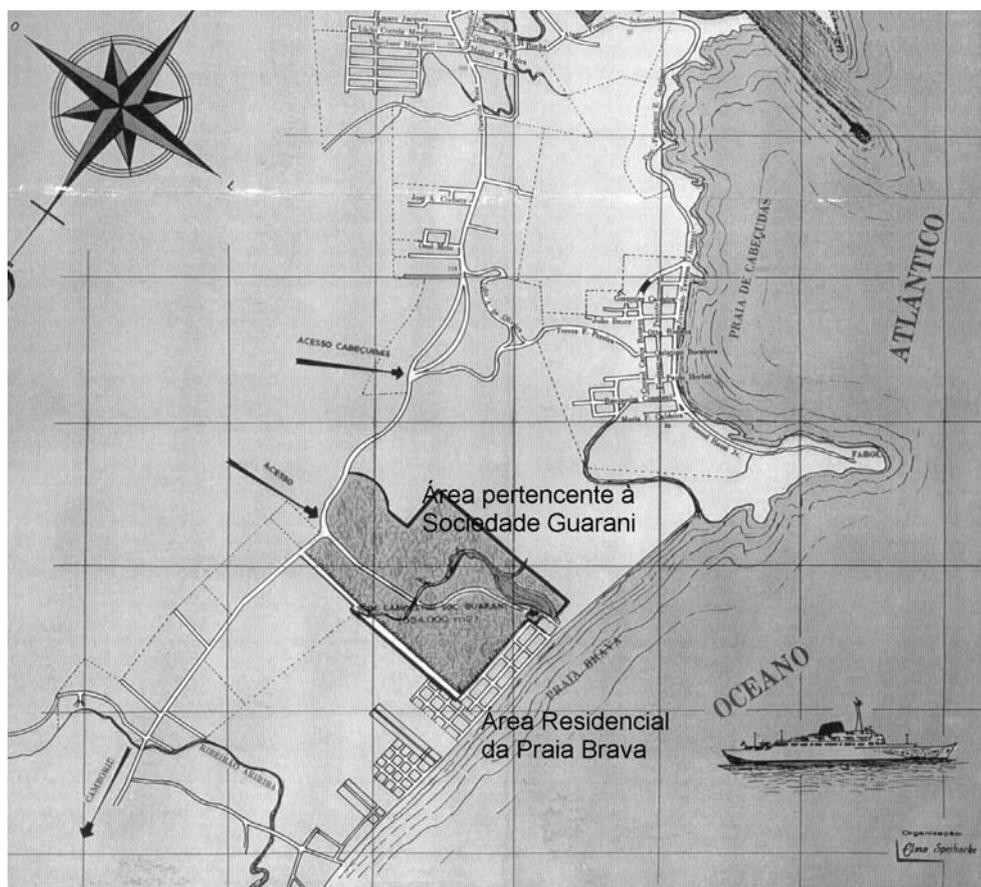


Figura 22: Mapa de Itajaí, com enfoque na região da Praia Brava e Cabeçadas. Década de 1980.

Gil Nascimento não soube indicar a data certa em que o Cassino foi construído, apenas menciona a década de 1950 como o período mais provável. Domício de Souza, atual caseiro da Sede Campestre do Guarani, conta que ele participou de sua construção e que *tinha na época uns 20 e tantos anos quando ajudei a fazer o Cassino.*¹⁴⁹ Domício nasceu em 1924, portanto o Cassino foi construído entre os anos de 1944 e 1954. Desta maneira, pode-se afirmar que o Cassino foi a primeira construção erguida na Praia Brava, e que fez parte do primeiro projeto de utilização da Praia Brava como local de lazer. Deste projeto, hoje restam as ruínas que ainda se encontram erguidas às margens da Lagoa que ficou conhecida na região como Lagoa do Cassino.

¹⁴⁸ NASCIMENTO, Gil. *Op. cit.*

¹⁴⁹ DUARTE, Domício. *Op.cit.*



Figura 23: Atual estado de conservação do Cassino Guarani.
Crédito: Antonio Henrique Roman, Outubro de 2001.

Posteriormente à aquisição da sede campestre, com a ajuda da Prefeitura Municipal, que forneceu máquinas, tratores e outros equipamentos, a administração da Sociedade Clube Guarani patrocinou a abertura de uma avenida de 12 metros de largura no local, para desta forma, poder fechar uma servidão que passava pelo centro do terreno. Ainda, *em seguida realizamos uma reforma na edificação existente no local (o Cassino) que chegou a sediar algumas reuniões e festividades do Clube*¹⁵⁰.

Em relação à época de funcionamento do Cassino, Margarida se referiu a ele como sendo um local *muito bonito*¹⁵¹, e conta que ali chegavam marinheiros e gente de dinheiro para participar das festas promovidas pelo Clube Guarani. Alguns chegavam de barco e outros pela rua particular do Cassino, o único acesso à praia, antes de serem traçadas e abertas as primeiras ruas de acesso à praia na década de 1980.

Muitas vezes, quando passo em frente às ruínas do Cassino, imagino o mesmo em plena atividade, quando as mulheres bem vestidas chegavam às festas, e lembro a fala de dona Margarida, que se escondia para não ser vista pelas mulheres que ali chegavam com

¹⁵⁰ Sociedade Guarani, um século de história Gil Nascimento: Sede Campestre alternativa para movimentar o Clube. P. 13

¹⁵¹ ROSA COSTA, Margarida. 58 anos. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Praia Brava, Itajaí, 4 de fevereiro de 2001.

seus vestidos finos exibindo suas roupas àqueles que ali se encontravam. Participar de uma festa e se arrumar para esta, é diferente certamente de estar fora dela, ou ficar sabendo que está acontecendo. Laura Dutra, uma antiga comerciante de Itajaí, contou-me que algumas vezes chegou a freqüentar o Cassino com seu marido, e que mulheres ditas de sociedade, se arrumavam para freqüentá-lo.¹⁵² Há um paradoxo nesta colocação, pois se por um lado o Cassino pertencia a Sociedade Guarani quando se realizavam estas festas, um clube de elite da cidade, ao mesmo tempo era mal visto e comentado por esta mesma elite, e algumas pessoas na cidade. Estes comentários, certamente faziam referência à área de prostituição e as "notícias" e comentários que circulavam em Itajaí em relação ao local. Ainda, a forma um pouco tímida com que os entrevistados se referem ao Cassino não me foi possível identificar, na maioria das vezes, se suas falas se referem ao período em que ele pertencia ao Santa Clara Clube de Campo ou, posteriormente à Sociedade Guarani.

Carlos Muller, através de uma conversa informal, comentou que esse local não era muito bem visto pela sociedade itajaiense, e que garotos em busca de aventuras, iam até o local para encontrar uma garota e namorar por uma noite¹⁵³. Há um silêncio com respeito a este Cassino, pois alguns moradores que o conheceram quando ainda estava funcionando, se referem a ele como um lugar "distinto", ao qual freqüentava a elite de Itajaí e região, porém sem terem noção de como este funcionava no espaço privado. Entendendo que este espaço se mostra privado, no momento em que algumas pessoas, talvez pertencentes a um mesmo grupo social, se reuniam numa mesma festividade. Porém, este mesmo espaço privado, pode-se mostrar público no momento em que pessoas vão ali para se apresentarem, ou se mostrarem às outras, à sociedade. Assim, analiso estes espaços, na perspectiva apresentada por Norbert Elias¹⁵⁴, como alternos a seu significado, pois o que parece ser privado muitas vezes se mostra público, ou vice-versa.

A área de bares e casas noturnas na Praia Brava - prostituição.

Na década de 1970, quando a família Rosa Costa migrou do sul do Estado para Itajaí, para morar na Praia Brava, era possível contar quantos habitantes havia, ao contrário

¹⁵² DUTRA, Laura. **Através de uma conversa informal na sua residência em Itajaí**. Setembro de 2001.

¹⁵³ MULLER, Carlos. **Através de uma conversa informa na sua residência em Itajaí**. Junho de 2001.

de hoje, quando é possível contar quantos terrenos vagos ainda existem. Eram umas três ou quatro casas de ponta a ponta da praia, cujo estado de solidão era visto apenas na orla marítima, já que às margens da rodovia e região havia muitas moradias, bares, casas de prostituição e salões de baile, o que fazia com que esta região fosse muito movimentada. Esta afirmação pode em parte ser visualizada na Planta da cidade de Itajaí de 1969, da qual, mais uma vez, faço uso para facilitar a compreensão do texto a seguir.

Neste mapa, é possível visualizar que a população do local se concentrava próxima a "estrada Itajaí - Balneário de Camboriú" (atual Osvaldo Reis), principalmente entre a "estrada Cassino da Lagoa" e a Ponte do Rio Ariribá. Para a orla marítima, neste mesmo mapa, existe apenas a estrada que dava acesso ao Cassino da Lagoa e dois traçados de ruas sem denominação e sem ligação a um local definido no mapa que partiam do referido Cassino.

Esta parte do bairro, à beira da atual Rodovia Osvaldo Reis, se constituía, segundo algumas fontes orais, num *local perigoso*, e, ao mesmo tempo, criava um certo receio pela população que não morava no local. Freqüentar a Praia Brava era motivo de comentários, já que ali era considerado local de bandidos e prostitutas. *Minha mãe me falava para não ir à Praia Brava*, lembra Cristiane, que morava na área central da cidade e gostava de ir junto com seus amigos de colégio tomar banho de mar na Praia Brava, na década de 1980, já que segundo ela, *lá o bronzado ficava mais bonito*. A sua mãe e ela escutavam comentários sobre o local, indicando-o como perigoso. Apesar de não ter encontrado nenhuma fonte escrita que na época falasse deste perigo, alguns dos meus entrevistados se referiram a notícias locais indicando crimes que teriam acontecido na Praia Brava durante o período entre os anos de 1970 e 1980. Cristiane argumentou que ela tomava alguns cuidados para chegar até ao local:

Sempre íamos em grupo, eu e minhas amigas do Colégio Salesiano. Saíamos cedo para voltar antes do entardecer. Nós íamos ao barzinho que tinha no Canto do Morcego, ai sempre encontrávamos alguns colegas do colégio e outros meninos de outros colégios, lá era o ponto da paquera. Mas quando a gente ia para a Praia Brava, nosso pais nos levavam até Cabeçudas, e daí a

¹⁵⁴ ELIAS, Norbert, **O Processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

gente ia andando pelo morro, ou quando a maré estava baixa íamos pela areia... depois nossos pais nos pegavam lá em Cabeçadas no começo ou no fim da tarde.¹⁵⁵

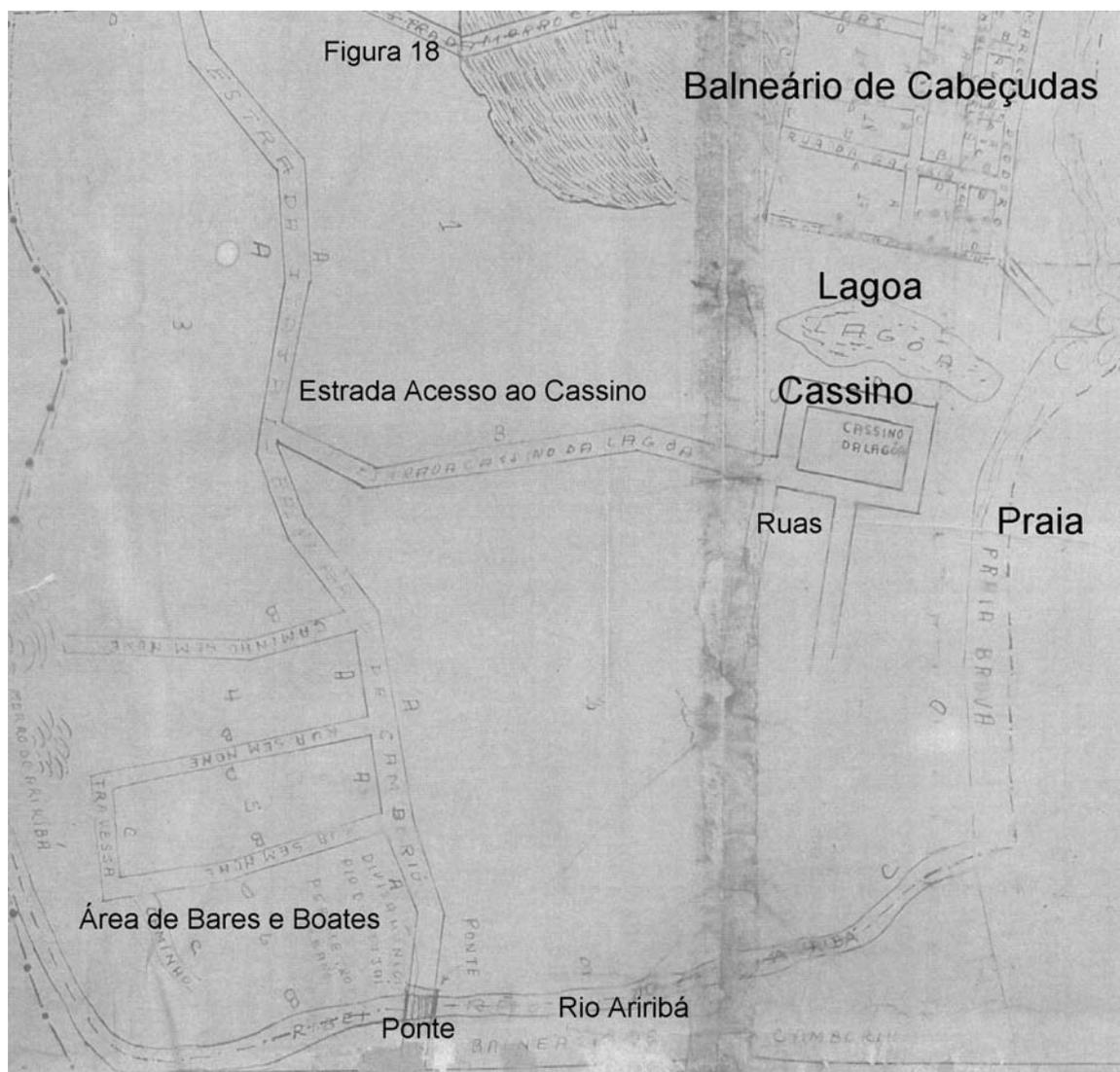


Figura 24: Região da Praia Brava. Extraído e modificado da Planta da Cidade de Itajaí de 1969.

Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí sob tombo nº T: MP/0125.

Isto indica que apesar do local ser nas décadas de 1970 e 1980, e provavelmente anterior a este período, freqüentado por pessoas que lá iam para tomar sol, namorar, surfar e se divertir, havia um certo cuidado a ser tomado. Outros com medo das "notícias" e

¹⁵⁵ BARRETO, Cristiane Manique. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna**. Itajaí, 24 de junho 2003.

comentários sobre o local, preferiam não ir até a Praia Brava, com receio de que algo lhes pudesse acontecer ou ficar mal falado.

Esta má fama da Praia Brava é referenciada também pelo Sr. João Francisco, morador do local, numa entrevista concedida a Francisco Braun Neto¹⁵⁶, quando realizou um trabalho com os alunos da Escola Básica Iolanda Ardigó, em maio de 1996, situada neste bairro. Segundo ele:

...Tinha muito negócio, muito crime, muito assassinato por causa das boates, isso acumulava muita gente de fora, então o pessoal estava foragido da polícia ou coisa parecida, aí vinha se encostava ali (sic) vinha para ali, uma mulher daquela se amarrava nela. Então ficava escondido lá no quarto, então ela trabalhava pra sustentar ele no caso. Aí isso foi fechado, se não me engano foi o Amílcar, é, foi na época do Amílcar que foi fechado¹⁵⁷ ...

João Francisco, mostra de alguma maneira a trama que se vivia na Praia Brava desde o final da década de 1950 até 1970, ano este em que foram retiradas as casas de prostituição do local pelo então Delegado de Polícia Dr. Branquinho, como é conhecido na região. Com relação a esta época e este acontecimento, Albino pontua que, *já fazem muitos anos que fecharam a zona. Fecharam porque dava muita morte. Onde é hoje o Motel Chalé, naquela época era uma casa de prostituição.*¹⁵⁸

A retirada das casas não significou o fim desta "má fama", já que, alguns bares continuaram no local, e outros estabelecimentos noturnos foram abertos. Nos dias de hoje estão instalados vários motéis ao longo da Rodovia Oswaldo Réis na parte próxima à Praia Brava, como o *Motel Chalé*, *Motel Prive*, *Motel Recamier*, *Motel Vis a Vis*, entre outros, como também boates e casas de divertimento noturno. Estes estabelecimentos dos dias de hoje, certamente não são os mesmo de décadas anteriores, e apesar de não me deter nesta discussão, podem de alguma maneira mostrar que parte desta área foi, desde a década de

¹⁵⁶ BRAUN, Francisco Neto. Silêncio e violência: Ser negro no bairro Praia Brava em Itajaí. **Anuário de Itajaí**. Itajaí, Fundação Genésio Miranda Lins, 2003, p 103.

¹⁵⁷ SILVA, João Francisco da, 41 anos. **Entrevista concedida a Francisco Braun Neto**. Itajaí, 11 de maio de 1996.

¹⁵⁸ COSTA, Albino Domingos. O motel Chalé ao qual o entrevistado se refere, está instalado às margens da Rodovia Oswaldo Reis, denominada nos anos 1970 como a Estrada do Turismo.

1950, utilizada para divertimentos noturnos, que significou para algumas pessoas, local de perigo, local que não podia ser freqüentado. Vale lembrar Bronislaw Baczko que nos diz que *as representações coletivas exprimem sempre, num grau qualquer, um estado de grupo social, traduzem a sua estrutura atual e a maneira como reage frente a tal ou tal acontecimento, tal ou tal perigo externo ou violência interna*¹⁵⁹.

É interessante notar que nos dias de hoje a Praia Brava é vista por algumas pessoas como um local "chique" que possui bares e locais de divertimento que atraem um grande número de pessoas nos dias de festa, mostrando que *é nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua "verdade"*,¹⁶⁰ hoje, outra é a maneira de se entender e representar o local, tema a ser discutido no segundo capítulo.

Faço referência a década de 1950, época na qual a área urbana central de Itajaí se expandia e novos assentamentos urbanos eram necessários para abrigar a população que crescia juntamente com a área geográfica da cidade. Este crescimento começou a atingir áreas periféricas onde bares e casas noturnas abrigavam principalmente trabalhadores e marinheiros em busca de diversão, causando reclamações de pessoas que "cultuavam a valorização dos bons modos e costumes".

As fontes utilizadas neste capítulo são referenciadas geograficamente com o auxílio da atual configuração espacial da cidade. Isto vem de acordo com as próprias falas dos entrevistados por fazerem uso desta "tática" para uma melhor explanação de suas memórias.

Desta forma, o mapa abaixo mostra um recorte da atual configuração urbana de Itajaí, recorte este que compreende o eixo formado desde a divisa do município com Balneário Camboriú, o Rio Aririba, passando pela Praia Brava, Cabeçudas, Fazenda, Centro e a área portuária.

¹⁵⁹ BACZKO, Bronislaw. *Op cit.*

¹⁶⁰ BACZKO, Bronislaw. *Idem*, p. 303

Eu me lembro de uma vez que meu pai escondeu um amigo no telhado da nossa casa. Ele tinha batido num marinho. Quando os amigos deste marinho que estavam com as mulheres da zona ficaram sabendo, passaram a caçar ele por todo o bairro¹⁶¹.

Emílio Moran faz referência em sua obra a um modelo de Ecologia Urbana, denominado Modelo de Chicago¹⁶², o qual enfatiza a dominância do centro comercial (ou em outras palavras, a porção mais antiga da cidade) e o gradual escoamento das populações para áreas situadas fora dele na medida em que se elevavam seu *status*, renda e nível de assimilação. O modelo também explica o fato do vício e o jogo concentrarem-se em áreas não pertencentes aos centros comerciais urbanos, mostrando que alguns comerciantes ou pessoas que apostam numa futura valorização econômica, compram terrenos e instalam seus negócios nas áreas periféricas da cidade. Porém, isto não significa dizer não existam exceções, pois se trata de um modelo que facilita a compressão de áreas urbanas ou em processo de urbanização.

A “zona” em Itajaí, até a década 1950, localizava-se na rua Uruguai, próximo a via de acesso ao morro da Cruz, local de onde é possível visualizar parte da cidade. Na época, Sidney¹⁶³, uns dos personagens que me ajudou significativamente a compor esta história, tinha 12 anos e vivia próximo ao local. Ele conta que naquele tempo a população de Itajaí estava mais concentrada na área central da cidade, que crescia ao redor da praça da Igreja Imaculada Conceição. Lembra que famílias viviam em áreas afastadas do centro, mas pelo fato de possuírem grandes extensões de terra para criação de gado e outros animais, o que na época recebia a denominação de “pasto”. Assim, vários locais da cidade eram referenciados como “pastos”, como por exemplo, o pasto da Tecita, pasto da volta do trem, pasto do buraco, entre tantos outros. Ele conta que a “zona” era ao lado do pasto da Tecita, hoje final da Rua Uruguai, ou seja, estas casas estavam localizadas em uma área, na época, demarcada por propriedades de campo.

¹⁶¹ SANTOS, Sidney Francisco. *Idem*.

¹⁶² MORAN, Emilio F. **Adaptabilidade Humana**: Uma contribuição à Antropologia Ecológica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 375. Para uma maior abordagem também consultar: BURGESS e BOGUE (eds). **Contributions to Urban Sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1964.

¹⁶³ SANTOS, Sidney Francisco. *Op cit.*

Segundo Sidney, estas *casas* foram retiradas desta área em função da expansão do centro urbano de Itajaí e foram instaladas¹⁶⁴ na via de Acesso ao Ariribá ao lado da Praia Brava (Ver figura 18 ou 23), na época uma área periférica da cidade onde a população local era constituída, praticamente, por agricultores e madeireiros.

Em Itajaí, dois exemplos são marcantes quando se visualiza, através das fontes, o município da década de 1950 através deste modelo: a transferência da área de prostituição para a Praia Brava e o matadouro local, localizado longe do centro.

Baseio-me aqui nas narrativas da família de Albino e de outros moradores mais antigos, para de alguma forma visualizar a cotidianidade da praia e sua representatividade. Num primeiro momento, década de 1970, a família de Albino foi morar na casa de um sobrinho localizada na Praia Brava, às margens da estrada que liga Itajaí a Balneário. Mas, logo se instalaram na orla marítima, pois segundo ele, na área em que seu sobrinho morava, *dava muita briga*, mostrando que existiam tensões na comunidade, e também por que na orla marítima a terra era muito barata, *quase de graça*, rememora Albino. Ninguém queria viver na região, já que era considerado um local muito perigoso, chamado de *deságüe de corpos*, segundo Nilo¹⁶⁵ que residia na praia e trabalhava numa das boates do bairro.

Albino não se importou com os comentários a respeito da praia, pois ele precisava de um local onde morar. A solidão da praia não o incomodou, pelo contrário, o agradou, não só a ele, mas a sua família, pois estavam acostumados ao campo como ele mesmo rememora, *..Nós gostávamos dali, porque nós morávamos lá no sítio, no meio do mato, acostumado a trabalhar na roça e tudo*¹⁶⁶....

Os primeiros anos, segundo lembra Margarida, esposa de Albino, foram difíceis já que não havia nada perto e não tinham vizinhos próximos. Também, a situação econômica os impedia de morar em outro local e, por serem muito pobres, as crianças iam descalças para escola. Em dias de chuva, chegavam molhadas já que não possuíam trajés adequados.

¹⁶⁴ Utilizo o termo “instaladas” e não “se instalaram” pelo fato de Sidney Francisco dos Santos lembrar que este processo de deslocamento destas casas não ocorreu de forma espontânea, mas sim induzido por alguém ou algum órgão público.

¹⁶⁵ SOARES, Nilo Mari. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna**. Itajaí, 22 de outubro de 2001.

¹⁶⁶ COSTA, Albino Domingos. 67 anos. **Entrevista concedida a G. Alejandra**. Itajaí 9 de agosto de 2002.

Plantavam o que consumiam. Ela ainda se emociona quando relembra aquela época: *olha não foi fácil, o que a gente passou*. Por outro lado, seus filhos, Vera e Adilson se criaram soltos, conta Margarida: *a praia toda era para eles*. Se houve dificuldades, também houve alegrias, *...e as crianças, brincavam por tudo, era uma beleza. E daí na lagoa, daí tinha a ponte, e atravessavam pra lá. Era muito bonito*¹⁶⁷.

Fazia parte do cotidiano desta família, ver mulheres nuas, já que estas chegavam até a sua casa pedindo roupas, pois as delas tinham sido roubadas. Estas mulheres “*eram da zona*”, lembra Margarida. Estes fatos de certa forma quebravam o ritmo do dia, pois se por um lado se vivia tranqüilo, por outro, havia uma constante tensão, de medo, de insegurança, por não saber quem batia na porta. *Eu ficava sozinha com as crianças, pois Albino trabalhava como pedreiro em Balneário Camboriú, eu tinha medo*, lembra Margarida. Esta insegurança de viver num local afastado e solitário, se relacionava ao que eles vivenciavam, ou ouviam falar, como estupros, tráfico de drogas, e algumas vezes mortes.

O progresso, enfatizado pelo Prefeito Frederico Olindio, também chegava à Praia Brava, e por assim dizer, este local marginalizado e esquecido de outrora, de alguma forma passava a figurar na urbanização de Itajaí. Não, ao que parece, de forma direta, mas sim de passagem, pois a Praia Brava encontrava-se entre essas duas cidades. Em 1974, a Prefeitura municipal de Itajaí, no seu *Boletim Oficial*, anuncia o trabalho de asfaltamento da *Estrada do Turismo*, assim denominada a atual Rodovia Oswaldo Reis nessa época. Na nota, se pontua que através da empresa BRUSTERRA,

máquinas da Prefeitura Municipal de Itajaí e caminhões particulares estão fazendo a remoção de terras necessárias à retificação das curvas da estrada Itajaí – Balneário Camboriú. Dois contratos já assinados pela Prefeitura somam aproximadamente 30.000,00 possibilitando a remoção de milhares de caminhões de terra. Além disso, a Prefeitura contratou com a Empreiteira COMPAVI LTDA. a preparação da base e sub-base a paralelepípedos, que em seguida será recapada com asfalto... Nota-se claramente o esforço do Prefeito FRED (Frederico) de Itajaí, para o tão esperado asfaltamento da estrada do turismo, (...) meta primordial do atual governo...¹⁶⁸

¹⁶⁷ ROSA, Costa Margarida. *Op. cit.*

¹⁶⁸ Boletim Oficial. 8 de Fevereiro de 1974

...Prosseguem os trabalhos acelerados de asfaltamento do trecho Itajaí Balneário Camboriú, a estrada do turismo. A prefeitura Municipal continua dando o máximo de seus esforços com caminhões, máquinas e tratores na construção do acostamento e afastamento das curvas mais perigosas. O trabalho está ficando excelente, e no próximo verão, já os turistas usarão a pista asfáltica para a tranqüilidade de todos, bastando obediência à velocidade¹⁶⁹ ...

Era este mesmo Camboriú que desde a década de 1960 já começara a erguer seus altos prédios¹⁷⁰, indicadores de “progresso” e de modernidade, modernidade esta, que Itajaí também estava buscando, e o que seria melhor para isto do que comunicar as cidades pela dita Estrada do turismo?

Ora, estes discursos que de alguma maneira, faziam alegoria ao “progresso” e a uma nova vida econômica baseada no turismo, não estaria também incluindo e excluindo sujeitos nos jogos de poder?¹⁷¹ As pessoas que moravam à beira desta estrada, não teriam que estar mudando suas posturas, ou até de local, frente à nova cara que se pretendia para Itajaí? Provavelmente sim, pois ao que parece, este cenário de bares, casas de prostituição, moradias e outros estabelecimentos, estavam sendo alterados, dando espaço a outros interesses públicos e privados. Mais uma vez faço referência ao Modelo de Chicago, pois sua proposta parece condizer com a situação da Praia Brava desta época e das próximas décadas¹⁷², visto que em um "primeiro momento", este local foi visto como "dominado" pela prostituição, e que foi moldando-se, ao longo do tempo, para acolher e bem apresentar a cidade aos turistas que chegavam pela Estrada Turismo.

O uso da Praia Brava como local de lazer. Mudança de um sentido?

Do Conselho Municipal de Turismo fomos informados que, a promoção Gineteada (Doma de cavalos chucros), touradas e

¹⁶⁹ Boletim Oficial nº 17 de 04 de março de 1974

¹⁷⁰ LEE. Idem 38.

¹⁷¹ Sobre o assunto ver: FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

¹⁷² Sobre o assunto ver: LUNA, G. Alejandra G. **A Praia Brava, tão Brava Assim?** Uma Análise sobre as Representações de um Território. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2001.

boi na vara será no dia 16 de março. Os primeiros contatos estão sendo mantidos com pessoas interessadas na promoção em causa, e que terá como sede a Praia Brava, setor campestre da Sociedade Guarani¹⁷³ ...

Em um dos locais da praia pertencente à Sede Campestre da Sociedade Guarani, foi realizado em 27 de fevereiro de 1975, pelo Conselho Municipal de Turismo da Prefeitura uma gineteada ou uma doma de cavalos chucros, touradas e boi na vara. Os interessados em participar das provas, puderam fazer sua inscrição na secretaria deste clube, e ao que parece uma grande quantidade de pessoas esteve no local se divertindo com o evento, e desfrutando de um *completo serviço de churrasco e bebidas*¹⁷⁴. Mas, nem tudo foi diversão neste dia Albino¹⁷⁵ lembra que quando estavam tentando laçar o boi, a dita vara onde se encontrava o animal rompeu, pois era um eucalipto muito fino que não comportou a força do touro. As pessoas que estavam presentes correram de um lado para o outro tentando fugir do boi, que após uma grande confusão e pânico dos presentes foi laçado no meio da vegetação por um dos participantes. Uma segunda edição deste evento foi programada pela Prefeitura para acontecer no mesmo local no dia 23 de março desse mesmo ano, porém segundo Albino¹⁷⁶, este não chegou a acontecer.

A Praia Brava foi também o local escolhido para a implantação de uma pista de Kart, local considerado apto para *disputas internacionais, estando incluído entre os melhores do Sul do Brasil*¹⁷⁷. Desde quando a pista foi inaugurada na orla marítima da Praia Brava em 2 de março de 1975, muitas pessoas vieram de outras cidades para participar dos campeonatos e outras para assistirem, pois naquela época o (...) *Kartismo* era uma (...) *verdadeira coqueluche dos sportistas brasileiros*¹⁷⁸, o que de certa forma alterou o cenário local, e a vida de seus moradores. *Era uma festança*¹⁷⁹ cada vez que acontecia um campeonato, lembra Margarida. Isto indica que as áreas retiradas da cidade como o

¹⁷³ Boletim Oficial nº 22 de 27 de Fevereiro de 1975

¹⁷⁴ Boletim Oficial nº 31, de 19 de Março de 1975

¹⁷⁵ COSTA, Albino Domingos. *Op. cit.*

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Boletim Oficial. 26 de Fevereiro de 1975.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ COSTA, Margarida Rosa. 59 anos. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí 10 de agosto de 2002.

local em questão, eram destinadas para algum tipo de divertimento, ou para aquilo que não poderia estar na área central da cidade, e isto parece ter sido o referencial que se pretendia para a Praia Brava durante estes anos. Um lugar de lazer, mas agora um lazer familiar, um lazer, que fosse bem visto pela população e pelos turistas, pela nova cara de Itajaí. Esta “moralização” dos espaços, ou neste caso, a moralização da praia, eliminava ou ao menos tentava esconder seu passado, onde casas de prostituição, mortes, bares, mulheres e homens constituíam o cenário, e de certa forma ainda podiam estar presentes no local, mudando ou não seu modo de ser e viver.

Com a relação à urbanização da Praia Brava, as fontes escritas da década de 1970, não citam diretamente qualquer obra pública no local durante o mandato do Prefeito Frederico (1973-1977), o que é confirmado pelas entrevistas. Segundo Albino, (...) *foi o Gazaniga que trouxe a luz para cá, foi uns 4 anos depois que eu já morava aqui, antes só a sede Guarani tinha luz(...), foi ele também que abriu as primeiras ruas na praia*¹⁸⁰. Amílcar Gazaniga foi Prefeito de Itajaí de 1977 a 1983. Portanto, somente após praticamente 3 anos do começo do discurso de progresso do Prefeito Frederico, é que a luz chegou à Praia Brava e que a Prefeitura passou a promover ali a alteração de sua configuração original para um bairro urbano. *Antes só existiam as trilhas, e para nós era só na base do lampião*¹⁸¹, lembra Albino.

Se nos dias de hoje a Praia Brava é a preferida pela maioria dos veranistas e moradores de Itajaí, na época que este trabalho discute, ela era vista com outros olhos. Uma notícia, de 1970, intitulada *Sorriso e lágrimas*¹⁸² cita Cabeçudas e Balneário Camboriú, como *o ponto de veraneio das morenas rainhas do mar*. Há aqui uma omissão da Praia Brava como local de lazer para banho, não se fala dela, só se cita a rua do turismo, a passagem para o progresso. É através da memória daqueles que tiveram alguma ligação com a Praia Brava nos anos, que posso compor neste texto algumas partes (não partes de um todo) desse tempo, que ficaram fora das páginas de jornais e discursos de administradores locais. Albino lembra que na década de 1970 e início dos anos 1980, *ninguém vinha fazer veraneio, ou tomar banho na praia, areia não tinha, o mar não dava*

¹⁸⁰ COSTA, Albino. Domingos Idem.

¹⁸¹ COSTA, Albino Domingos Idem..

*para entrar, eram muito fortes as ondas. Nossa! Como a praia aumentou!*¹⁸³ Segundo rememora Sidney,

A praia realmente fazia juz ao nome, pois tinha ondas muito violentas e poucos se arriscaram a enfrenta-las. Os pescadores somente pescavam na parte do mar próximo as duas lagoas, uma mais na parte norte, e outra mais na parte sul da praia, já que as ondas ultrapassavam dois metros de altura. Nos dias em que o mar estava mais calmo, alguns se arriscavam a pescar em outras áreas.¹⁸⁴

Enquanto na área central de Itajaí, o objetivo administrativo era o embelezamento e a limpeza das vias públicas, a Praia Brava neste tempo, abrigava algumas moradias na sua orla marítima e, às margens da rodovia que comunica Itajaí a Balneário Camboriú, uma área de divertimento noturno. Os moradores da Praia Brava olhavam as mudanças e assistia ao fluxo de turistas e moradores de um centro - Balneário Camboriú, ao outro - Itajaí, pela Estrada do Turismo, vivendo uma outra cotidianidade. Alguns bares, casas de prostituição, moradias, casas noturnas compunham o cenário do local, que foram aos poucos desaparecendo ou sendo maquiados, fazendo com que a relação “Progresso e embelezamento” ficasse muito mais marcante durante a década de 1970 em Itajaí. Isto me faz pensar que na época quando funcionavam estes estabelecimentos comerciais, a Praia Brava, foi vista como um referencial de malandragem, que durante muito tempo, e ainda hoje, aparece e se manifesta nas falas de algumas pessoas.

¹⁸² Boletim Oficial. Ano I, nº 4, Julho de 1973

¹⁸³ COSTA, Albino Domingos. Idem.

¹⁸⁴ SANTOS, Sidney Francisco. Idem.

CAPÍTULO II

DA FERA PARA A BELA – MUDANÇA DE UM DISCURSO

De uma maneira ou de outra, as coisas ficam ali enterradas até que enferrujam; passado algum tempo, alguém acha um papel velho e amarelado onde se explica quais são os sinais, um papel que se leva quase uma semana a decifrar, porque todo é constituído de sinais e hieróglifos.¹⁸⁵

A eficácia do discurso está na autoridade de quem fala. Pierre Bourdieu¹⁸⁶ faz uma análise das representações sociais, onde mostra que a realidade é uma representação, ela é externa e é constituída em meio às representações, ao simbólico. A informação não está só no documento, mas em quem fala, de quem fala, como fala, de onde fala; não há que tomar como verdade uma documentação ou uma fala. Há que se pensar que existem quadros de verdade; a verdade é verdadeira dependendo do momento e do contexto histórico que se está falando. Da mesma forma que se pode pensar que uma cidade é “o mundo de uma imagem que lenta e coletivamente vai sendo construída e volta a construir-se, incessantemente,¹⁸⁷” ou dizer que a cidade é a imagem de um mundo.

Neste capítulo, procuro analisar os motivos que fizeram com que a Praia Brava dos anos 1970 e 1980 considerada, até então, como local de difícil acesso, vadiagem, prostituição e “hostil” à vida urbana, se transformasse em um dos locais urbanos mais valorizados de Itajaí a partir da década de 1990. Para isto, é necessário compreender as mudanças e ações empreendidas na área central de Itajaí e visualizar algumas práticas que ditavam o cotidiano na Praia Brava, em um momento que não era considerado um local “próprio” para ser urbanizado. É possível perceber que na Praia Brava dos anos 1970 e 1980, outras eram as regras, outra era a cotidianidade, outras eram as formas de perceber ou entender o local.

¹⁸⁵ TWAIN, Mark. **As aventuras de Tom Sawyer**. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 134 – 135.

¹⁸⁶ BOURDIEU, Pierre. *Op cit.*

¹⁸⁷ SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Colômbia: Convenio Andrés Bello, 2001. p. XXIII.

Necessária se faz uma discussão sobre a definição de território, como “conceito” utilizável para a análise social, quando o consideramos a partir de seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam¹⁸⁸. Pensando então o território não como um local geograficamente definido com coordenadas específicas, mas sim como algo onde os atores ou personagens envolvidos dão sentidos a este lugar. As relações sociais estabelecidas entre estes atores dão sentido ao que pode ser entendido e denominado Praia Brava. Falar deste local envolve uma “teia” de relações sociais das mais diversas, onde é possível visualizar alguns personagens como surfistas, moradores, professores, turistas, donos de bares e estabelecimentos comerciais, estudantes, etc, que (re) inventam e (re) criam o próprio espaço em função de determinados modos de vida, de ser, de viver, e de pensar. Modos estes que constroem ou se constroem no cotidiano, onde se elaboram práticas e representações¹⁸⁹.



Figura 26: Domingo de sol na Praia Brava. Verão de 2004.
Crédito: A. H. Roman

¹⁸⁸ SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 22.

¹⁸⁹ DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Maria Odila Dias propõe que estudar o cotidiano nos dias de hoje, é voltar-se para a *apreensão das diferenças, para a documentação de especificidades*, é portanto captar e entender as várias temporalidades, e os diferentes personagens *culturalmente diversos*.¹⁹⁰ Cada um dos personagens vê ou lê a praia como um local diferente, já que cada um vai representá-la dependendo de seus interesses pessoais, da sua visão de mundo e dos *jogos de poder* que exercem na cotidianidade. As representações e as re-elaborações da vida cotidiana estão permeadas de (re)sentimentos de resistências, num contínuo selecionar, ouvir, ler, construir, calar, silenciar, de significar e (re)significar a nossa vida e nosso mundo.

No capítulo anterior foram discutidos os porquês que fizeram com que a Praia Brava fosse durante um longo tempo “mal vista” e permanecesse ausente do processo de urbanização e dos projetos de implementação turística da região. Neste mesmo capítulo foi feita uma análise histórica das representações da Praia Brava na região, assim como os vários projetos de progresso que buscavam transformar de maneira direta ou indireta o cenário local. Desta forma, uma vez compreendido um “primeiro” momento da Praia Brava, procura-se agora entender a mudança de um discurso, ou seja, a valorização imobiliária e turística de um local antes “marginalizado”. O discurso enquanto prática social é *produzido* dentro de determinado contexto social ao mesmo tempo em que *produz* sentidos¹⁹¹, aqui ele está de acordo com a nova maneira de entender a Praia Brava que estava e está sendo formulada.

Porém, antes de iniciar esta discussão é relevante considerar que a Praia Brava na sua orla marítima, até os primeiros anos da década de 1990, permaneceu praticamente sem urbanização; apenas havia umas dez casas em toda a extensão da praia, permitindo com que no local seja possível ver hoje remanescentes de ambientes de Mata Atlântica que, embora em parte “preservados”, sofreram e ainda sofrem alterações significativas em função da ocupação urbana e comercial, ambientes que em sua configuração pré-urbanização ainda vivem na memória dos mais antigos moradores e frequentadores da Praia Brava. Como

¹⁹⁰ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: **Projeto História**, volume 17 – trabalhos da memória. São Paulo: PUC, Novembro de 1998. p. 257-258.

¹⁹¹ MARIANI, Bethânia Sampaio C. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória) In: ORLANDI, Eni P. (org). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 1993. p. 33

forma de contextualizar esta análise, mais uma vez faço uso da memória da família Costa, uma das primeiras a fixar residência neste local no início da década de 1970.

A memória, segundo lembra Rafael Samuel, transmite *as paixões dominantes em seu tempo*,¹⁹² sendo que ela surge no momento da fala, *do que é rememorado – e nunca é igual, porque quem lembra traz consigo um logo caminho que separa o vivido do lembrado*¹⁹³. A memória possibilita abrir o leque de novas interpretações sobre um local, novas maneiras de conceber e se conceber no cotidiano. Como uma menina que expressa suas paixões da adolescência, Margarida Rosa Costa¹⁹⁴ lembra da água da Lagoa do Cassino e dos animais que via nela; com uma emoção pausada e duradoura ela rememora:

Eu digo ó, eu só tenho pena da lagoa. Porque a lagoa mesmo, nossa! Quem a conheceu como nós conhecemos. A gente olhava assim, dava para ver aqueles peixinhos andando assim, né. Era peixe, era camarão, era tudo. (...) Dava pra ver o fundo. Ah... Dava... E... Oh! A areia era branquinha, branquinha, a areia da praia era igual. A água? Meu Deus, aquilo era um espelho!¹⁹⁵

Albino Domingues Costa¹⁹⁶, esposo de Margarida, também se refere aos vários animais que havia (e provavelmente ainda existam), Segundo ele:

era aracuã, era outro pássaro que agora não me lembro o nome, tinha até tucano, de vez em quando eu escuto ainda hoje eles cantarem lá no morro, mas antes eles chegavam até aqui em casa.¹⁹⁷

Vera, a filha mais velha do casal, quando veio com seus pais para à Praia Brava com aproximadamente quatro anos de idade, rememora que junto com seu irmão Adilson, dois

¹⁹² SAMUEL, Raphael. Teatro da memória. In: **Projeto História**, n. 14. São Paulo: PUC, fevereiro de 1997. p.44

¹⁹³ FÁVERI, Marlene. **Memórias femininas de uma (outra) guerra. Florianópolis, 1939 – 1945**. Florianópolis: DEPE/FAED/UNESC, 1999. Relatório final de pesquisa. p. 12.

¹⁹⁴ COSTA, Margarida Rosa 58 anos. Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna. Itajaí, 4 de fevereiro de 2001.

¹⁹⁵ Idem

¹⁹⁶ COSTA, Albino Domingos 60 anos. Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna. Itajaí, 4 de fevereiro de 2001.

¹⁹⁷ Idem.

anos mais novo, brincavam e se divertiam, e tinham a praia só para eles. Ela lembra que, *nós andávamos por todos os lugares, subíamos nas árvores, brincávamos na lagoa, era bem linda a praia.*¹⁹⁸



Figura 27: Pessoas observam a lagoa “esvaziando”. Ao fundo se observam banhistas e as ruínas do Cassino. Maio de 1994.
Crédito: Nilo M. Soares.

É preciso compreender determinados modos de ser e de viver que nos mostram como homens e mulheres construíram e constroem seu cotidiano dando sentido a sua vida e vendo que *cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo.*¹⁹⁹

Mergulhar nas memórias da família Costa, de alguma forma, me fez sentir parte desse tempo, me fez voltar a ser criança e a lembrar de minha infância vivida no sítio de minha avó, onde uma “natureza” que me parece “tão distante” nos dias de hoje, estava presente no dia a dia e ao mesmo tempo não estava, pois algumas coisas que nos parecem

¹⁹⁸ COSTA, Vera Rosa. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 4 de fevereiro de 2003.

simples ou sem sentido, se tornam relevantes, quando não mais as temos, e somente sentimos essa falta, quando revivemos esses sentimentos em nossa memória.

Isto me faz pensar que a emoção somente se propaga, quando revivemos ou (re)vivenciamos de alguma forma, aquilo que, embora presente no outrora, foi tirado de nossas vidas. Desta maneira, reconstruir ao menos em parte um passado que está ligado ao presente não nítido ou claro, mas embaçado, não por isto menos significativo, torna-se relevante a partir do momento que passamos a entender e compreender melhor um tempo que já passou. Ao mesmo tempo, permite analisar que lembrar este passado liga-se a experiências individuais, e a maneira de nos relacionarmos com o local e com as pessoas que compartilharam este passado.



Figura 28: Dona Margarida com “Xuxa”, levando-a para pastar em um terreno na Praia Brava. Outubro de 2001.
Crédito: A. H. Roman.

Nesta análise, as lembranças da família Costa, referenciada em linhas anteriores, mostra uma espécie de "saudosismo" de uma Praia Brava em que eles viviam, onde

¹⁹⁹ GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1998. No capítulo "O método biográfico em ciências sociais" a autora apresenta uma discussão sobre a questão da singularidade de um indivíduo contra o contexto social e histórico em que está inserindo.

estabeleciam uma relação de trabalho com o meio, ora pescando, ora plantando, ora criando animais, práticas que exercem até hoje, embora não mais necessitem. “Saudosismo” este que vejo nitidamente em Margarida e Albino, quando os observo levando um de seus inúmeros “animais de estimação”, a vaca Xuxa, para pastar em terrenos da Praia Brava que ainda não foram ocupados. Esta forma de atribuir valores com relação à beleza da Lagoa, à abundância de peixes, aos pássaros cantando, às árvores, aos animais, está atrelado à forma de representar seu "real", a forma de perceber o mundo, seu mundo. Outra, seria a representação de uma família ou pessoa, acostumada com o meio urbano, por exemplo. Se para Albino os pássaros eram uma alegria, para outro, poderia ser um transtorno. Se para Margarida a Lagoa era um espelho, onde se podia ver os peixes, para outro, poderia indicar um local de banho. Se para Vera subir nas árvores era uma diversão, para outro, poderia representar perigo com relação a algum animal peçonhento. Se para muitos criar animais significa um investimento financeiro, hoje, para a família Costa eles representam um vínculo de amizade.

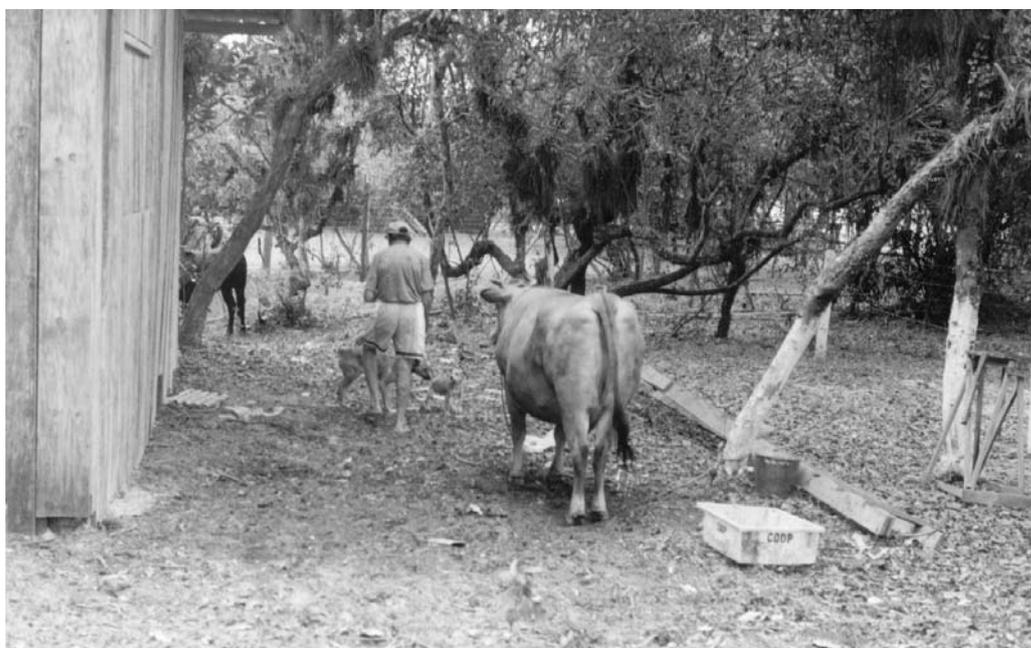


Figura 29: Seu Albino e uma prática diária, o cuidado com seus animais. Setembro de 2001.
Crédito: A. H. Roman.

Da mesma forma que a família Costa, muitas outras pessoas criavam, recriavam, criam e recriam inúmeras outras formas de representar a Praia Brava, como por exemplo, o

pescador que lança sua rede ao mar, onde muitas vezes o realiza sem estar necessariamente estabelecendo uma relação de trabalho.



Figura 30: O mar da Praia Brava, um homem e sua rede de tarrapear. Outubro de 2001
Crédito: A. H. Roman.

Se por um lado, Albino, Margarida, Vera e Adilson, considerados os moradores mais antigos da orla marítima por terem chegado àquele local na década de 1970, se recordam com saudades de um passado da Praia Brava, aqui lido também como um passado do ambiente ligado à memória de quem nele viveu, o que chamo de "passado ambiental", foi durante a década de 1990 que este mesmo ambiente, embora alterado, passou a ser visto com preocupação por alguns e com desejo por outros. A balneabilidade, que neste momento se alia a uma nova utilização da área costeira, seja para prática de esportes e banho de sol e de mar, lazer e trabalho, chegava à Praia Brava no final dos anos 1980 e início de 1990. Com ela, chega, também, o desejo de se instalar próximo ao mar, desejo este que motivou a elaboração de vários projetos imobiliários residenciais ou comerciais, que ao serem executados, eram contestados por ambientalistas que buscavam na legislação brasileira o amparo necessário para preservar aquilo que consideravam de maior importância. O filme se repete novamente. Em Cabeçudas e Balneário Camboriú, a

ocupação da costa, em decorrência do desejo de se estar próximo ao mar, ocorreu com ou sem resistência, e este mesmo desejo passa a ocorrer na Praia Brava e, com ele, os projetos de modernidade. Se em um primeiro momento a transformação do “ambiente natural” era vista como um processo alentador e civilizatório, como visto no primeiro capítulo deste trabalho, em um segundo momento passa a ser contestado e combatido; agora em um outro tempo, quando surge a preocupação pelas várias condições de vida no planeta, e chegam à Praia Brava a ecologia e o ambientalismo que passam a se inserir no roteiro deste novo filme.



Figura 31: Placa estaqueada nas dunas da Praia Brava por ambientalistas, a qual informa “Favor não estacionar o carro nas dunas. Ajude a preservar o verde”. Outubro de 2001. Crédito: A. H. Roman.

Neste contexto, alia-se o fato de que no Brasil a ecologia passava a fazer parte dos discursos políticos com uma maior "relevância" em função da realização da Eco-92,²⁰⁰ embora temas com cunho ambiental já fosse discutidos no Brasil desde o início da década de 1970. Desta maneira, pode-se pensar que na Praia Brava, movimentos ambientalistas

²⁰⁰ Conferência Mundial do Meio Ambiente – Organização das Nações Unidas. Rio de Janeiro, Brasil, 1992.

pró-preservação surgissem e passassem a ver neste local, seja por ideologia²⁰¹, seja por modismo, um "símbolo de ecologia". Por um outro lado, se o movimento ambientalista ganhava força, esta força vinha de acordo com o aumento da especulação imobiliária e o uso da Praia para fins comerciais. Cada lado tentou estabelecer seus parâmetros de verdade, que se estabelece nos embates, nos jogos de força, assim como algo que entra em determinado tipo de força sofrendo outras forças, sendo que não existe verdade nem erro no sentido estrito. Foucault defende que o homem é feito de práticas discursivas e não discursivas e, invertendo a ordem das coisas, o discurso passa a ser visto como efeito e não mais como reflexo das atitudes. O discurso não descreve; ele passa a instituir fazeres e produzir realidades. É no antagonismo entre o movimento ambientalista e ocupação urbana ou comercial da Praia Brava que passo a discutir então, a mudança de um discurso que por sua vez cria sujeitos.²⁰² Esta mudança refere-se à transformação de um local marginalizado de outrora em um local lembrado e freqüentado por pessoas da cidade e região, considerado por alguns como *uma das áreas mais nobres e bonitas de Itajaí*.²⁰³

O Movimento Ambientalista em Itajaí - Os primeiros anos

A luta por uma melhor qualidade de vida, um trabalho que garanta a sobrevivência da família, por serviços básicos, por preços baixos, por um teto, pela diminuição das diferenças sociais e de gênero, por comida, pela vida, é talvez uma luta que ainda se estenderá muitos e muitos anos, talvez séculos, quando os “donos” do poder abram suas mãos deixando de ganhar seus altos lucros para dar oportunidades àqueles que vivem das sobras e da boa vontade dos ricos e endinheirados, e quando seja possível quebrar os muros do preconceito e admitindo que somos seres humanos com múltiplas diferenças. Em Itajaí uma dessas lutas, a dos trabalhadores do porto de Itajaí, foi registrada e investigada por José Bento Rosa da Silva, historiador e professor universitário. O autor, num artigo

²⁰¹ Conforme Marilena de Souza Chauí, ideologia pode ser definida como “um fato social, justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais. IN: CHAUI, Marilena de Souza. **O que é Ideologia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984. p. 31”.

²⁰² FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972, p.9-42.

²⁰³ **Jornal de Santa Catarina**. Santa Catarina têm belas praias. 12 Dezembro de 2002.

publicado no livro *Itajaí: outras histórias*²⁰⁴ faz um breve relato da luta e resistência destes trabalhadores, resultado de suas pesquisas e tese de doutorado²⁰⁵, entrelaçado ao cenário político e econômico em Itajaí desde 1906, ano da fundação da *primeira Sociedade Beneficente, denominada XV de Novembro*.

Esta sociedade visava agregar especificamente trabalhadores do porto e “velar pelo bem-estar”. Porém, havia um constante controle de pagamentos de mensalidades dos associados, os trabalhadores do porto, que só assim poderiam ter o “passe” para garantir um espaço de trabalho na *estiva*, mas isto muitas vezes não ocorreu, e originou confrontos e tumultos entre desempregados e empregadores. Desde a fundação da *Sociedade XV de Novembro* as manifestações operárias em Itajaí começaram a ganhar destaque e visibilidade, deixando a *elite* local, ligada ao comércio e política, em alerta, fazendo com que esta passasse a se precaver antes que acontecesse alguma manifestação. Segundo José Bento Rosa da Silva, na década de 1950, *Itajaí assistiu à formação de uma organização inter-sindical dos trabalhadores, que se prosseguiu até o início da década de 1960, quando o Golpe Militar de 1964 coibiu todos os movimentos populares, sindicais e de organização da sociedade civil*²⁰⁶.

No Brasil, principalmente na década de 1960, vários movimentos sociais começam a emergir em diferentes contextos da sociedade, como por exemplo, o movimento dos operários, dos camponeses, dos negros, dos homossexuais, das mulheres, dos indígenas. Movimentos que de várias maneiras se organizam e de formas diversas lutam para reivindicar seus direitos. Segundo Carlos Walter Porto Gonçalves,

São homens e mulheres que não têm meios de produzir a sua própria existência; que foram expulsos da terra ou nasceram filhos de famílias que foram expropriadas da terra e que se vêem obrigados a vender a sua força de trabalho, nem sempre fazendo aquilo de que gostam ou que melhor saberiam fazer. Em virtude dessa condição, lutam contra baixos salários, contra a

²⁰⁴ SILVA, José Bento Rosa da. Trabalhadores de Itajaí: uma história de organização e resistência. In: **Itajaí: outras histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal/ Secretaria de Educação: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

²⁰⁵ SILVA, José Bento Rosa da. **Do porão ao convés**; estivadores de Itajaí (SC) – entre a memória e a história. Recife, 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

²⁰⁶ SILVA, José Bento Rosa da. (2002), p. 127.

insalubridade do meio ambiente da fábrica, contra uma determinada forma de viver, por uma outra forma de viver²⁰⁷.

Cada um destes movimentos cria significados específicos às suas lutas: os negros reafirmando sua negritude através de seus vários movimentos, os homossexuais que *lentamente, vão conseguindo o seu direito de romper com barreiras formadas por muros de preconceito*²⁰⁸. As mulheres, sobretudo a partir da década de 1960, vêm conseguindo ocupar espaços na sociedade, assim como outros movimentos que emergem de um quadro político específico.

Estes grupos surgem num contexto social e político no Brasil, quando se está vivendo um processo de democratização, quando ocorre todo um movimento a nível nacional. Eder Sader²⁰⁹ analisa o aparecimento de grupos na Grande São Paulo que começam a reclamar seus direitos, como o movimento dos operários e das amas de casa. Segundo o autor, *a consolidação do regime militar no início da década (1970) se fazia sobre a pulverização e o silêncio dos Movimentos sociais*, o que de certa forma provocou uma explosão de movimentos que reivindicavam direitos que eram comuns ao grupo, e de maneira geral diziam respeito àqueles que se sentiam agredidos de alguma forma pelo governo e sua política.

Ao final da década de 1970 e inícios dos anos 1980, há uma irrupção de movimentos operários e populares *que emergiam com a marca da autonomia e da contestação à ordem estabelecida*²¹⁰, chamada de "novo sindicalismo". De maneira independente do Estado e dos partidos políticos, aliam-se a movimentos de bairro e sindicatos que se organizavam de maneiras muito particulares, criando novas formas de sociabilidade. Estes novos movimentos sociais que *politizavam espaços antes silenciados na esfera privada*²¹¹ pareciam emergir em locais e de locais onde menos se esperava, constituindo-se em *novos sujeitos coletivos, que criavam seu próprio espaço e requeriam*

²⁰⁷ GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 18

²⁰⁸ Idem, p. 20.

²⁰⁹ SADER, Eder. **Quando Novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970 – 1980**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²¹⁰ Idem, p. 32-35.

*novas categorias para sua inteligibilidade*²¹². O surgimento deste grande número de movimentos sociais no Brasil, certamente veio como uma resposta à censura e a repressão que muitas pessoas sofreram, e de maneira geral como uma forma de protesto à ordem estabelecida.

Em junho de 1972, realizou-se em Estocolmo, capital Sueca, a I Conferência Mundial sobre o meio Ambiente, onde participaram representantes de 113 países, inclusive do Brasil, com o objetivo central de focalizar critérios ou princípios comuns, capazes de oferecer aos povos das diferentes nações inspiração e diretrizes para preservação e melhoria do meio ambiente. Nesta conferência foram instituídos o dia Mundial do Meio Ambiente e a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA, com a finalidade de orientar e promover atividades de preservação ambiental em todos os países do mundo. No Brasil, através do decreto Federal nº 86.028 de 27 de maio de 1981, ou seja, 9 anos após a Conferência Mundial, foi instituída a Semana Nacional de Meio Ambiente, que tem por finalidade promover atividades em que todos os brasileiros possam participar da preservação do patrimônio natural.

Várias eram as informações que circulavam em nível mundial que diziam respeito à vida futura como um todo no planeta, e as condições de existência dos seres vivos. A luta dos preservacionistas deu um grande passo, por exemplo, com a vitória na questão da caça da foca *Harp* canadense, quando a comunidade econômica européia propôs em março de 1983, a proibição da importação de peles de bebês focas *Harp* e *Hooded* por dois anos. Lutas de ambientalistas no mundo todo tem provocado discussões que envolvem principalmente uma questão econômica, ligada a uma sociedade de consumo.

Vendo o movimento ecológico inserido no contexto nacional brasileiro, penso que muitos daqueles reprimidos por combaterem a política econômica e administrativa do momento, poderiam ter visto na luta ecológica uma forma de continuar protestando, porém, em uma ótica diferente. Fernando Gabeira, por exemplo, na década de 1960, quando

²¹¹ PAOLI, M. Célia. Mulheres: o lugar, a imagem, o movimento. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**. 1985.

²¹² PAOLI, M. Célia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. In: **Comunicação, n. 7 do Museu Nacional**. UFRJ, 1982.

Juscelino Kubitschek²¹³ ocupava o cargo de Presidente do Brasil, era um revolucionário que lutava contra a ditadura que havia se instaurado no País. Preso e mais tarde exilado, em função de sua participação no seqüestro do embaixador estado-unidense Charles Elbrick, percorreu diversos países da América Latina e Europa. Ao voltar para o Brasil, com a anistia em 1979, devido à extinção do regime do AI-5, Fernando Gabeira passa a defender causas como o pacifismo, os direitos da mulher, a “ecologia”, chegando a criar, junto com outros ativistas no Brasil, o Partido Verde (PV), inspirado nos “verdes” deste partido na Alemanha.²¹⁴ Assim como Fernando Gabeira, os ecologistas faziam, e ainda fazem com que várias informações circulem em nível mundial, abordando o respeito à vida futura e as condições de existência dos seres vivos.

No Brasil, a união em defesa das Baleias publicou em seu jornal interno em 1983, um artigo comunicando que pela primeira vez a prefeitura Municipal de São Paulo abriu espaço às entidades que lutam em *defesa do verde*, conhecido como APEDEMA (Assembléia Permanente das entidades de defesa do meio ambiente do Estado de São Paulo). Neste evento foram apresentadas cartas de protesto e abaixo-assinados, como também foram vendidas camisetas com mensagens “ecológicas”, e material de divulgação das entidades²¹⁵ que participaram.

Ainda é de se levar em consideração que a legislação ambiental nesta época estava engatinhando, fazendo com que áreas, hoje vistas por determinadas pessoas como de relevante importância ambiental, fossem devastadas em função de um interesse econômico, o que pode sugerir o fortalecimento do movimento ambientalista como causa de luta e, principalmente, protesto ao governo e a política instaurada.

²¹³ Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902 – 1976) desde os primeiros tempos de seu governo se instaurou um clima tenso no Brasil. Menos de um mês depois da posse a 31 de janeiro de 1956, ocorreria o episódio de Jacareacanga (tentativa de levante por um grupo de oficiais da Aeronáutica). Experimentara também, inúmeras greves em vários pontos do país, secas no Nordeste, outra revolta na Aeronáutica com o capítulo de Aragaças e acusações de Carlos Lacerda de irregularidades em suas contas. Mas não seriam estas dificuldades ou quaisquer outras que ficariam como marcas de seu governo. Um dos acontecimentos que marcou o governo JK, foi a mudança da capital do Brasil para Brasília, uma cidade projetada por Oscar Niemayer para ser sede do governo brasileiro inaugurada em 21 de abril de 1960. O Álbum dos presidentes. A história vista pelo JB. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, quarta feira, 15 de novembro de 1989. p 61-64.

²¹⁴ CARNEVALE, Fabiano. **Fernando Gabeira**. www.geocities.com/Athens/Troy/4280/gabeira.htm

²¹⁵ Segundo o comunicado as principais entidades participantes foram: Arte e pensamento Ecológico, Grupo seiva, União ecológica, Grupo ecológico Fernando Polense, Comissão de Defesa da Represa Billings. PINHEIRO Ana Maria Detthow. União em Defesa das Baleias. **Boletim informativo nº 6**. São Paulo, abril de 1983.

Dentro deste contexto nacional, em 1982, surge em Itajaí a ASSIPAM – Associação Itajaiense de Preservação Ambiental, criada pelo professor e também estudante do curso de História da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Amaro César da Silva Netto. Faziam parte deste grupo professores e alunos universitários e de colégios da cidade, como o colégio Vitor Meireles.²¹⁶ Esta associação surge como iniciativa de um grupo de pessoas que não necessariamente possuíam um mesmo perfil que os pudesse classificar como um grupo exclusivo de ambientalistas, já que alguns chegavam para fazer parte de algo que lhes parecia interessante ou diferente, mas não todos tinham em mente os mesmos objetivos e não havia uma idéia que conduzisse a união de todos. Pessoas envolvidas com direitos humanos, seminaristas, estudantes secundaristas ligados ou não ao movimento estudantil, pessoas preocupadas com as discussões que se faziam a respeito do ambientalismo na cidade, outros com política compunham esta organização. Sobre a ASSIPAM e suas atividades, Amaro lembra que:

Participamos de muitas manifestações com passeatas no centro da cidade e nos tínhamos um grupo de professores que atuavam em sala de aula, isso foi um trabalho em que nos atuamos muito. Nos aproveitamos todo o centro disponível e inclusive, muitas vezes éramos advertidos pelos diretores das escolas por ocupar muito nosso tempo, já que, o pessoal lecionava outras matérias, e nessa época, a ecologia não estava em evidência. Mas nós aproveitávamos nossas aulas para transmitir muita coisa de ecologia nesse momento em sala de aula. Éramos chamados porque nós não cumpríamos o currículo das matérias que tínhamos preparado. Muitas pessoas que participaram na época hoje estão casadas, tem filhos. O Chico que na época era uma criança e que não podia participar dos acampamentos, o Charles que hoje é carteiro aqui em Balneário e acompanhou todo o processo da criação a ASSIPAM, o Beto que entrou depois e hoje é professor... A ASSIPAM nasceu no meio estudantil com os professores do Vitor Meireles, eu era professor de história (1981). Foi ali que surgiu o embrião de formar a ASSIPAM com o apoio dos alunos principalmente.²¹⁷

²¹⁶ O colégio Vitor Meireles foi fundado em 1913, dividido em duas alas, uma feminina e outra masculina.

²¹⁷ SILVA, Amaro César da. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna e Antonio H. Roman.** Camboriú 11 de outubro de 2003.

Nesse momento em Itajaí, a Casa da Cultura Dide Brandão,²¹⁸ se constituiu num espaço de discussão que permitiu durante algum tempo, promover ações e onde foi possível falar sobre temas que eram inquietantes no momento. José Roberto Severino, atual professor universitário de História, fez parte deste grupo nos tempos de colégio, quando tinha aproximadamente 16 anos. Segundo ele, a *Casa da Cultura estava ganhando esse caráter de casa*,²¹⁹ já que se podia chegar até ela e ali falar sobre assuntos comuns com outros membros e amigos. Isto de certa maneira mostra que havia todo um clima de pensamento crítico na cidade, que não era necessariamente coeso; várias pessoas agiam sem ter necessariamente uma relação entre si, mas mesmo assim, estavam presentes e atuantes na cidade. A figura abaixo procura mostrar como os ambientalistas da ASSIPAM procuravam mobilizar a sociedade Itajaiense aos problemas ambientais.



Figura 32: Passeata promovida pela ASSIPAM. O presidente da Entidade, Amaro, aparece em frente com o megafone. Inverno de 1983. Acervo pessoal de Amaro César da Silva. Autor Desconhecido.

²¹⁸ A Casa da Cultura foi fundada em 1982, sendo que este prédio abrigou o grupo escolar Vitor Meirelles desde sua fundação em 1913 até a década de 1980 quando foi construída a nova sede do Colégio nos fundos do prédio.

²¹⁹ SEVERINO, José Roberto, 37 anos. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna**. Itajaí: 17 de abril de 2003.

A ASSIPAM não surge em Itajaí de forma isolada na região, pois já no início da década de 1980 outras organizações começavam a aparecer, como é o caso do Movimento Verde de Navegantes, no Município vizinho à cidade de Itajaí, cuja divisa é o Rio Itajaí Açu. Este movimento realizava passeatas por este rio, chamando a atenção para o lixo que era e ainda é jogado nas suas margens. Marlene de Fáveri, atualmente professora universitária de História, fez parte deste movimento quando chegou a morar em Navegantes por volta de 1985. Ela lembra que o grupo já existia há mais de 5 anos, e que, algumas vezes, participou de passeatas que tinham como objetivo sanear o rio Itajaí, como também promover ações e denunciar crimes ambientais. Segundo Marlene, *numa ocasião que a gente foi rio acima até perto de Blumenau, fizemos uma canoagem de conscientização para limpeza do rio.*²²⁰ O Jornal *Cultura Dengo Dengo* em fevereiro de 1987, editado pelo grupo na *Casa da Cultura* de Navegantes, anuncia:

Somos responsáveis pelo Verde! Associação Movimento Verde – Navegantes SC. Precisa-se, de colabores! Artistas, escritores, desenhistas, cartunistas e todos os que desejam contribuir para nossa cultura! Informações e matérias deverão ser encaminhadas à Casa da Cultura. Colabore e receba o nosso muito obrigado!²²¹

Chamar a atenção de quem escrevia, pintava, declamava, dançava, encenava, defendia o verde, poderia significar unir forças individuais para fortalecer todo um movimento que se pretendia para a coletividade, expressando assim, de maneira muito particular algo que se pensava para todos. Isto permite compreender que homens e mulheres através de ações e práticas cotidianas, *constroem estratégias de sobrevivência e inventividade*²²² fazendo com que (re) signifiquem, e (re) inventem seu mundo. Nos anos 1980 havia toda uma intenção de fazer algo pelo local em que se vivia, trabalhava, freqüentava ou estudava, algo que se ligava a vários tipos de interesses e preocupações.

²²⁰ FÁVERI, Marlene de. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí: 21 de janeiro de 2003.

²²¹ **Cultura Dengo Dengo.** Somos responsáveis pelo Verde! Navegantes, fevereiro de 1987.

²²² FÁVERI, Marlene de. **Memórias femininas de uma (outra) guerra. Florianópolis, 1939 – 1945.** Florianópolis: DAPE/FAED/UDESC, 1999. Relatório final de pesquisa. p. 11

A preservação das dunas da Praia de Navegantes era uma das metas do Movimento Verde, que através de reivindicações e uma série de denúncias e ações, fizeram com que nos dias de hoje neste local, seja possível ter uma área de dunas bastante preservada. Isto se evidencia na comparação com outras praias como, por exemplo, a “Brava”,²²³ onde a faixa de dunas em alguns trechos está desaparecendo por conta do alargamento da rua, bem como sua vegetação em função do uso como estacionamento de carros, mesmo existindo placas no local indicando a proibição. Ainda, na praia de Cabeçudas, as dunas e sua vegetação foram completamente retiradas, quando construído o calçadão à beira-mar no mandato do Prefeito Francisco de Almeida que esteve neste cargo de 1939 a 1945. A notícia a seguir permite analisar que determinados elementos são mais ou menos valorizados dependendo da época que se está vivendo e dos vários tipos de interesses que estão presentes no dia-a-dia em épocas distintas. O *jornal Itajahy* de 24 de julho de 1940 anunciava a seguinte nota:

O cuidado que o Sr. Prefeito Municipal vem dispensando à praia de Cabeçudas, o refugio predilecto da nossa gente de fora, constituindo, presentemente o balneário que ganhou fama pelo conforto que proporciona aos seus veranistas, é digno de um registro.

De facto, a praia de Cabeçudas apresenta-se-nos, agora, mais moderna e mais higienica. As providencias acertadas tomadas pelo sr. Prefeito, mandando construir um passeio cimentado sobre o caes concluido e arrancar o capim de toda a praia, merecem de todos os mais francos aplausos. O sr. Francisco de Almeida que prossiga nessa salutar administração. Zelando pelas ruas e estradas, actualmente, em optimas condições, olhando com carinho para todos os problemas que encerram a preocupação dos itajahyenses, está prestando, innegavelmente, relevante serviço á sua terra, conquistando por tanto, a confiança e sympathia de seu povo.²²⁴

Limpar a areia da praia significava, nos anos 1930 e 1940, arrancar o "mato" que tirava a higiene do local. Ter um calçadão para poder passear nos dias e noites de verão, e a areia livre de mato, era sinônimo de conforto, que proporcionava bem estar a seus frequentadores. Nos dias de hoje, esse mesmo “mato” que era arrancado para “higienizar” o local, é valorizado por algumas pessoas ligadas ou não a movimentos ambientalistas, que

²²³ Termo usado para fazer referência à Praia Brava.

vêm nele uma barreira natural que impede que as ondas do mar avancem sobre a costa. Outras são as maneiras de se referir à praia, outras são as representações sobre o local de banho, lazer e trabalho.

Uma abordagem das relações dos moradores de Navegantes²²⁵ com o Rio Itajaí-Acú, assim como algumas das representações feitas a este, é feita por Sara Cristina da Silva,²²⁶ que também apresenta alguns dos embates, encontros e tensões entre moradores de Navegantes e Itajaí citando-os como *dengo-dengo* para os navegantinos e *papas-siri*, para os itajaienses, mostrando as relações nodais que ligam os “dois lados do Rio”. Ainda, lembro que através de conversas informais com amigos e conhecidos que passaram sua infância em Itajaí, estes comentavam que também no esporte como o surf, existiam disputas, e que era muito difícil ver um itajaiense surfando na praia de Navegantes ou vice-versa. As cidades de Itajaí e Navegantes eram nos anos 1980 dois lugares diferentes que tinham determinadas conexões entre si, sendo que ainda hoje pessoas que moram em um dos dois lados do rio, dependem de alguma maneira do “outro lado”, hoje Itajaí depende do aeroporto de Navegantes. Os ambientalistas de ambos os lados (Itajaí e Navegantes) e algumas pessoas que participavam do Movimento Verde na cidade de Navegantes conheciam alguns dos integrantes da ASSIPAM de Itajaí ou de outros grupos que ali atuavam.

A *Casa da Cultura* de Itajaí serviu como local de encontro, um espaço de troca de informações e abertura das redes de sociabilidades dos vários grupos que atuavam na cidade, como por exemplo, o Grupo de Poetas e Escritores *Mario Quintana*, grupos de teatros, de músicos, de desenhistas, entre outros que interagiam neste mesmo local. O *Grupo de Poetas e Escritores Mario Quintana* surgiu oficialmente em 30 de julho de 1988 na cidade de Navegantes. Seus idealizadores, Orlando Ferreira, Julio César Andrioni, Marlene de Fáveri e Nassau de Souza, escolheram o nome em homenagem ao grande poeta

²²⁴ Melhoramentos em Cabeçadas. **Itajahy**. Itajaí, 24 de julho de 1924.

²²⁵ O Município de Navegantes é criado em 1962 quando se emancipa política e administrativamente de Itajaí. Sobre relatos históricos de Navegantes consultar: VIANA, Osório Gonçalves. **Navegantes e sua História**. Brusque: Tipografia e papelaria Leão. (s.d) e d'ÁVILA, Edison. **Nossa Senhora dos Navegantes- festas e história**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1999.

²²⁶ SILVA, Sara Cristina da. **Um rio, uma fronteira e duas cidades**: “Dengo-dengos” e “Papa-siris”. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2001.

contemporâneo. Seus objetivos e ideologias determinavam uma união “anarquista, sem líderes, padrões ou hierarquias, adotando um trabalho em equipe”²²⁷.

Assim como a ASSIPAM, eles também tiveram como sede a Casa da Cultura de Itajaí na avenida Hercílio Luz. Em 31 de setembro de 1988, realizara na *Casa da Cultura*, o primeiro Varal Gigante de Poesias²²⁸, convidando artistas, poetas, atores, jornalistas, músicos e artistas plásticos de Itajaí, Blumenau e Florianópolis, que apresentaram performances teatrais, musicais, lançamentos de livros e exibição de vídeos. Este grupo, além de outras atividades culturais, lançou a *I Rede Poética da Marejada*²²⁹, promoveu várias palestras e criou a primeira *Noite da Poesia*. O escritor Jean Carlos Reinert ingressa posteriormente no movimento alterando o nome do grupo para *Grupo de Poetas e Escritores Mario Quintana*, que logo se alia com o grupo de produções teatrais, dirigido por Carlos Batista e os atores Lúcia Efrom, Valéria Oliveira entre outros para produzir o *Ultra Jornal*, que tinha como manifesto o *ultra-realismo*, crônicas, poesias e material sobre cultura em geral. Uma comunidade ou um grupo, *através dos imaginários sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designada através da instalação de modelos formadores.*²³⁰ Desta maneira, pode-se pensar que várias coisas e assuntos coexistiam ao mesmo tempo. Pessoas que trabalhavam na ASSIPAM, também faziam teatro, tocavam algum instrumento musical, eram desenhistas, por exemplo. Desta maneira, não é possível definir um perfil dos integrantes destes grupos que estiveram atuantes nos anos 1980 na cidade de Itajaí e região, já que se agregavam múltiplos ideais.

É importante notar que neste momento ainda se estava vivendo num período de tensão, e que é justamente nos anos que fizeram as décadas de 1970 e 1980, que vários grupos se formam no Brasil, como forma de contestar as leis estabelecidas. O Brasil nessa época, encontrava-se sobre o regime do Presidente João Figueiredo, um regime militar que procurava mudar a repressão e a ditadura dos governos militares anteriores. Uma nota do *Jornal do Brasil*, de 31 de dezembro de 1978, anunciava esta mudança:

²²⁷ Reletório de atividades do Grupo de Poetas Mário Quintana. Sem data. Acervo particular de Marlene de Fáveri.

²²⁸ **Jornal de Santa Catarina**. Grupo de Poetas “Mario Quintana” faz “varal gigante” na casa da cultura. 28 de setembro de 1988.

²²⁹ **A notícia - 17**. 1º Mostra de artes em Itajaí esta semana. 9 de outubro de 1988.

A Meia noite de hoje o Brasil sai do mais longo período ditatorial de sua História. Dez anos e 18 dias depois de sua edição, o Ato Institucional nº 5, que suspendeu liberdades individuais, eliminou o equilíbrio entre os Poderes e deu atribuições excepcionais ao Presidente da República, encerra sua existência.

O Presidente Ernesto Geisel, que governou com o Ato e comandou a política de distensão que o revogou, passa a última noite do ano – e do regime – na Granja do Riacho Fundo. O general Figueiredo, que receberá o Governo sem poderes arbitrários, começará o ano na Granja do Torto, também em Brasília.

A partir de meia-noite:

* O Brasileiro volta a ter direito a habeas-corpus nos casos de crime político.

* Os direitos políticos tornam-se permanentes. O executivo não pode mais suspendê-los sem amparo judicial.

* Os funcionários públicos recuperam o direito de só sofrerem punição de acordo com as leis. O executivo não pode mais demiti-los ou aposentá-los.

* O direito brasileiro livra-se da pena de morte, da prisão perpétua e o banimento.²³¹

Embora ainda se estivesse sob o regime militar, abria-se espaço para a “democracia” no país, eram tempos de transição, eram tempos de convulsão. *Figueiredo garante que fará democracia ainda que sob a explosão de mil bombas.*²³² Este novo Brasil que se formava, absorvia as idéias de revolucionários que reivindicavam seus direitos e deveres perante o Estado. Existiam estudantes que ao mesmo tempo em que queriam lutar a favor ou contra alguma coisa, sentiam-se coagidos e com medo, mas também queriam criticar o sistema de alguma forma. Numa entrevista, José Roberto Severino, explanou da seguinte forma o seu ingresso na ASSIPAM:

A gente começou a fazer parte porque o Amaro era professor do Colégio Victor Meirelles, e ele como professor ele estava muito já

²³⁰ BACZKO, Bronislaw. *Op cit.* p.309

²³¹ O Álbum dos Presidentes. A história vista pelo JB. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, quarta feira, 15 de novembro de 1989, p 88

²³² O Álbum dos Presidentes. A história vista pelo JB. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, quarta feira, 15 de novembro de 1989, p. 90

no ambientalismo, então muitos dos adeptos da ASSIPAM eram estudantes. Eu não fui aluno dele, eu estudava em outra escola, mas como eu freqüentava a Casa (da Cultura), onde conheci os desenhistas, o pessoal que fazia desenhos, que também eram filiados, então eu acabei indo para a ASSIPAM por isso. Por conta também do Hélio que era militante do PT, naquele momento também conheci o Amaro, ele tinha apresentado para a gente, e também por conta de um professor de química que tinha, que era ambientalista, ele tinha essa preocupação.²³³

A figura abaixo registra o momento em que é fundado o Núcleo Ecológico do Partido dos Trabalhadores em Itajaí, em 05 de junho de 1988, momento este que o fundador da ASSIPAM, Amaro César da Silva, esteve presente. Porém, as falas de José Roberto Severino e esta fotografia, não podem ser vistas como um indício de que os ambientalistas da ASSIPAM eram idealistas que utilizavam a causa ecológica para mascarar intenções políticas, mas sim que o movimento ambientalista era encarado por alguns dos membros como uma opção política, sendo visto então como *uma coisa confusa entre hippies e o germe de uma ala do PT*.²³⁴ Integrantes da ASSIPAM e do Movimento Verde, também viam nos problemas ambientais do mundo e de Itajaí algo a ser combatido e alterado através de uma possível solução. Apesar de citar outros movimentos ambientalistas, como o Movimento Verde de Navegantes, refiro-me mais a ASSIPAM, já que tenho em mãos uma vasta documentação que permite visualizar, em parte, as atividades por eles desenvolvidas.²³⁵

²³³ SEVERINO, José Roberto. *Op. cit.*

²³⁴ *Idem.*

²³⁵ No acervo do Curso de História da UNIVALI, há vários documentos da ASSIPAM, como correspondências de vários locais e organizações em Santa Catarina e outros Estados Brasil, enviadas e recebidas, cartas, fichas dos sócios, carimbos, fontes extraídas de jornais nacionais e locais, cartazes, convites de participação em eventos entre outras fontes que se referem a parte da história deste movimento



Figura 33: Reunião de fundação do Núcleo Ecológico do Partido dos Trabalhadores. Itajaí, 05/06/1988. Acervo pessoal de Amaro César da Silva. Autor desconhecido.

A ASSIPAM possuía contatos com outras associações, umas com perfil ambientalista, outras que discutiam temas relacionados com o meio ambiente. Estas relações eram mantidas em cidades catarinenses e outros estados do Brasil, como por exemplo, a S.O.S. Mata Atlântica²³⁶ com sede em São Paulo. Através de correspondências, esta associação trocava informações, recebia e enviava convites de eventos, palestras, cursos, seminários, simpósios, congressos e reuniões formando-se toda uma rede de informações entre estas entidades. Um destes convites foi feito pelo governo do Estado de Santa Catarina, pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, e pela FATMA, para participar na 4ª Avaliação Pública Trimestral do Programa de Proteção e Recuperação Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio do Peixe na cidade de Joaçaba, localizada no meio oeste do estado de Santa Catarina, em 28 de setembro de 1988.

²³⁶ Boletim SOS Mata Atlântica, São Paulo, março/ abril de 1989. n 3. A SOS. Mata Atlântica é uma entidade privada, sem vínculos partidários ou religiosos e sem fins lucrativos. Seu objetivo prioritário é defender os 5% restantes de Mata Atlântica e em ambientes associados, como manguezais e restinga, valorizar a identidade física e cultural das comunidades humanas que habitam as áreas remanescentes desses ecossistemas e preservar o riquíssimo patrimônio natural, histórico e cultural.

É possível analisar, através das correspondências, que o papel desempenhado pela ASSIPAM nos anos 1980, teve uma certa repercussão a nível nacional, não que isto fosse difundido pela mídia, mas sim através das próprias relações mantidas com entidades fora e dentro de Santa Catarina. Era a troca de experiências que reforçava esta rede de informações. Era através das ações desenvolvidas pela ASSIPAM no município de Itajaí que ela transmunicipalizava o seu raio de atuação. Atuação esta que se por um lado *promove palestras, conferências e círculos de estudos; ministra aulas em parques infantis, colégios e faculdades; promove acampamentos ecológicos,*²³⁷ por outro passava a criar atritos com o empresariado local e até com a Prefeitura Municipal. Pois, se a ASSIPAM *teve destacada atuação na não implantação do entreposto de carvão em Itajaí,*²³⁸ ela também foi *expulsa da Casa da Cultura de Itajaí* (mantida pela Prefeitura Municipal) *sob a alegação de que ecologia não é cultura.*²³⁹

Como já discutido no primeiro capítulo, a escassez da madeira representou o desencadear de uma crise para o porto de Itajaí. A instalação de um entreposto de carvão em Itajaí significava, em parte, a solução para este problema. Conforme um “manifesto ecológico público”, datado de março de 1983, assinado por várias associações ambientalistas,²⁴⁰ entre elas a ASSIPAM, que em função da não aceitação pela comunidade de Blumenau e Itajaí deste Entreposto de Carvão, denunciava e alertava a comunidade de Navegantes sobre o perigo e o impacto que tal atividade viria a desencadear ao meio ambiente e à saúde humana. Visto que tal entreposto nunca chegou a existir, é um pouco pretensioso afirmar que a ASSIPAM teria poder o suficiente para impedir que tal empreendimento fosse implantado, o que leva a acreditar que foi na articulação da comunidade local e no apoio da rede de Associações regionais que ela conseguiu desempenhar seu papel na proteção do ambiente, e ao mesmo tempo passar a representar um empecilho para a administração municipal em implantar novos projetos. A ecologia e o ambientalismo ganham força em Itajaí através de lutas como a *preservação do mangue do*

²³⁷ Folder "Viva 85 – 3º Acampamento Ecológico". Divulgação do 3º Acampamento Ecológico. ASSIPAM, Itajaí, 1985.

²³⁸ idem

²³⁹ idem

²⁴⁰ Associação de Preservação e Pesquisas Oceânicas (Balneário Camboriú), Associação Catarinense de Preservação da Natureza - ACAPRENA (Blumenau), Associação de Preservação e Equilíbrio do Meio Ambiente – APREMA (Joinville), Associação de Defesa do Meio Ambiente – ADEMA (Florianópolis).

*Saco da Fazenda, demarcação do Parque Municipal da Ressacada, recuperação do rio Itajaí-Açú, recomposição da mata do Morro da Cruz, inclusão da disciplina de Ecologia nas escolas de 1º e 2º graus, construção de um sistema de tratamento de água e esgoto (até hoje inexistente em Itajaí), participação da comunidade na elaboração de um novo plano diretor para o Município, entre outros,*²⁴¹ “atacavam” diretamente a administração pública municipal através de reivindicações, seja pelo uso de cartas,²⁴² ou então, pela disseminação de críticas no dito “popular” através dos mais de 400 sócios que a ASSIPAM possuiu durante os primeiros anos da década de 1980, pois uma das atribuições do sócio era de *participar de lutas de ação comunitária pela preservação do patrimônio natural e qualidade de vida, além de contribuir para a consciência ecológica entre seus amigos, companheiros de trabalho e demais relações.*²⁴³

As fontes sobre a ASSIPAM permitem analisar que, se houve um começo em “harmonia” com o poder público, ao mesmo tempo sugere que a administração política já naquela época “usava” movimentos sociais para enaltecer discursos políticos. Em um segundo momento, o poder público local, passou a se sentir “incomodado” quando a ASSIPAM começou a ganhar força, já que criticavam ao mesmo tempo, ações vistas por eles, como mal pensadas. Este pode ter sido o motivo que fez com que a Prefeitura Municipal de Itajaí, expulsara os membros da ASSIPAM da Casa da Cultura, em junho de 1984.

A saída da casa da cultura não determinou o encerramento das atividades da ASSIPAM, porém significou um revés na estabilidade da entidade, pois, conforme as correspondências analisadas, pelo menos por mais duas vezes ela mudou de local. Se a sede dependia da boa vontade de sócios ou do pagamento de aluguel, isto pode ter colaborado sensivelmente com a diminuição gradativa dos associados e a paralisação das atividades da entidade ainda na década de 1980. Nas palavras de Amaro:

²⁴¹ SILVA, Amaro César da. *Op cit.*

²⁴² No material da ASSIPAM encontram-se cópias de diversas correspondências redigidas na década de 1980, endereçadas a membros da Administração Pública, tais como o Sr. Paulo Cruz, na época Secretário da Educação (1984), Sr. Edvaldo Muller, Secretário do Desenvolvimento Urbano (1984), entre outros.

²⁴³ Texto inserido na “Proposta para Associação” – Ficha de proposta de adesão ao quadro de sócios da ASSIPAM.

a saída da Casa da Cultura, não determinou a paralisação da ASSIPAM (...) nós continuamos nos reunindo no escritório do advogado da entidade, na casa de sócios, ambientalistas. Mas a expulsão desanimou muita gente, muita gente ficou desacreditada com isto.²⁴⁴

Em função da vasta documentação a respeito desta entidade e a pretensão de desenvolver um estudo mais aprofundado sobre a ASSIPAM (já em desenvolvimento), irei me deter no momento àquilo que está diretamente ligado à proposta inicial deste trabalho. Desta maneira, através das atividades promovidas pela ASSIPAM, passo a ver o início de uma nova representação da Praia Brava: o uso de um local para o desenvolvimento de atividades ecológicas, festivas e esportivas. A realização de acampamentos, em parceria com o Teatro da FEPEVI – Fundação do Ensino do Pólo Geo-Educacional do Vale do Itajaí, atual UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, permitiu que ocorressem *contatos com ecologistas e ecólogos do Brasil*,²⁴⁵ bem como reunir *uma troupe de artistas que farão a festa do acampamento*.²⁴⁶ O próprio Amaro, incentivador também dos acampamentos na Praia Brava, rememora:

Os diretores do teatro da Fepevi aproveitando os equipamentos, e o escritório do teatro, fizeram uma parceria com a gente. A estrutura do teatro Adelaide Konder (na atual Univali) foi utilizada, e nós, a equipe de ambientalistas e a equipe deles utilizamos as coisas do teatro lá na Praia Brava. Foram dois ou três acampamentos que eu participei. O primeiro acampamento foi do pessoal lá de Toledo do Paraná. Mas o segundo e o terceiro acampamento, fomos nós da ASSIPAM com o pessoal do teatro que organizamos. No primeiro a gente só participou, era uma pessoa muito bacana, o ambientalista Vilmar Rodrigues Galvão que morou muito tempo aqui na região, (Balneário Camboriú) era ambientalista e deu a idéia de fazer o acampamento aqui na região, ele fez o primeiro acampamento ambientalista na Praia Brava. Ele era um ativista, era membro da Greenpeace, viajou muito, foi para a Amazônia e trouxe muita coisa boa para cá.²⁴⁷

Em decorrência das poucas fontes à respeito do I Acampamento Ecológico, realizado na Praia Brava em 1982, desenvolvo os próximos parágrafos, baseando-me nos

²⁴⁴ SILVA NETO, Amaro Cezar. *Op. cit.*

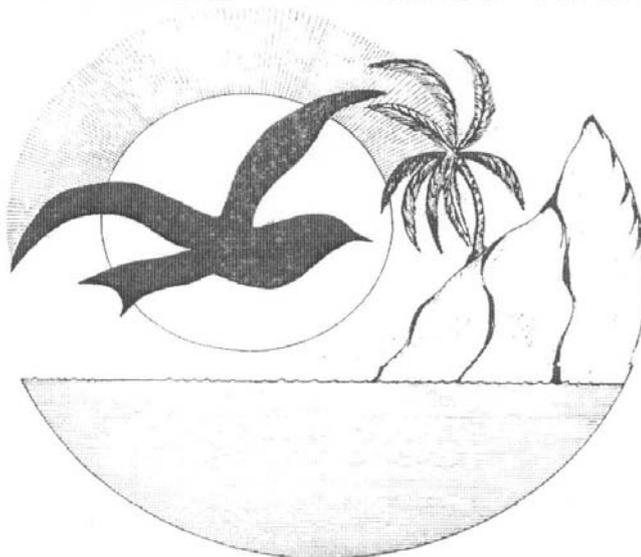
²⁴⁵ Folder "Viva 85 – 3º Acampamento Ecológico". *Op. cit.*

²⁴⁶ Idem.

registros encontrados no material do Arquivo da ASSIPAM, bem como de fontes orais de pessoas que participaram do 2º e 3º acampamento.

Acampamentos na “Brava”

EM DEFESA DO PATRIMONIO
AMBIENTAL DO VALE DO ITAJAI



II ACAMPAMENTO ECOLÓGICO SANTA CLARA
PRAIA BRAVA ITAJAÍ S.C.
24 - 25 - 26 FEVEREIRO 1984

PALESTRAS

DEBATES

PROMOÇÃO ASSIPAM

SHOWS

ESPAÇOS AOS QUE
QUISEREM PRODUZIR
MÚSICA ARTES CÊNICAS

PATROCÍNIO: FEPEVI

TEATRO

APOIO: PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ S.C.

Figura 34: Cartaz de divulgação do 2º Acampamento Ecológico Santa Clara. 24-25-26 de Fevereiro de 1984. Acervo do Arquivo Histórico de Itajaí.

²⁴⁷ SILVA NETO, Amaro Cezar. *Op. cit.*

Estes acampamentos eram realizados pelos ditos “experientes”, uma vez que esta organização não governamental, possuía a categoria mirim, composta por sócios de 10 a 15 anos que não participavam dos mesmos. Ao *Acampamento Ecológico Santa Clara só terão acesso as pessoas que têm e procuram uma nova alternativa na vida.*²⁴⁸ Este pré-requisito destes acampamentos, provavelmente, também contribuiu para que o processo de urbanização na praia fosse tardio, pois a Praia Brava passava a ser vista como um local “diferente” onde se podia realizar o que não era permitido na área central da cidade, agora com um outro enfoque. Os jovens que a este local chegavam, ditavam ou iniciavam novas regras, e uma nova maneira de ver e entender o mundo, talvez inspirado nos ideais do movimento “hippie” dos anos 1960 e 1970, mas com algo novo, o interesse pela preservação do verde, da natureza. José Roberto Severino recorda que, nesses acampamentos,

Tinha músicos, que vinham, tiveram mesas com conversas, (...) tinha políticos, gente que tinha interface com o ambientalismo. (...) Então durante o dia havia debates, etc, e a noite o show até o pessoal se acabar, escutando músicas, dançando de tudo, do rock ao MPB. Os acampamentos foram um pouco isso, muita gente sem a menor idéia do que estavam fazendo lá.²⁴⁹

A memória de José Roberto Severino sobre este tempo permite pensar que se o objetivo era discutir ecologia, a própria programação dos acampamentos atraía simpatizantes que não eram “ecologistas”, mas apenas pessoas dispostas a se divertir. Isto não significa dizer que os objetivos não fossem cumpridos. A discussão de propostas para resolução dos problemas ecológicos na região fazia parte da programação do 2º Acampamento, realizado em fevereiro de 1984. O discurso ecológico que circulava no Brasil na esfera intelectualizada em meados dos anos 1970 e de maneira mais organizada em 1980, reviu posturas e acrescentou reflexões ao logo de sua história. Reflexões estas que foram transmitidas nos acampamentos através de palestras com ecologistas, como Gert

²⁴⁸ Ofício-circular ASSIPAM nº 002/84 de 03 de fevereiro de 1984. Este ofício anunciava aos sócios e interessados o “II Acampamento Ecológico Santa Clara em Defesa do Patrimônio Ambiental, realizado nos dias 24, 25 e 26 de Fevereiro de 1984”.

²⁴⁹ SEVERINO, José Roberto. *Op. cit.*

Roland Fischer²⁵⁰ e Paulo Schneider, que foram anunciados no 3º evento, realizado em fevereiro de 1985.



Figura 35: Cartaz de divulgação do 3º Acampamento Ecológico Santa Clara. 08-9-10 de Fevereiro de 1985. Acervo do Arquivo Público de Itajaí.

²⁵⁰ **Gert Roland Fischer, (65 anos) nascido em Joinville SC, agrônomo e especialista em Mata Atlântica e Resíduos Tóxicos Industriais, com formação complementar na Dinamarca, Alemanha e Inglaterra. Conhecido por combater a Guerra Química que mata milhares de pessoas no país, vítimas, por exemplo, de cânceres inexplicáveis e indústria dos defensivos agrícolas que produz 140 mil toneladas por ano de princípio ativo (o veneno concentrado que depois é diluído para a pulverização de lavouras) Ele também é conhecido no combate a os agrotóxicos. O Instituto Biodinâmico do mercado de alimentos orgânicos (sem uso de agrotóxicos ou aditivos químicos) movimenta R\$ 250 milhões por ano no Brasil. O Joinvilense, Gert Fischer, tem participação histórica nesta conquista e na de Santa Catarina ser um dos maiores exportadores mundiais de alimentos ecologicamente corretos. Jornal O Vizinho. No amor, um Global 500; no ódio, um biodesagradável. Ano XI – n.478. Joinville, fevereiro de 2003.**

Ainda, este último acampamento tinha *como objetivo prático imediato, o debate para a criação de uma rede estadual de entidades ecológicas não-governamentais, semelhante as já existentes nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul, e visava ainda contribuir para a crescente conscientização dos perigos que a devastação ambiental pode ocasionar à humanidade.*²⁵¹

No programa do 3º Acampamento Ecológico, luaus²⁵², shows, a prática de capoeira, surf, vôo livre e ginástica na praia, foram anunciadas. Ora, se na década de 1980 estes eram os atrativos do evento para atrair simpatizantes da "*consciência ecológica*", estes mesmos atrativos são usados nos dias de hoje para atrair simpatizantes do divertimento, dos esportes radicais e do lazer a beira-mar.

Se a ASSIPAM buscou a Praia Brava para difundir a prática da “ecologia”, ao mesmo tempo, ela pode ser vista como propulsora do uso da “Brava” como local de lazer. Estes acampamentos traziam centenas de pessoas, como rememora José Roberto Severino:

...vinham muitas pessoas, acredito que umas 300, de Florianópolis, do sul do Estado, gente de Lages... a maioria delas era de fora, eu me lembro que havia algumas pessoas de Itajaí que eu conhecia fora da ASSIPAM, mas a maioria não era daqui.²⁵³

Estas pessoas vindas “de fora” ou não, de certa forma passaram a vincular a imagem da Praia Brava como um lugar alternativo aos ambientes urbanos. A Praia Brava dos anos 1980, poderia ter significado para a juventude da época, um local de fuga, de encontro, “um local diferente” onde se podiam aliar várias práticas que talvez nos centros urbanos fossem mal vistas ou criticadas. A Praia Brava, naquela época, podia exercer na juventude o mesmo efeito que, nos dias de hoje, locais como a Guarda do Embaú, em Palhoça, ou a Lagoinha do Leste em Florianópolis²⁵⁴, entre tantos outros lugares, exercem nos amantes do surf, dos acampamentos, dos que gostam de estar junto ao verde ou conhecer locais vistos

²⁵¹ Jornal de Itajaí. Ano 5, nº 157. 19 de Janeiro de 1985. p. 04.

²⁵² Os chamados “luaus”, que acontecem na “Brava”, são festas com fogueiras na areia da praia. Estas festas costumam ser realizadas pelos bares instalados na orla marítima, que anexam à festa música ao vivo e venda de comidas e bebidas. Também costuma ser chamado de *luau* o fato de se reunirem pessoas na praia, cantando, dançando ou conversando envolta a uma fogueira geralmente.

²⁵³ SEVERINO, José Roberto. Idem.

²⁵⁴ Algumas informações turísticas destes lugares aparecem em: www.imovelsulfloripa.com.br

como “selvagens”. Se a ASSIPAM fez da Praia Brava o local ideal para a realização de atividades "ecológicas", foi através desta atividade que muitos passaram a conhecê-la e vinculá-la como o lugar ideal para estarem próximo ao mar, à “natureza”. Foi o uso da Praia Brava como local de lazer que também passou a atrair outros usuários, os comerciantes e empreendedores, sejam eles simpatizantes ou não do que é dito como "ecológico".

Os acampamentos realizados na Praia Brava podem ser vistos como um marco de partida do uso do local indicando-o como ecológico, que de alguma maneira deu início à vinculação que a praia tem hoje com os esportes alternativos e ecologia. A figura abaixo procura, em parte, exemplificar esta vinculação, esta nova forma de ver a praia.

**Festival
Praia Brava
de Verão**
18 a 26 de Janeiro de 86

PRAIA BRAVA CAMPING CROSS

9 DIAS FESTA ACAMPAMENTO AGITO VIBRAÇÃO VIDA AO AR LIVRE DESCONTRAÇÃO

Asa Delta - Bicicross - Desfile de Motos - Desfile de Carros Off-Road - Feira de Artesanato - Loja

Teatro Recital
Dança - Jazz - Capoeira - Ballet - Missa do Motoqueiro

Shows de Rock Banda Neon - Sulluido - Griffó
Máquina Zero - Exodo - Decalcomania

MOTOCROSS As máquinas vão roncar

Durante os 9 dias do Festival, serão distribuídas 6 mil mudas de Plantas Medicinais e Aromáticas

Esta é a maior festa do Litoral Catarinense Bem - Vindos

Promoção: Prefeitura Municipal de  **Itajaí**
Moto Clube de Lontras

Informações e Inscrições: Fones 44-3322 - Ramal 17

Figura 36: Panfleto de divulgação “Praia Brava Camping Cross.” 18 a 26 de Janeiro de 1986. Acervo do Arquivo Público de Itajaí.

O evento anunciado por este cartaz convida para *a maior festa do Litoral Catarinense*, onde em 9 dias ocorreram festas, acampamento, agito, vibração, vida ao ar livre e descontração. Esportes radicais, ioga, shows de rock, atividades culturais e ecologia,²⁵⁵ mais uma vez convidavam o público para ir à Praia, só que desta vez com um atrativo a mais: o motocross. O Festival Praia Brava de Verão, realizado de 18 a 26 de Janeiro de 1986, representou mais uma tentativa da Prefeitura Municipal de Itajaí em promover o turismo na Praia Brava, pois como já visto no primeiro capítulo, se aparentemente em um primeiro momento ela fez uso de “gineteadas” e do “kartismo” para atrair as pessoas para a “Brava”, neste momento ela passa a fazer uso dos atrativos utilizados pela ASSIPAM.

Interessante notar ainda que, se nos eventos promovidos por esta associação na Praia Brava, a Prefeitura figurou como apoiadora, neste evento, ela passou a figurar, em parceria com o Moto Clube de Lontras, como a promotora deste. Teriam sido os dois acampamentos ecológicos uma espécie de teste? Teria a Prefeitura visualizado, em função do sucesso dos eventos promovidos pela ASSIPAM, uma oportunidade de implantar uma nova opção de turismo para a cidade? Ainda, não teriam os integrantes do Moto Clube de Lontras participado dos acampamentos promovidos pela ASSIPAM, e visualizado na Praia Brava, devido ao seu estado agreste e praticamente desabitado durante a década de 1980, um local propício a prática do motocross? Embora, no momento, eu não possa responder a estas indagações, é possível analisar que atividades alternativas passavam, de alguma forma, a serem vinculadas com a Praia Brava, e desta forma, disponibilizando um novo lugar para o lazer. Como já frisado anteriormente, foi o uso da Praia Brava como local de lazer que também passou a atrair outros usuários, os comerciantes e empreendedores, sejam eles simpatizantes ou não do que é dito como "ecológico". É durante a década de 1980, que os primeiros bares se instalam na orla da praia, dando início, a partir da organização de entidades itajaienses de defesa da natureza, a um embate entre ambientalistas e empreendedores que dura até os dias de hoje.

²⁵⁵ O cartaz de divulgação do evento informava que durante o evento seriam distribuídas 6 mil mudas de Plantas Medicinais e Aromáticas. Apesar de distorcida, pode ser considerada como uma forma de vincular Ecologia à este evento.

O Movimento Ecológico e a Praia Brava – A Criação de um Símbolo.

As discussões que envolvem o meio ambiente passaram a ganhar mais força no início dos anos 1990, tomando mais intensidade após a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento no Rio de Janeiro (A Eco-92). Em função da quantidade de informações divulgadas nesta conferência, chegou-se a um consenso de que era necessário modificar o atual modelo de desenvolvimento econômico e que *se não se produzir uma aproximação entre critérios ecológicos e processos econômicos, a espécie humana corre sérios riscos de sobrevivência em médio prazo.*²⁵⁶

Consideradas as grandes ONG'S do mundo, a *Greenpeace* idealizada no Canadá em 1971, e a *WWF – World Wide Fund for Nature*, com sede na Suíça,, são discutidas por Denis Chartier,²⁵⁷ na sua tese de doutorado, que analisa o papel por elas desenvolvido, e como estas organizações não governamentais passam a ser empresas que movimentam milhões de dólares por ano, provenientes basicamente de donativos de pessoas em todo o mundo. O dinheiro arrecadado é disponibilizado para a manutenção da própria ONG, sem destinar muito a trabalhos específicos que venham a favorecer o meio ambiente. Isto não significa que o papel por elas desenvolvido seja irrelevante, uma vez que, através das denúncias e dos chamados da mídia, pessoas do mundo todo passam a criar uma certa “identidade” com o movimento, e de alguma maneira, passam a incorporar de forma direta ou indireta alguma atitude em prol da preservação do meio ambiente. Uns dos trabalhos da *Greenpeace* é atuar na forma de denúncia de alguma agressão ao meio ambiente e chamar a atenção da imprensa internacional, fazendo com que milhares de pessoas vejam o que está sendo feito na luta e defesa da biodiversidade do planeta.

A existência das grandes ONG's está diretamente relacionada à própria mídia, pois é através desta que é possível estabelecer o canal de comunicação daquilo que se está anunciando e /ou denunciando com o resto do mundo, uma vez que ela transmite suas ações e consegue assim atrair seus colaboradores. De certa maneira, a existência das ONG's que

²⁵⁶ LEIS, Héctor Ricardo. Ambientalismo: Um projeto Realista-Utópico para a Política Mundial. In: VIOLA, Eduardo J. *et. al. Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: Desafios para as Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo/Florianópolis: Cortez/Editora da UFSC, 1998, p. 24.

²⁵⁷ CHARTIER, D. Le rôle de Greenpeace et du wwf dans la résolution des problémes environnementaux. Tese de doutorado em Geografia. Universidade Orléans, 2002.

atuam na Praia Brava, depende do veículo de mídia, como jornais ou emissoras de tv locais que difundem suas matérias na Internet, abrindo o leque de informações em escala mundial, permitindo que pequenas atuações locais sejam lidas em qualquer canto do mundo. Elas, de alguma maneira, estão conectadas a esta temática mundial, uma vez que passam a produzir e/ou reproduzir um discurso ambiental ou “ecológico” que diz respeito a uma época atual, a uma preocupação mundial que engloba ou aborda a preocupação com a nossa própria existência.

Temos em Itajaí na década de 1990, uma universidade, UNIVALI²⁵⁸ que começava a criar cursos de graduação como Oceanografia, Engenharia Ambiental, Biotecnologia, e se formava o Centro Tecnológico da Terra e do Mar – CTTMAR, antiga FACIMAR – Faculdade de Ciências do Mar. Como se analisa na nota abaixo, a Praia Brava, de certa forma, representava um “laboratório a céu aberto” para que técnicos e estudantes pudessem por em prática aquilo que aprendiam na teoria. Para o professor Luiz Eduardo Bonilha, professor na época do Centro Tecnológico da Terra e do Mar – CTTMAR – UNIVALI, atualmente funcionário do IBAMA, a Praia Brava é a última praia a ser urbanizada em Itajaí. Segundo ele: *Precisamos ter cautela e adotar políticas de gerenciamento costeiro integrado que envolvam instituições e a comunidade.*²⁵⁹

Ao mesmo tempo, a vinculação de professores e estudantes, principalmente deste centro, em movimentos ambientalistas de Itajaí, passa a aumentar a valorização da “Brava” como um local a ser preservado, um local onde seria possível reservar uma área de Mata Atlântica para gerações futuras, como também servir como um “laboratório” que permitisse por em prática vários trabalhos ligados à educação ambiental e à própria UNIVALI.

A Praia Brava passa a ser vista por estes técnicos e estudantes como um local que pode ser ordenado de uma forma oriunda de um aprendizado dos erros cometidos nas

²⁵⁸ Em Itajaí são instalados os cursos de Direito, e Filosofia em 1965, por uma iniciativa privada através da SIES (Sociedade Itajaiense de Ensino Superior) fundada pelo professor José Medeiros Viera e alguns professores do Colégio Industrial Presidente Nereu de Oliveira Ramos. Em 1970 funda-se a FEPEVI (Fundação de Ensino do Pólo Geoeducacional do Vale do Itajaí), para administrar as faculdades que seriam mantidas pela contribuição dos alunos. Esta Fundação posteriormente implantou novos cursos, transformando-se em 1989, na Fundação Universidade do Vale do Itajaí, mantenedora da UNIVALI, (Universidade do Vale do Itajaí). d’Ávila Edson. Educação escolar e suas instituições. In. **Itajaí: Outras Histórias**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, Prefeitura Municipal de Itajaí, Secretaria de educação, 2002, p. 179.

idades vizinhas, como Balneário Camboriú, Piçarras, Barra Velha, entre outras, e até no próprio balneário de Cabeçudas em Itajaí. Erros que se resumem na ocupação desordenada de áreas litorâneas e a conseqüente supressão das dunas e restingas, ocasionando hoje destruição de calçadas e até casas (Barra Velha, por exemplo) frente às ressacas que chegam a uma área costeira não mais protegida pelos seus escudos naturais. Problemas, como a diminuição da faixa de areia nas praias no litoral centro norte catarinense, também representam algo de grande preocupação para os líderes locais, pois se torna desnecessário discutir que estes problemas geram prejuízos aos cofres públicos municipais. Também não será aqui discutido que, se por um lado estes mesmos problemas são custeados por recursos públicos, por outro, geram lucro ou empregos para iniciativa privada, bem como para universitários e futuros profissionais que entram a cada dia no mercado de trabalho.

Se para alguns, Balneário Camboriú é um símbolo de progresso e qualidade de vida, para outros ela representa um modelo a não ser seguido, como é enfatizado pelo “Cobaia”, um Jornal Laboratório elaborado pelo Curso de Jornalismo da UNIVALI:

A Praia Brava corre o risco de se tornar um “novo” Balneário Camboriú, na opinião de especialistas: poluída, com crescimento desenfreado. O que pode parecer um paradoxo, já que Balneário foi indicada como a cidade de maior qualidade de vida do Estado.²⁶⁰

Também há de se levar em consideração o outro lado da ocupação de áreas costeiras, visto que o turismo e o mercado de trabalho também buscam novos espaços de atuação. A visão ambiental de um balneário poluído, em contra-partida pode ter sua estrutura urbana valorizada por parte da população e pelos turistas. Se fizermos uma rápida análise no litoral brasileiro, veremos que os principais balneários de nossa costa passaram por um processo de transformação em busca de uma chamada infra-estrutura turística. Em outras palavras, alguns destes locais, foram desenvolvidos e direcionados por uma visão empreendedora de que dificilmente turistas vão para um local que não ofereça serviços à

²⁵⁹ **Fórum Permanente da Praia Brava:** A ordem é preservar. Jornal da UNIVALI, Ano VII, n. 48, Out/Nov/Dez, 1996.

²⁶⁰ DOTTO, Vinny, ZAF, Silva e FURLAN, Angela. **Risco é virar uma ‘nova’ Balneário.** Jornal Cobaia. Ano 10, nº 51. Abril de 2003. p. 7.

beira-mar, ao mesmo tempo em que esta comodidade aumentava o interesse de se viver próximo ao mar.

Esta análise me leva a pensar que a “não inclusão” da Praia Brava nos discursos urbanísticos, de certa maneira favoreceu à preservação ou à recuperação dos ambientes naturais do local. Hoje, os morros cobertos por Mata Atlântica, a faixa de dunas, mesmo que já bastante modificada, são vistos por algumas pessoas como “símbolos naturais”, que precisam ser preservados. Este é um dos aparentes motivos que promoveu o modismo da Praia Brava. Esta análise permite, também, pontuar que a valorização destes locais “naturais” como morros, dunas e sua vegetação etc, liga-se também aos discursos das ONG’s e ambientalistas aliados ou não a uma destas organizações, que promovem eventos e/ou mobilizam de alguma maneira a população local para o que eles chamam de “destruição dos recursos naturais da praia”. Há aqui um rito que *consagra a diferença*²⁶¹ entre praias vizinhas já aqui analisadas, (Cabeçudas e Balneário Camboriú) vistas como diferentes da Praia Brava, o que, de alguma maneira, reforça e exige uma certa postura de local “diferente”, atribuindo esta diferença ao selvagem, visto como uma *investidura* que *exerce uma eficácia simbólica inteiramente real pelo fato de transformar efetivamente o local consagrado*.²⁶²

Freqüentar a praia nos anos 1990, tornou-se, de certa forma, um modismo, que com o aumento da freqüência de usuários, favoreceu a instalação de bares na orla marítima deste bairro, que promovem festas e luaus atraindo principalmente estudantes universitários e amantes de esportes radicais como surf, asa delta, e para-pente, que muitas vezes conseguem patrocínio para realizar eventos e campeonatos nestes estabelecimentos comerciais. Para compreender e discutir este modismo dos dias de hoje na “Brava”, baseio-me na obra de Stallyibrass,²⁶³ que embora fale de roupas do século XIX e XX, ajuda a visualizar como são atribuídos valores às coisas e lugares, conforme o momento histórico que se está vivendo.

Referir-se à ecologia, meio ambiente, preservação, naturalismos é algo recente, que ganhou mais importância nos anos 1980 e vem sendo temas de discussão e conflitos em

²⁶¹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996., p. 98.

²⁶² Idem, p. 99

varias partes do mundo. Nos últimos 20 anos, assuntos que se referem a estes temas, passaram a reunir e unir milhares de pessoas que, de alguma maneira, se interessam pela vida no planeta e a manutenção desta nas próximas décadas e séculos.

Desde os primórdios da humanidade, o homem mantém uma relação inseparável com o que chamamos de “natureza”, sem querer dar um sentido meramente contemplativo, mas vendo que o homem faz parte dela. A relação homem-meio-ambiente é, portanto estreita. Poderia se pensar que o que chamamos de natureza, não separa o homem, pois ele é mais um ser dentro de complexos ecossistemas, mas também é ele quem cria a natureza, dando nomes e sentidos a todos os tipos de vida, inclusive a sua. Pode-se pensar que a existência dos seres humanos depende da natureza e do meio ambiente em que ele vive, mas esta natureza também depende do homem, e é isto que questionam as várias instituições governamentais e não governamentais que trabalham em prol do meio ambiente e a vida no planeta.

Um folheto divulgando a importância da preservação das dunas da Praia Brava, anunciava um trabalho de Proteção aos Sistemas de Praias e Dunas do Canto do Morcego, extremo norte da praia, com o intuito de *proteger e recuperar estes ambientes das atividades humanas e conscientizar a comunidade e freqüentadores, o quanto à atitude individual pode vir a melhorar o nosso padrão de qualidade de vida.*²⁶⁴

Esta “conscientização ecológica” enfatizada nos anos 1990 pela V Ambiental, uma organização não-governamental criada em 1997, parece ter influenciado a formação de outras ONG’s que atualmente atuam na região, uma vez que esta organização difundia seus ideais e os transmitia em forma de folhetos, “alertando” a população local e os freqüentadores, ditando de certa forma, novas condutas ou novas maneiras de se comportar ao estarem na praia ou áreas costeiras. Evitar estacionar o veículo sobre as dunas, evitar jogar lixo nas praias, evitar retirar a vegetação e a areia destes ambientes, eram umas das recomendações da V Ambiental aos usuários do local.

²⁶³ STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

A Praia Brava e o embate entre Ambientalistas e Empreendedores.

Pode-se notar nos dias de hoje, que os vários tipos de interesses sobre a Praia Brava, levam a conflitos e desavenças. Alguns interessados em investir economicamente na região para levar a cabo a construção de hotéis, condomínios residenciais, edifícios ou pontos comerciais, desistem muitas vezes para evitar passar por toda uma gama de requisitos exigidos pelos órgãos estaduais e municipais de meio ambiente. Outros criam estratégias para poder levar a cabo seu projeto, modificando o objetivo inicial, adequando-se às regras, ou ainda, na maioria dos casos, negligenciando órgãos competentes ou a legislação vigente.

Há também que se levar em consideração que desde 1985 já existiam bares na orla da praia e que estes incentivavam, de certa forma, a instalação de outros que viam no aumento do fluxo de turistas e usuários, a partir da década de 1990, um grande motivo para gerar renda. E foram estes bares, instalados sobre a faixa de dunas da Brava, e a preocupação com a preservação destes ambientes costeiros que fez ressurgir o movimento ambientalista organizado de Itajaí em 1997, com a criação da ONG “Voluntários pela Verdade Ambiental – V Ambiental”, conforme explica a advogada, professora universitária e integrante desta ONG, Fernanda de Sales Cavedon:

A V ambiental surgiu há 6 anos atrás depois que um grupo de estudantes (...) que moravam ou freqüentavam a Praia Brava, começaram a acompanhar a degradação da praia e tentaram agir de forma isolada (...) encaminhando denúncias e viram que não estavam alcançando efetividade com isto. Então surgiu a idéia da gente se organizar, formar uma ONG para ter mais poder de pressão e para desenvolver projetos. (...) Então em 1997 (...) montamos a V Ambiental e executamos nosso primeiro projeto já naquele verão, que foi o Programa de Proteção ao Sistema de Dunas da Praia Brava que foi feito no Canto do Morcego. Projeto que já existia no Conselho Municipal de Meio Ambiente, que não tinha condições de tocar isso pra frente então a gente abraçou esse projeto. Então essa questão das dunas se tornou uma prioridade para a V Ambiental, mas ao mesmo tempo a gente não perdeu aquilo que motivou a criação da ONG que foi a denúncia de danos ambientais.²⁶⁵

²⁶⁴ Folheto da ONG V ambiental. Protegendo e Preservando as Dunas da Praia Brava. Itajaí. Sem data.

²⁶⁵ CAVEDON, Fernanda de Salles. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 22 de outubro de 2002

Porém, com ressurgimento do movimento ambientalista em Itajaí com a criação da V Ambiental, não significa dizer que, desde a paralisação das atividades da ASSIPAM, em 1987, a problemática ambiental não tenha sido motivo de discussões, pois esta se desenvolveu dentro da esfera do Poder Público de Itajaí, através do Conselho Municipal de Meio Ambiente, que foi instituído pela Lei Orgânica do Município de 1990. Este compreendia um órgão autônomo e deliberativo composto por representantes do poder público, das entidades ambientalistas e da sociedade civil e que, dentre outras atribuições, *deveria analisar, aprovar ou vetar qualquer projeto público ou privado que implicasse em impacto ambiental.*²⁶⁶ Ainda, neste mesmo artigo, a autora cita que o Conselho *desempenhou um papel muito importante na proteção do patrimônio ambiental de Itajaí, evitando que uma série de danos ambientais acontecessem.*²⁶⁷ É a partir da atuação deste órgão que passo a ver o início dos embates entre aqueles que defendiam ou valorizavam a questão ambiental, aqui definido como ambientalistas, e aqueles que passavam a ver na Praia Brava um lugar ideal para investir em empreendimentos comerciais, definidos como empreendedores.

Neste contexto, passo a analisar o caso do empreendimento da empresa Unidade Médica - Unimed Litoral, no ano de 1996, que visava a implantação de um hospital na Praia Brava, e que devido às exigências impostas pelos órgãos fiscalizadores do meio ambiente, acabou sendo transformado em um clube para os médicos desta empresa de saúde.

Na época, a Unimed divulgou um memorial descritivo, desenvolvido pela empresa MPB Saneamentos S/C Ltda, o qual apontou que o projeto de implantação do hospital não apresentava problemas, e que todos os efluentes seriam tratados numa estação de tratamento de esgotos, sendo que não seriam despejados direto no rio. Este relatório, porém, foi contestado pelo diretor de controle e poluição da FATMA, Francisco José Batista da Costa,²⁶⁸ que escreveu à Unimed Litoral em Itajaí indicando a suspensão do

²⁶⁶ CAVEDON, Fernanda de Salles. Você Sabia que Itajaí possui um Conselho Municipal de Meio Ambiente? **Informativo Eco.** Outubro de 2001, p. 3.

²⁶⁷ CAVEDON, Fernanda de Salles. *Op. cit.*, p. 3.

²⁶⁸ COSTA, Francisco, José Batista da. **Licença ambiental de instalação do Hospital Litoral.** Florianópolis, 4 de julho de 1997. Documento pertencente ao acervo privado de João Guilherme Wegner da Cunha.

processo de licenciamento do Hospital, até que o Ministério Público Estadual analisasse a legalidade da instalação de uma atividade hospitalar na área.

Alain Corbin analisa no seu livro “Saberes e odores”,²⁶⁹ os significados e as relações sociais estabelecidas dentro de um universo olfativo, permitindo analisar que preocupação com a contaminação hospitalar, ou com dejetos que possam produzir doenças infecciosas, não é dos dias de hoje. Nos séculos dezoito e dezenove, se falava nas epidemias e contaminação provocada por miasmas, que estariam presentes no ar poluído e putrefato que vinha da terra e de todos os dejetos nela depositados. Inserido neste contexto, a preocupação com a contaminação da água e do solo, provocada pelos resíduos hospitalares, foi uns dos principais argumentos utilizados pelos órgãos ambientais para impedir a construção deste hospital, podendo estar relacionada também, ao mau cheiro que estes dejetos poderiam provocar no local.

João Guilherme Wegner da Cunha, que viria a ser superintendente da FAMAI – Fundação do Meio Ambiente de Itajaí, na época presidente do Conselho Municipal de Meio Ambiente, também escreveu no *Diário da Cidade*, um jornal de Itajaí, a sua colocação em relação à implantação deste local, como forma de contestar o projeto da Unimed, chamando a atenção para os problemas de contaminação que iria desencadear a instalação deste hospital. Segundo João Guilherme:

No Brasil, a infecção hospitalar atinge por ano mais de 700 mil pacientes, está associada a cerca de 100 mil mortes e custa R\$ 500 milhões a cada 12 meses, só em antibióticos. Como fonte de infecção, um hospital além de criar condições especiais necessárias à sobrevivência de microorganismos, pode remetê-los ao meio ambiente através de seus efluentes líquidos e sólidos. ... “Impactos ambientais causados por resíduos líquidos e sólidos oriundos de saúde, encontram-se aqui descritos porque julgamos que irão contribuir para uma discussão que retorna a pauta de preocupação de uma série de pessoas ligadas ao meio ambiente e em especial a Praia Brava.”²⁷⁰

²⁶⁹ CORBIN, Alain. **Saberes e odores**. O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁷⁰ CUNHA, João Guilherme Wegner da. Conurbação não precisa ser sacanagem. **Diário da Cidade**, Itajaí, 30 e 31 de agosto de 1997. Espaço aberto, p. 2.

As colocações feitas por João Guilherme²⁷¹ e por Francisco José Batista da Costa²⁷² mostram em parte os conflitos gerados pela disputa de poder, uma vez que cada uma das partes tende a defender o seu discurso de verdade. Por outro lado, a análise destes discursos permite ver os possíveis significados daquilo que está sendo dito²⁷³ nesse momento, daquilo que está sendo colocado. Os investidores da empresa Unimed por um lado, querendo defender seus interesses, e os encarregados de fiscalizar estas áreas por outro, defendendo-as através das leis de proteção ambiental. Ao mesmo tempo, pretendia-se vender a idéia de que um hospital “privado” iria a beneficiar a comunidade local, portanto dando a idéia de “público”, mas não se comentava quem realmente poderia ser atendido.

Num outro comunicado²⁷⁴ endereçado ao Procurador, também expedido pela FATMA, é informado que a Promotora de Justiça de Itajaí, Eliana Volcato Nunes, encaminhou ao diretor geral desta fundação a impossibilidade de implantação do hospital e pronto atendimento, na Praia Brava, por estar em desconformidade com a lei municipal que institui o zoneamento de Itajaí.

A organização não governamental Verdade Ambiental (V Ambiental) fez uma série de denúncias em relação ao projeto do hospital da Unimed. Numa carta dirigida à polícia ambiental do Estado, esta ONG requereu que fossem punidos os responsáveis pelo desmatamento de uma grande área de Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa) em estado primário, visto o tamanho das árvores. Pontuaram ainda que o corte destas árvores foi ilegal, já que o argumentado no relatório apresentado a FATMA era de que havia no local uma “vegetação secundária em estágio inicial de regeneração”,²⁷⁵ e que por isso poderia ser suprimida. O alegado pela V Ambiental, é que o relatório feito, não dizia respeito aquilo

²⁷¹ CUNHA, João Guilherme Wegner da. *Op cit.*

²⁷² COSTA, Francisco José Batista da. *Op cit.*

²⁷³ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 4. ed., 2002. Segundo a autora, diferentemente da análise do discurso, “o discurso é feito de sentidos entre locutores” (ele), “não é meramente um transmissor de informação, mas também um produtor de sujeitos e sentidos afetados pela língua, e pela história”. p. 21.

²⁷⁴ RAMOS, Maria Helena K. Implantação de hospital e Clube médico em Itajaí pela Unimed Litoral. Informação Projur, n. 014/97.

²⁷⁵ Regenerar vem do latim regenerare que significa dar nova vida ou revivificar o que tinha sido destruído. As palavras regenerar, emendar-se, corrigir-se, recuperar, formar-se de novo, indicam idéias similares. Dicionários Aurélio eletrônico século XXI. Versão 3.0. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Lexikon informática Ltda. 1999. CD-ROM.

que foi constatado pela equipe técnica da ONG, que considerou a ação como crime ambiental segundo o artigo 38 da Lei dos crimes ambientais. Esta lei dispõe que:

Destruir ou danificar florestas consideradas de preservação permanente, mesmo que em formação, ou utilizá-la com infringência das normas de proteção: Pena – detenção, de três anos, ou multa, com ambas as penas cumulativamente.²⁷⁶

A diretoria da V Ambiental exigiu neste ofício apresentado à Polícia ambiental, que além de punir os responsáveis, os obrigasse a recuperar a área desmatada, a fim de que se cumpra o que preceitua o artigo 225, 3º da Constituição de 1988, que diz que *As condutas e as atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão os infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados*. A posição adotada por esta ONG, insere-se dentro de um contexto político atual, onde *nestes últimos anos, os efeitos sociais e ecológicos da globalização têm sido largamente debatidos pelos acadêmicos e líderes comunitários*.²⁷⁷ É de pensar também que lutar em prol ou contra ao meio ambiente, ou alguma causa dita ecológica, liga-se também a interesses políticos ou econômicos, e também aos vários tipos de valores dados a esta “natureza”, que mudam dependendo do tipo interesse.

Milton Santos pontua que *o valor da natureza está relacionado com a escala de valores estabelecida pela sociedade para aqueles bens que antes eram chamados de naturais*,²⁷⁸ ou seja, o valor simbólico dado às características “naturais” da Praia Brava nos dias de hoje, liga-se também a interesses políticos, tanto de ONG’s, como de políticos, empreendedores, moradores e frequentadores, todos inseridos em disputas de poder .

Neste contexto, continuam as discussões sobre quais usos dar a praia, e a polêmica da construção ou não do hospital da Unimed que envolvem vários atores que tentam dar sentido a trama que se desenvolve na construção ou não deste empreendimento. Numa carta endereçada à promotora de justiça, Eliana Volcato Júnior, o então presidente do Conselho Municipal de Meio Ambiente, João Guilherme Wegner da Cunha, pediu que fossem

²⁷⁶ Lei de Crimes Ambientais. www.ibama.gov.br/leiambiental/home#htm

²⁷⁷ CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas - Ciência para uma Vida Sustentável**, Editora Cultrix. (CTA-JMA), 2002.

tomadas as medidas necessárias para que fosse cumprida a legislação ambiental vigente, como forma de contestar o desmatamento e terraplanagem feitos pela Unimed.

Nesta trama entra, também, a Prefeitura Municipal de Itajaí que encaminhou ao gerente de licenciamento ambiental da FATMA, Valmiro Heidemann, o seu posicionamento em relação à implantação deste empreendimento privado de saúde, pontuando o benefício que a população do município teria. O atual Prefeito Municipal, Jandir Bellini,²⁷⁹ salientou, também, que a aprovação estaria condicionada às provas de eficiência do sistema de tratamento de efluentes, para que não houvesse qualquer risco de contaminação e poluição. Ainda pontuou que a *intenção de preservar a Praia Brava para atividades essencialmente turísticas, não resistirá, por certo, ao processo de crescimento urbano*, e que a prefeitura teria a obrigação de *organizar tal espaço com um plano diretor específico, determinando áreas de ocupação e de preservação*.²⁸⁰

Certamente, a posição adotada pela prefeitura municipal, em relação ao benefício que a população teria, pode ser lida como uma contradição, já que este seria um hospital privado, onde somente poderiam ser atendidos aqueles que fossem associados à Unimed ou que pagassem pela consulta, não inserindo, portanto, a “população”.²⁸¹ Também a intenção de “preservar” a Praia Brava exclusivamente para fins turísticos, indica o interesse da Prefeitura em investir, e também em abrir as portas àqueles que queiram levar a cabo algum empreendimento comercial no local.

Voltando um pouco no tempo, esta situação já ocorria como é evidenciado numa notícia de jornal de 1995, onde alguns empresários apresentaram ao então prefeito Arnaldo Schmitt Júnior²⁸² um projeto para a construção de um empreendimento turístico na Praia Brava, compreendendo serviços de hotelaria, centro de convenções para 1.200 pessoas, apart-hotel e parque aquático. Segundo a nota de jornal:

²⁷⁸ SANTOS, MILTON. *Op cit*, p. 18.

²⁷⁹ Jandir Bellini do partido político PPB é o atual prefeito de Itajaí, eleito em 1997, e reeleito em 2000.

²⁸⁰ BELLINI, Jandir; Malburg, Homero Bruno. Carta ao senhor gerente de Licenciamento Ambiental da FATMA. Itajaí, 20 de julho de 1997. Arquivo Particular de João Guilherme Wegner da Cunha quem me emprestou a documentação existente sobre a Praia Brava para a elaboração deste trabalho.

²⁸¹ O Hospital da UNIMED seria instalado em uma área localizada em frente a um loteamento denominado "Nova Divinéia", constituído em sua grande maioria de pessoas de baixa renda. Segundo alguns moradores do local, o nome dado a este loteamento, é atribuído à membros da Igreja Pentecostal do Reino de Deus, gerando discussões entre os moradores locais, não fiéis à esta Igreja, que não (se) reconhecem (no) o nome.

O prefeito gostou do projeto e elogiou a iniciativa, afirmando que é intenção da prefeitura, apoiar projetos que visem o desenvolvimento da cidade, principalmente por que isso abriria novas oportunidades de empregos à população. Schmitt encaminhou o projeto à Secretaria de Desenvolvimento Urbano, para análise técnica e viabilidade de sua execução.²⁸³

Tanto a construção do hospital da Unimed, quanto à construção do complexo turístico, tiveram as mesmas ressalvas da prefeitura: favorecer a população. No primeiro caso, dar assistência médica, e no segundo dar oportunidades de emprego. Nos dois casos também, a viabilidade e execução das obras ficaram comprometidas a resultados de análise técnica.

Os empresários do setor hoteleiro também já estiveram e ainda estão interessados em investir economicamente na Praia Brava. Uma notícia do *Jornal Santa Catarina* de 1995 relata que nesta época a Prefeitura Municipal estudava projetos e propostas deste setor em construir na região:

Com aproximadamente cinco quilômetros de extensão, a Praia Brava tem atraído grande número de turistas e moradores nativos da região, por conservar uma natureza intocada e apresentar águas límpidas e propícias para esportes náuticos. Seu potencial turístico motivou a prefeitura a elaborar projeto de urbanização, que ainda não começou a ser executado. A administração pública já estuda propostas apresentadas por empreendedores do setor hoteleiro e gastronômico para a construção de empreendimentos na área²⁸⁴.

Nesta nota anuncia-se o *potencial turístico* da praia, chamando a atenção para sua “natureza intocada”, e suas águas “límpidas”. Certamente a praia não possui uma natureza intocada, já que pessoas têm vindo utilizando este espaço para vários fins ao longo de várias décadas. O que se tenta vender e chamar a atenção é para esta “natureza”, ao verde, que são atribuídos valores diversos, fazendo mais ou menos importante, dependendo dos

²⁸² Arnaldo Schmitt Júnior foi prefeito de Itajaí no período de 1993-1996.

²⁸³ **Jornal do Litoral**. Empresários querem implantar complexo turístico na Praia Brava. S.d. p. 5.

²⁸⁴ **Jornal de Santa Catarina**. Praia Brava poderá ser urbanizada logo. 7 de julho de 1995.

tipos de interesses do momento. Também o argumento de águas límpidas, é uma outra forma de representação, focalizada por aqueles que querem investir e vender o local. Por um outro lado, as mesmas condições de natureza e águas límpidas reforçava o ideal ambientalista da época, e a existência deste possível embate já aparece inserida no discurso que emanava do Poder Público de Itajaí. Amarildo Madeira, então Secretário Urbano do mandato Arnaldo Schmidt (1993 – 1996), ao fazer referência ao Plano de Uso do Solo para a Praia Brava, relata que

Existem correntes divergentes quanto à realização do projeto de urbanização. Alguns setores defendem a ampla exploração da praia, com a permissão de construções de edifícios e similares, enquanto outros, defendem a preservação completa, evitando a exploração imobiliária no local.²⁸⁵

Um destes projetos do setor hoteleiro, impulsionado pela política desenvolvimentista do prefeito Arnaldo Schmidt, foi vetado pela FATMA (Fundação de Amparo a Tecnologia e Meio Ambiente), já que segundo o relatório de impacto ambiental, viria a afetar os ecossistemas frágeis de dunas, e também pelo fato de estar projetado próximo ao ribeirão que forma a Lagoa do Cassino, o que, conseqüentemente, provocaria um grande impacto ambiental para a região. O “Santa Clara Resort” previa a implantação de um complexo turístico com cabanas, piscina, quadra de paddle, tênis, hotel e restaurante.

²⁸⁵ **Urbanização deve proteger as belezas naturais.** Jornal de Santa Catarina. Caderno Geral. 23 e 24 de Julho de 1995.



Figura 37: Paineis publicitários localizados no local destinado a implantação do condomínio, Canto do Morcego, Praia Brava, Itajaí, SC.
Crédito: João Guilherme Wegner da Cunha. Início da década de 1990.

Ao visualizar a Praia Brava nos dias de hoje, nota-se que estes projetos não saíram do papel, porém não significa dizer que foram esquecidos e engavetados, pois no mesmo local onde se previa as instalações, hoje se encontra ocupado por outros empreendimentos, sugerindo que estes projetos possam ter sido alterados e até maquiados, já que houve posições a favor e contra. Apesar da Prefeitura Municipal não fazer referência a quem impede com que empreendimentos sejam feitos no local, vale ressaltar que praticamente todas as denúncias feitas de crimes ambientais, foram feitas por ONG's que atuam na cidade. Ainda, se era o COMDEMA o órgão responsável por analisar, aprovar ou vetar qualquer projeto público ou privado, é possível hipotetizar que este órgão, em função da sua composição que ultrapassava a esfera do Poder Público, foi o empecilho para vários empreendedores que tinham, na Praia Brava, interesses comerciais. Esta hipótese vem de acordo com o fato de que uma alteração na Lei Orgânica de Itajaí *retirou o poder deliberativo do Conselho, que passou a ser um órgão consultivo de assessoramento do Poder Executivo.*²⁸⁶ Em outras palavras, ele poderia opinar, mas a palavra final não era mais de sua competência. Neste mesmo ano de 1999 era criada a Fundação Municipal de

Meio Ambiente, cujo cargo maior na decisão de assuntos de caráter ambiental, agora o superintendente da então criada FAMAI passou a ser indicado pelo Prefeito Municipal, mostrando mais uma vez como funcionam, na análise Foucaultiana, os “jogos de poder”.

Se por um lado, as denúncias fizeram com que obras não fossem implementadas na sua condição inicial, por outro lado, a prefeitura passou a evitar a realização de obras públicas, através do argumento de que se teria e se tem que passar por uma análise ambiental, que, muitas vezes, emperrava e dificultava a implementação de necessidades urbanas. Esta posição do poder público vem em função de ações tramitadas judicialmente que incriminavam a prefeitura, provocando de certo modo, a criação de um preconceito discriminatório de uma parcela da população local, desejosos de melhorias urbanas, frente à atuação das organizações ambientalistas na Praia Brava.

Uma destas ações se refere à Ação Civil Pública que tramita na Justiça Federal de Itajaí desde 2000, contra o Poder Público Municipal e proprietários de 12 bares da Praia Brava. Nesta ação, os réus são acusados de ocupação irregular sobre dunas e restinga na beira da praia, área de domínio da Marinha, na qual a Prefeitura não teria poder de decisão em virtude de uma possível liberação de qualquer tipo de alvará de funcionamento. A figura abaixo procura ilustrar uma das 12 situações na época que deram origem a esta Ação.



Figura 38. Um dos 12 bares construídos irregularmente sobre a faixa de dunas e restinga da Praia Brava. Crédito: João Guilherme Wegner da Cunha. Julho de 2001.

²⁸⁶ CAVEDON, Fernanda Salles. *Op. cit.* p. 3.

Um artigo publicado pela advogada Fernanda Salles Cavedon, responsável pela área jurídica da ONG V Ambiental, aborda a fundamentação jurídica desta ação. Ela cita que:

Os ambientes de praia e dunas estão compreendidos em área denominada de marinha, que pertencem à União e estão sob a administração da Secretaria do Patrimônio da União (SPU). Qualquer obra ou construção neste espaço deve ter autorização do Ministério da Fazenda. Se não tiver esta autorização, serão aplicadas penas como multas, remoção de obras e demolição. Assim, a proteção das praias e dunas, a destinação das primeiras ao uso comum e a fixação das dunas como áreas de preservação permanente, inviabiliza qualquer espécie de privatização, ocupação e descaracterização do mesmo.²⁸⁷

Baseado neste princípio, foi a partir do momento em que a ONG constatou *uma série de agressões como aterro, estacionamento de carros e ocupação pela construção dos bares* que ela tomou a decisão de denunciar estas agressões ao órgão ambiental estadual (FATMA), bem como ao SPU e ao Ministério Público Estadual. Segundo Fernanda,

O órgão ambiental embargou os bares e a SPU multou e ordenou a demolição dos mesmos. Tendo consciência de que esta era uma situação difícil que envolvia o trabalho e o sustento de muitas famílias, A V Ambiental (...) procurou explicar o porquê da denúncia e buscar alternativas em conjunto.(...) A idéia era que a V Ambiental e a Associação de Quiosqueiros pleiteassem em conjunto à Prefeitura Municipal (...) que permitisse o recuo dos bares, ocupando parte da avenida principal.²⁸⁸

A autora explica que após este contato inicial, a *Associação dos Quiosqueiros desinteressou-se pelo trabalho conjunto*, e conciliado a *falta de resposta de resposta por parte do Ministério Público Estadual*, a V Ambiental encaminhou denúncia à Procuradoria da República, que após a realizada uma vistoria na Praia Brava, e confirmando a ocupação irregular, conforme Fernanda explica, *propôs Ação Civil Pública na Justiça Federal contra*

²⁸⁷ CAVEDON, Fernanda Salles. **Juridicamente falando...** Qual a situação dos bares instalados sobre as dunas? Informativo Eco. n. 3. Agosto de 2001. p. 3.

²⁸⁸ CAVEDON, Fernanda Salles. *Op. cit.*

os bares e as Prefeituras de Itajaí e Balneário Camboriú. Ainda, com relação à decisão judicial, a autora cita que,

Inicialmente, o juiz concedeu medida liminar que proíbe esta Prefeitura de permitir a construção e o funcionamento de estabelecimentos comerciais em áreas de dunas, reconhecendo que esta área (...) ser de preservação permanente. Reconhece (...) que as construções nas dunas causam sérios danos às características naturais da Praia Brava. Porém, esta é apenas uma decisão preliminar. O caso somente será decidido quando o juiz der a decisão final.

Esperamos que, depois dos efeitos da última ressaca na Praia Brava, toda a comunidade tenha compreendido os motivos que levam a V Ambiental a defender com tanto empenho as dunas e lutar pela retirada das construções irregulares neste espaço.²⁸⁹

Nota-se claramente, nas considerações finais deste artigo, um certo desabafo frente aos possíveis embates que ocorreram entre membros desta Organização não-Governamental, Poder Público e demais setores da sociedade local, desde moradores aos comerciantes dos bares irregulares. Porém, se em um primeiro momento a atitude desta ONG pode ter sido considerada por muitos um empecilho ao “desenvolvimento” da Praia Brava, foi através da ressaca que atingiu a costa centro-norte catarinense no ano de 2001 que o discurso ambientalista passou a ser “melhor compreendido”. A figura abaixo ilustra parte da praia atingida por esta ressaca. Vale ressaltar que esta área se encontra na porção mais urbanizada deste local, e que, na época, a faixa de dunas e restinga já havia sido degradada.

²⁸⁹ Idem



Figura 39: Efeitos causados pela ressaca de 2001.
Créditos: João Guilherme Wegner da Cunha.

Isto também sugere que por receio de uma possível opinião pública negativa, os órgãos públicos fiscalizadores, passassem a agir com maior rigor frente à ocupação da praia.

Este “controle” sobre os empreendimentos comerciais vem fazendo com que alguns empresários tentem adequar seus projetos a uma nova condição mascarada, que sejam “ecologicamente corretos”. Este novo termo usado é associado não só ao menor impacto ambiental destes locais, usando, por exemplo, fossa, tratamento de esgotos entre outras adequações físicas, mas também a um novo “estilo” que tenta aliar alguns materiais não convencionais em construções civis, como palha, por exemplo, tentando, desta maneira, dar um aspecto “rústico” às edificações.

A trama continua, construções adequadas ao local?

Embora alguns empreendimentos sejam estigmatizados como “antiecológicos”, outros ganhavam bônus e apoio de moradores e da prefeitura. O argumento utilizado é o de que cumprem a legislação ambiental vigente, e, além disso, oferecem emprego à população local, o que de certa maneira os protege das denúncias de ambientalistas que alegam que há irregularidades no funcionamento. Através de uma carta enviada à redação do Diário do

Litoral, pelo Sr. Walmor Brandão, autodenominado cidadão bravense, esta relação se torna evidente:

Eu pergunto onde estão as ONG's, as Senhoras e Senhores Presidente de Associação que dificilmente convidam o povo para as reuniões, que raramente são realizadas em locais que são do povo, quer exemplo colégios, centro comunitários, é isso aí o povo tem que ser reunir nestes locais e não em Bares... Neste ponto eu concordo com aquele dono de Bar gritão, ele diz, reunião não pode ser feita em buteco... Acham caros leitores que isso é bobagem eu não... Visitem nossa praia, mas venham com tempo e vejam os problemas com o vidro do carro aberto, o que é quase impossível, certo senhor Alcaide. Então cidadãos da Praia Brava e Praia dos Amores não dão importância quando alguém falar contra uma indústria que emprega seus filhos, ela polui sim, mas garanto que ajuda mais que atrapalha. Nasci aqui neste lugar, como a família Correia, a Família Veiga, A Simas, A. Alves Santos, Silva e tantos outros que hoje, da para contar nos dedos os que fazem parte das ONGS e Associações aqui existentes, porque não querem... não... simplesmente porque não são avisados e as vezes traídos pelo curto tempo de divulgação."²⁹⁰

A citação anterior, certamente reflete a situação de conflito que se instaurou na Praia Brava. Nos dias de hoje, moradores e visitantes reclamam pelo estado de abandono do local, indicando principalmente as ruas de terra, que levantam poeira em dias de sol e nos dias de chuva em barro. O grande número de carros que circulam nos fins de semana no verão impossibilita muitas vezes que os moradores possam abrir as portas e janelas de suas residências devido à poeira que é levantada pelos veículos. Nos dias de chuva, reclamam da lama que impede andar de bicicleta, utilizada por vários moradores como meio de transporte, ou de moto, já que é fácil derrapar e cair. Cabe ressaltar que estas condições da praia são vistas por outras pessoas como favoráveis, pois mantêm as características “rústicas” do local e impede com que seja acelerada a urbanização. Certamente, estes conflitos estão inseridos nas disputas de poder, que mexem com vários tipos de interesses, fazendo com que cada parte busque culpados e se defendam das acusações, indicando novos culpados. Estas e outras são as tramas que se desenvolvem na Praia Brava.

²⁹⁰ BRANDÃO, Walmor. **Praia Brava e ONG's**. Seção Cartas. Diário do Litoral. 19 de Setembro de 2003.



Figura 40. Protesto de moradores impresso em um muro da Praia Brava. Inverno de 2001.
Crédito: João Guilherme Wegner da Cunha.

A lavanderia Lave - Love, por exemplo, é uma das empresas que mais emprega moradores da Praia Brava, porém também várias são as denúncias, que indicam que esta lavanderia é uma das grandes responsáveis pela poluição da Lagoa Ribeirão do Cassino. Porém, não se pode atribuir somente ao empresariado a poluição local, visto que através de um levantamento feito pelo CTTMAR/UNIVALI²⁹¹ sobre os sistemas individuais de tratamento de esgotos sanitários nas edificações de toda a microbacia²⁹² da Praia Brava, foi apontado que o saneamento básico do local é insuficiente. Isto é visto pelos técnicos ambientais como um dos principais problemas local. Dos sistemas de esgoto analisados neste bairro, 53,55% são depositados em redes ou galerias pluviais,²⁹³ ou seja, tubulações

²⁹¹ Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar (CTTMAR), Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Itajaí Santa Catarina.

²⁹² Entenda-se por microbacias uma pequena área cercada por montanhas por onde correm e convergem as águas em forma de um ou vários rios. Na pesquisa em questão definiu-se como “microbacia da região” os rios Ariribá e Cassino da Lagoa.

²⁹³ Projeto traça diagnóstico do Sistema de esgoto na Praia Brava. **Diário da Cidade**, 25 de julho de 2002, p. 11

por onde escoam as águas que não são provenientes de esgotos domésticos ou industriais, mostrando que não existem condições apropriadas para o sistema de tratamento.

Pode-se pensar que a Praia Brava não se constitui num único território, mas várias territorialidades compõem o local, uma vez que são as relações sociais estabelecidas no ou pelo local que indicam o que ela é ou representa. Ela se constitui de uma justaposição de territórios, fazendo com que relações que indicam um tipo de controle sobre o local se entrecruzem. Os bares localizados ao longo da orla marítima da praia podem ser um exemplo de esta múltipla territorialidade num mesmo espaço físico. No Canto do Morcego, lado norte da praia, se localizam os bares que atraem o maior número de pessoas nas noites de festa como também nos dias de sol para o banho de mar. A figura abaixo mostra um desses bares situados na porção norte da praia, onde é freqüente encontrar a areia da praia tomada por banhistas que utilizam os serviços desta casa.



Figura 41: O Galera's Bar. Um dos bares mais movimentados na orla marítima da Praia Brava. Outubro de 2001.
Crédito: A. H. Roman.

As pessoas que vão ao local não possuem objetivos em comuns, alguns estão ali para controlar o estacionamento de carros na rua ou em terrenos vizinhos ao bar, outros para vender bebidas e comidas na entrada dos bares, outros vendem e compram drogas, demarcando a área como o seu território.

As casas noturnas também estabelecem sua territorialidade nos dias de festa, especialmente no extremo norte da praia conhecido como o Canto do Morcego.²⁹⁴ Estas festas conhecidas como *festas rave* que atraem mais de mil pessoas numa única noite, são realizadas nos feriados ou fins de semana, estendendo-se muitas vezes até o dia seguinte, delimitando de certa forma a ocupação da praia. Nestas festas as pessoas dançam ao ritmo de música eletrônica, conhecida por alguns como bate-estaca, e apesar de agradar algumas pessoas, também parecem incomodar a outras, principalmente moradores. Outras reclamações feitas por moradores em relação às temporadas ou dias de festas têm a ver com o temor de serem assaltados na suas casas, já que têm acontecido furtos a carros assim como depredação na iluminação pública e orelhões. Porém, a reclamação mais freqüente feita entre os moradores é a do som proveniente destas casas noturnas. A delimitação de territórios que se sobrepõem num único local, é o que vem gerando conflitos, não só por parte daqueles que querem investir em algum empreendimento comercial ou construir suas moradias, como também por parte dos atuais moradores que divergem naquilo que querem para o futuro do local onde moram e/ou trabalham.

Apesar de não haver fontes escritas sobre esta informação, foi possível através de conversas informais com alguns moradores e freqüentadores, analisar que a faixa da praia que fica próxima a um dos bares que promove estas festas, é pouco ocupada nos dias em que esta se estende até o dia. A inauguração de um dos estabelecimentos, o Warung, considerado o primeiro *beach club* do Brasil, foi anunciado por um jornal de circulação estadual, destacando que,

...há também muito agito na praia Brava. Foi inaugurado recentemente o Warung Beach Clube, uma casa de diversão onde funcionam sushi-bar trai-bar, com pratos quentes rápidos da cozinha tailandesa, uma loja de conveniência com artigos para a praia, um deque de madeira completa o cenário paradisíaco. Warung no idioma indonésio significa lar, domicílio, um lugar onde se é bem recebido, onde as pessoas se sentem em casa²⁹⁵.

²⁹⁴ O nome Canto do Morcego foi dado a este local, já que havia no morro desta parte da praia, uma caverna onde moravam ou moram estes animais. Encontra-se na porção extrema norte da Praia.

²⁹⁵ Brava é reduto de gente bonita. **Jornal de Santa Catarina**. 29 de novembro de 2002.

Várias são as notícias que circulam nos dias de hoje em jornais municipais e estaduais chamando a atenção para a Praia Brava. Aquele local “esquecido” ou “desconhecido” de outrora é, agora, referenciado, lembrado, entendido, visto, representado de várias e outras maneiras.

O Jornal de Santa Catarina anunciava no verão de 2002, que a *Brava é reduto de gente bonita*²⁹⁶, e pontuava que a Praia Brava possui vários atrativos para os turistas que procuram *fugir do stress* e para aqueles que querem estar *num reduto de jovens sarados e bronzeados* e ser bem atendidos à beira mar pelos garçons dos bares instalados no local. Este local de gente bonita e sarada, vendido pela mídia para atrair cada vez mais pessoas, impõe de certa maneira limites ou fronteiras àqueles que não são inseridos nestes discursos, já que é anunciado como ponto de encontro de jovens e de praticantes de esportes. Porém outros são os usos dados à praia, e às atividades desenvolvidas nela. É interessante notar que mesmo sendo uma única faixa de areia de aproximadamente 3 km de extensão, as pessoas procuram locais específicos para frequentar. A praia se constitui em vários territórios ao mesmo tempo; num dia de verão, por exemplo, a maioria das famílias com crianças procuram locais na areia próximos à Lagoa do Cassino no centro da praia, ou no extremo sul, próximas ao ribeirão Ariribá, na área conhecida como Praia dos Amores, pertencente à Balneário Camboriú, ou seja, procuram águas calmas e doces. Vale ressaltar que apesar de ser denominada praia, a Praia dos Amores não possui faixa de areia, já que a divisa entre os municípios é o Ribeirão Ariribá que desemboca na encosta do morro, conhecido como Morro do Careca. É interessante ainda pontuar que, segundo alguns dos entrevistados que conhecem a região há várias décadas, o nome dado à Praia dos Amores, vem em função de que o local serviu como ponto de namoro de casais. Provavelmente, o nome tenha, também, uma relação com a área de prostituição e divertimento noturno, indicando que naquele local se podia namorar e também, fazer amor. Apesar de não ter explorado estes amores, esse seria um tema interessante de pesquisa, dando assim, uma outra conotação e percepção do local, mostrando outros encontros e desencontros.

Esta análise que leva em conta a “não inclusão” da praia nos discursos urbanísticos num primeiro momento, de certa maneira, favoreceu à preservação dos

ambientes naturais do local. Hoje, os morros cobertos por Mata Atlântica, a faixa de dunas, mesmo que já bastante modificada como mostram estudos técnicos²⁹⁷, levantados pela ONG V Ambiental, são vistos por algumas pessoas como “símbolos naturais”, que precisam ser preservados. Ainda, penso que a valorização destes locais “naturais”, como morros, dunas e sua vegetação etc, liga-se também aos discursos das ONG’s que promovem (ram) eventos, mobilizam (ram) pessoas, para chamar a atenção daquilo que denominam “destruição dos recursos naturais”. Este é um dos aparentes motivos que promoveu o modismo da Praia Brava, atraindo, em épocas distintas, várias pessoas que, de maneiras diferentes, espantaram-se e se espantam, encantaram e encantam pela (na) Brava.

²⁹⁶ Itajaí tem belas praias. Brava é reduto de gente bonita. Informe especial comercial. **Jornal de Santa Catarina**, 29 de novembro de 2002.

²⁹⁷ Na audiência Pública realizada na Pousada *Costa Brava* em março de 2003 sobre o Projeto de Revitalização da Orla Marítima da Praia Brava, apresentada pela Prefeitura Municipal de Itajaí, o oceanógrafo Jacson Gerardi apresentou dados que mostram a importância de preservação da faixa de dunas bem como a largura ideal para que a função protetora das dunas seja efetiva frente a ação erosiva do mar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração deste trabalho, foi possível perceber através das falas de antigos moradores uma certa nostalgia de um tempo que se foi, ao mesmo tempo uma certa alegria de viver um presente que está proporcionando coisas que no passado estavam ausentes. Morar na Praia Brava nos anos 1970 e 1980 significava morar num local afastado do núcleo urbano de Itajaí, sendo que este afastamento estava relacionado à ausência de alguns “confortos” da vida moderna, como possuir água encanada, luz elétrica, transporte coletivo entre outros. Desse tempo que se foi, ficaram as lembranças que permitem, ao menos em parte, reconstruir o desenrolar de um cotidiano onde existiram medos, alegrias, tensões, onde se construía modos de fazer e de viver.

O uso da história oral permitiu visualizar determinadas práticas que faziam parte do cenário local, onde o Cassino, a Lagoa e área de casas noturnas representavam os espaços de sociabilidade. Estes espaços parecem ter marcado ou rotulado o local como perigoso e violento, cujos conceitos e preconceitos foram notados através das narrativas dos entrevistados e nas conversas informais. Por outro lado, há pessoas que vêm a praia como local que apresenta algumas características naturais que precisam ser preservadas, dando ao lugar um sentido de balneabilidade. O termo balneabilidade analisado na Praia Brava, não está associado somente a um local de lazer, mas também à preocupação, mesmo que aparente, com a preservação dos recursos naturais do local.

Acredito que a relevância de uma pesquisa qualquer que seja o tema, esteja também relacionada a novas possibilidades de interpretação através de interrogações que nos desafiam a pensar outros trabalhos. Dentro dessa análise, penso o primeiro capítulo, quando perguntas surgiam na medida que a escrita desenrolava uma trama que ia ganhando importância, quando a escrita prosseguia. Por que a Praia Brava não foi urbanizada na década de 1950, quando foram projetados os loteamentos? Que interesses ou desinteresses tinham aqueles que compraram e projetaram estes loteamentos? Quem vivia na Praia Brava nessa época? Estas e outras perguntas se referem à análise que guiou esta discussão, ou seja, por que a Praia Brava permaneceu ausente no processo de urbanização da cidade de Itajaí durante a segunda metade do século passado, uma vez está localizada entre dois locais de veraneio, Balneário Camboriú, considerado já na década de 1970 a Pérola do

Atlântico, e Cabeçadas, uma praia de Itajaí que desde a primeira década dos anos 1900 foi se constituindo num balneário para as elites locais e da região, só passou a ser urbanizada e “valorizada” como local turístico a partir a partir dos anos 1990?

Ora, se o empecilho de não urbanizar esta área foram às casas noturnas e bares que deixaram a Praia Brava “mal falada”, como justificar a construção de um Cassino, que nunca funcionava como tal, numa área que pretendia atrair pessoas para urbanizar o local? Este estabelecimento seria “bem visto” e os outros não? Certamente, este trabalho não responde este questionamento, já que se necessitaria fazer novas abordagens sobre o funcionamento destes estabelecimentos noturnos em Itajaí, em épocas e momentos distintos, porém, o mesmo serve como âncora, para entender as estratégias, vivências e experiências, jogos de interesses e de poder que nos revelam maneiras de se viver e entender o cotidiano nesse momento.

A estrada que atualmente comunica os municípios de Itajaí e Balneário Camboriú, denominada hoje Osvaldo Reis, aberta desde 1920, serviu como via de acesso nos anos 1950 e décadas seguintes para os interessados em freqüentar ou morar ou morar na praia de Camboriú, posteriormente Balneário Camboriú. Visto que se a estrada foi um fator limitante para a não urbanização da praia, esta mesma estrada serviu para dar passagem ao progresso em Balneário Camboriú. A Praia Brava era, então, local de passagem. De todos os itens analisados no primeiro capítulo, a condição das ondas do mar parece ter influenciado na não inserção da Praia Brava no processo de urbanização ou na não inserção deste local nos projetos de modernidade. Isto não significa dizer que outros itens abordados não tenham contribuído para esta condição. Porém, as condições de banho da praia, parecem ter sido o motivo pelo qual não houve em interesse em se construir e apostar no local, embora tentativas de empreendedores tenham de fato existido. Esta “não inclusão” da Praia Brava se relaciona ao interesse que desde 1950, pessoas de várias regiões do estado, tinham em Balneário Camboriú. Trilhar parte dos caminhos da urbanização de Itajaí e Balneário Camboriú, permitiram, ao menos em parte, reconstruir alguns momentos que mostram como a transformação do cenário praiano de outrora “esquecido”, num local badalado nos dias de hoje. Um local, como Balneário Camboriú, de águas calmas para o banho de mar, chamava a atenção de veranistas e novos moradores que começaram a investir e apostar numa valorização econômica do local. Alguns construíram casas para

alugar durante a temporada, atraindo cada vez mais freqüentadores de vários pontos dos estado e de outros Estados, como também de outros países, como Argentina, por exemplo.

Em segundo momento, passei a ver a Praia Brava como um local que nos dias de hoje gera polêmica entre empreendedores, ambientalistas, poder público e moradores, em relação à preservação e a urbanização. Àquele local esquecido de outrora são atribuídos novos valores, ligados principalmente a um certo modismo promovido pelas ONG's, estudantes e freqüentadores que passaram a ver na Praia Brava um símbolo “ecológico”, que ao mesmo tempo, representa diversão, trabalho, lazer, descanso, para estas e outras pessoas.

Vale ressaltar que apesar de estar sendo enfatizado que a Praia Brava é um símbolo de “preservação”, as fontes orais indicam que parte da vegetação da Praia Brava já tinha sido modificada na primeira metade do século passado, ou pela extração de madeira ou quando a mata foi derrubada para tirar as bromélias das árvores. Daura Leal Dutra,²⁹⁸ moradora atual de Cabeçudas, lembra que quando criança viu que cortaram todas as árvores que tinham bromélias, local onde se desenvolve o mosquito da malária. Segundo ela, *foi por causa da malária que cortaram todas as árvores maiores, não deixaram uma árvore em pé.*²⁹⁹ Por outro lado, esta análise me permite constatar que atribuímos valores a determinados aspectos que nos parecem mais ou menos importantes, atribuindo a eles significados múltiplos. Cito mais uma vez Paul Veyne, que analisa que:

Um homem da cidade pode imaginar que uma paisagem agrária, cuja criação exigiu o trabalho de dez gerações, é um pedaço da natureza; um não geógrafo desconhecerá que o mato ou o deserto têm por origem a atividade destrutiva do homem: por outro lado, todo mundo sabe que uma cidade, uma ferramenta ou um procedimento técnico têm um passado humano³⁰⁰.

²⁹⁸ DUTRA, Daura leal. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí 24 de Junho de 2003.

²⁹⁹ DUTRA, Daura leal. *Op cit*

³⁰⁰ VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história;** Foucault revoluciona a história. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 69.

A maneira de perceber a paisagem agrária de alguém que não teve nenhuma vivência ou experiência numa área rural, certamente não é a mesma daquele que ali imprimiu parte de sua vida. Da mesma forma, um não geógrafo pode pensar que o deserto é um acontecimento “natural”. Ora, a maneira do ser humano apropriar-se de espaços, dando-lhes sentidos e atribuindo-lhes significados, tem a ver com os vários tipos e modos de vida. Em cada local habitado ou dominado pelo homem, há sinais deixados por ele (por nós, mulheres e homens) que indicam e mostram como nos relacionamos com os vários tipos de ambientes no mundo, resultado, muitas vezes, da própria intervenção do homem. Estas marcas são visíveis ou não, dependendo da visão de mundo que tenhamos. Elas são sinônimos de várias verdades que não são estáticas, mudam no espaço e no tempo histórico em que estejamos vivendo e, dessa maneira, de nos relacionarmos com este mundo. Assim, a história nos permite infinitas possibilidades de escrita, sendo, portanto, *um limite inacessível ou, antes uma idéia transcendental*³⁰¹.

Não pretendo neste trabalho fechar uma análise que não possa ser revista ou reformulada, uma vez que não é possível na história manter uma objetividade plena e imediata do objeto estudado ou dos “dados” levantados numa pesquisa, acreditando ainda, que a *história é feita com muito de accidental*³⁰². Minha tarefa, assim como a de um outro pesquisador, é construir uma narrativa que possa dar “sentido” aos vários sinais que dizem respeito ao objeto estudado. Certamente, os dados empíricos existem, eles são reais, mas podem ser interpretados quando neles ou através deles se costuram nossas perguntas de pesquisa. Por este motivo, este trabalho está aberto, e suas fontes possibilitarão responder outras questões. Neste momento, o que pretendo é construir um trabalho palpável, porém isso não exclui outras interpretações sobre o mesmo objeto ou as mesmas fontes.

³⁰¹ VEYNE, Paul Marie. Idem, p.34.

³⁰² VEYNE, Paul. A história conceitual. In.: LE GOFF, Jaques & NORA Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora. P. 66.

FONTES

ENTREVISTAS

BRAUN Neto Francisco. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí 23 de fevereiro de 2003.

BARRETO, Cristiane Manique. **Entrevista concedida à G. Alejandra. G. Luna.** Itajaí, 25 de abril de 2003.

CAVEDON, Fernanda de Salles. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 22 de outubro de 2002.

CORRÊA, Isaque Borba. **Entrevista concedida a Antonio H. Roman.** Itajaí, 27 julho de 2003.

COSTA, Albino Domingos 60 anos. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 4 de fevereiro de 2001.

_____. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí 9 de agosto de 2002.

COSTA, Margarida Rosa 58 anos. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 4 de fevereiro de 2001.

_____. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí 10 de agosto de 2002.

COSTA, Vera Rosa. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 4 de fevereiro de 2003.

DUARTE, Domício. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Praia Brava, Itajaí 20 de maio de 2003.

DANTAS, Daura Terezinha Leal. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 24 de julho de 2003.

DUTRA, Laura. **Conversa informal na sua residência em Itajaí.** Setembro de 2001.

FÁVERI, Marlene de. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí: 21 de janeiro de 2003.

LIMA, Maria Vanderleia. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Praia Brava, Itajaí, 9 de setembro de 2001.

NASCIMENTO, Gil. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 15 de maio de 2003.

MULLER, Carlos. **Conversa informa na sua residência em Itajaí.** Junho de 2001.

SANTOS, Sidney Francisco dos. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 22 de junho de 2003.

SEVERINO, José Roberto. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí: 17 de abril de 2003.

SILVA, Amaro César da. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna e Antonio H. Roman.** Camboriú 11 de outubro de 2003.

SILVA, João Francisco da, 41 anos. **Entrevista concedida a Francisco Braun Neto.** Itajaí, 11 de maio de 1996.

SOARES, Nilo Mari. **Entrevista concedida a G. Alejandra G. Luna.** Itajaí, 22 de outubro de 2001.

DOCUMENTOS

BELLINI, Jandir; Malburg, Homero Bruno. Carta ao senhor gerente de Licenciamento Ambiental da FATMA. Itajaí, 20 de julho de 1997

BRANDÃO, João Pery. *Itajaí que eu vi.* 1982. Apostila sobre a cidade de Itajaí.

FILHO, Dalmo Vieira, FERREIRA, Luciana e PITZ, Silvana. **Projeto Borda d'Água.**

COSTA, Francisco, José Batista da. **Licença ambiental de instalação do Hospital Litoral.** Florianópolis, 4 de julho de 1997.

RAMOS, Maria Helena K. Implantação de hospital e Clube médico em Itajaí pela Unimed Litoral. Informação Projur, n. 014/97.

Ofício-circular ASSIPAM nº 002/84 de 03 de fevereiro de 1984.

Folder "Viva 85 – 3º Acampamento Ecológico". Divulgação do 3º Acampamento Ecológico. ASSIPAM, Itajaí, 1985.

Folheto da ONG V ambiental. Protegendo e Preservando as Dunas da Praia Brava. Itajaí. sd.

Atas do Conselho Municipal – Arquivo Histórico de Itajaí.

Itajaí 143 anos. De olho no futuro. O projeto Borda D'Água, do Porto de Itajaí. Edição especial Comemorativa ao aniversário de 143 anos de emancipação político-administrativa de Itajaí. Itajaí, junho de 2003.

b) Acervos

Documentos do Arquivo público de Itajaí.

Documentos da ASSIPAM do acervo do Departamento de História da Univali

Documentos do acervo particular de Marlene de Fáveri.

Documentos do acervo privado de João Guilherme Wegner da Cunha.

c) Documentos eletrônicos.

Documentos e imagens do Porto de Itajaí: ww.portoitajai.com.br

Documentos sobre Le Corbusier: www.fondationlecorbusier.asso.fr

Informações sobre Balneário Camboriú: www.balneariocamboriu.com.br

Informações turísticas de Florianópolis: www.imovelsulfloripa.com.br

Lei de Crimes Ambientais. www.ibama.gov.br

CARNEVALE, Fabiano. **Fernando Gabeira.** www.geocities.com

Dicionários Aurélio eletrônico século XXI. Versão 3.0. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Lexikon informática Ltda. 1999. CD-ROM.

JORNAIS OU PERÍODICOS

Jornal da UNIVALI, Ano VII, n. 48, 1996.

Jornal do Litoral. Balneário Camboriú, S.d. p. 5.

Jornal de Santa Catarina. 1995, 1998, 2002.

Jornal O Vizinho. Joinville, fevereiro de 2003.

Jornal do Povo. Itajaí, 30 de outubro de 1940.

Jornal de Itajaí. 1985, 2003

Jornal Cobaia. Ano 10, nº 51. Abril de 2003.

Jornal do Clube Guarani. Edição comemorativa dos 100 anos do Clube (1897 – 1997).

Jornal do Clube Guarani. Edição comemorativa dos 100 anos do Clube (1897 – 1997).

Diário da Cidade, Itajaí, 1997, 1998, 2002

Juridicamente falando... Itajaí, 3. Agosto de 2001

Diário do Litoral. Itajaí, 19 de Setembro de 2003.

Boletim SOS Mata Atlântica. São Paulo, março/ abril de 1989.

Informativo Eco. Itajaí, Outubro de 2001

Cultura Dengo Dengo. Navegantes, fevereiro de 1987.

Itajahy. Itajaí, 24 de julho de 1924.

A notícia - 17. 9 de outubro de 1988.

O Careca. N. 17 – 26 de julho de 1931.

Boletim Oficial. Prefeitura Municipal de Itajaí do Departamento de Relações públicas.
Anos 1970 – 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Leonora Portela de. **Planos, ações e experiências na transformação da “pacata” Florianópolis em capital turística.** Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In: **Enciclopédia Enaudi.** v.5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARRETO, Cristiane Manique. **Entre laços e nós. Formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930).** Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BAUDELAIRE, Charles, 1821 - 1867. **Sobre a modernidade:** o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- BRAUN, Francisco Neto. Silêncio e violência: Ser negro no bairro Praia Brava em Itajaí. In: **Anuário de Itajaí**. Itajaí, Fundação Genésio Miranda Lins, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.
- BURGESS e BOGUE (eds). **Contributions to Urban Sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1964.
- CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. Ciência para uma Vida Sustentável. São Paulo: Editora Cultrix. (CTA-JMA), 2002.
- CHARTIER, D. **Le rôle de Greenpeace et du wwf dans la résolution des problémes environnementaux**. Orléans, 2002. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Orléans, França.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é Ideologia**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.
- CHRISTOFFOLI, Angelo Ricardo. **Cabeçudas 1910-1930** – A praia como Padrão de Conduta Social. Balneário Camboriú, 2000. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú.
- CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CORRÊA, Isaque Borba. **História de duas Cidades**: Camboriú e Balneário Camboriú. Balneário Camboriú: Gráfica Camboriú de Editora e Impressora, 1995.
- CRUZ, Euclides José da. Pequena Pátria. In: **Itajaí** – Outras histórias. Itajaí: Prefeitura Municipal e Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.
- d'ÁVILA, Edison. Educação escolar e suas instituições. In: **Itajaí**: Outras Histórias. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, Prefeitura Municipal de Itajaí, Secretaria de educação, 2002.
- _____. Da Escola de desemburrar à Universidade. In: **Anuário de Itajaí**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1998.
- _____. **Nossa Senhora dos Navegantes- festas e história**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1999.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. A operação histórica In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. In: **Projeto História**, volume 17 – trabalhos da memória. São Paulo: PUC, Nov. 1998.
- DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ELIAS, Norbert, **O Processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FÁVERI, Marlene de. Encantamento e espanto: O que (não) sonharam os Homens. In: **Revista Catarinense de História**, n. 4 Florianópolis: Editora Insular, 1996.
- _____. **Memórias femininas de uma (outra) guerra. Florianópolis, 1939 – 1945**. Florianópolis: DAPE/FAED/UDESC, 1999. Relatório final de pesquisa.
- _____. **Moços e moças para um bom partido: Itajaí, a construção das elites (1929 – 1960)**. 2. ed. Itajaí: Editora da Univali, 1999.
- _____. O jornalismo irreverente em Itajaí: "Tom-Pouce" e "Futurista". In: **Revista Alcance**, ano 4, I. Itajaí: Editora da Univali, jan/jun. 1997.
- FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida - dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FERREIRA, Barros. A costa catarinense tem tantos portos que rivalizam entre si. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XII, nº. 1, Janeiro de 1971.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Edita da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KONDER, Gustavo. Influência Alemã no município de Itajaí. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XI, Maio de 1970, n. 5.
- _____. Nem tudo foi tão Suave. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XII. n. 10. Outubro de 1971.

- _____. Um trecho de minha Infância. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XII. n. 02. Fevereiro de 1971.
- LEE, Magda Starke. **O processo de urbanização de Balneário Camboriú**. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LEIS, Héctor Ricardo. Ambientalismo: Um projeto Realista-Utópico para a Política Mundial. In: VIOLA, Eduardo J. *et. al.* **Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania**: Desafios para as Ciências Sociais. 2. ed. São Paulo/Florianópolis: Cortez/Editora da UFSC, 1998.
- LIBERATO, Celso. O Galdrome do Leme. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo X. N. 12, Dezembro de 1969.
- LIBERATO, Celso. A última viagem do “Brusque”. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XII. Fevereiro de 1971, nº 2.
- LINHARES, Juventino. **O que a memória guardou**. Itajaí: UNIVALI, 1997.
- LUNA, Gloria Alejandra Guarnizo. **A Personagem na História**: Irene Boemer, educação e radiodifusão em Itajaí (1940 – 1950). Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. Univali, Itajaí, agosto de 2001.
- _____. **A Praia Brava, tão Brava Assim?** Uma Análise sobre as Representações de um Território. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2001.
- MACEDO, Silvio S. **São Paulo, paisagem e habitação verticalizada e os espaços livres como elementos do desenho urbano**. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MARIANI, Bethânia Sampaio C. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória) In: ORLANDI, Eni P. (org). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993
- MORAN, Emilio F. **Adaptabilidade Humana**: uma contribuição à Antropologia Ecológica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- MOREIRA, Sonia Miriam Teixeira. O Porto da madeira. In: **Itajaí – Outras histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.
- MULLER, Fernando. O Naufrágio do Potosi. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XI, nº 2, Fevereiro de 1970.

- ORLADI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PAOLI, M. Célia. Mulheres: o lugar, a imagem, o movimento. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985.
- _____. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. In: **Comunicação, n. 7 do Museu Nacional**. UFRJ, 1982.
- PINHEIRO Ana Maria Detthow. União em Defesa das Baleias. **Boletim informativo n° 6**. São Paulo, abril de 1983.
- PRADI, Elizabeth. **De frente para o mar**. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 1999.
- SADER, Eder. **Quando Novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970 – 1980**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SAMUEL, Raphael. Teatro da memória. In: **Projeto História**, n. 14. São Paulo: PUC, fev. 1997.
- SANTOS, Milton. Conferência Magna Dr. Milton Santos – USP. **I Seminário Nacional - Saúde e Ambiente no Processo de Desenvolvimento**. Campinas - São Paulo, 12 de julho de 2000.
- _____. **Território e Sociedade**. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Editora da Univali, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974.
- SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Colômbia: Convenio Andrés Bello, 2001.
- SILVA, José Bento Rosa da. **Do porão ao convés: estivadores de Itajaí (SC) – entre a memória e a história**. Recife, 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.
- _____. Trabalhadores de Itajaí: uma história de organização e resistência. In: **Itajaí – Outras Histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

SILVA, Sara Cristina da. **Um rio, uma fronteira e duas cidades: “Dengo-dengos” e “Papa-siris”**. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2001.

SOUZA, Sandra Maria Silva da. **Cabeçudas: sua representação no ideário de uma elite em formação/ Itajaí (1900 – 1930)**. Monografia (Graduação em História). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 1999.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx: Roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TWAIN, Mark. **As aventuras de Tom Sawyer**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: Edunb, 1992.

VIANA, Osório Gonçalves. **Navegantes e sua História**. Brusque: Tipografia e papelaria Leão. (s.d).

WORSTER, Donal. Para fazer história ambiental. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v 4. nº 8, 1991.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BURKE, Peter. (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A história de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Laudes, 1970

CASTELLES, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLASTRES, Pierre. (1934 . 1977) **A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosas & Nafify, 2003.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra guerra)**. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FERRY, Luc. **A nova Ordem Ecológica: a árvore, o animal, o homem**. São Paulo: Ensaio, 1994.

GINZBURG, Calo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Paixão da Terra**. Rio de Janeiro: SOCII, 1984.
- GRANGER, Gilles Gaston. **A ciência e as ciências**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- HORGAN, John. **O fim da ciência**: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis- RJ: Vozes, 2001.
- Lê GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MERICO, Luiz Fernando Krieger. **Introdução à economia ecológica**. 2. ed. Blumenau: Editora da FURB, 2002.
- PEREIRA, Antônio. **A analítica do poder em Michel Foucault** – arqueologia da loucura, da reclusão e do saber médico na Idade Clássica. Belo Horizonte - MG: FUMEC, 2003.
- RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na hitoriografia brasileira. **Tempo Social** – Revista de Sociologia. USP, São Paulo, v. 7. n.1/2. p. 67 – 82. Out. 1995.
- ROSSONI, Sirlei. **O Cassino Guarani**: histórias, memórias e personagens – Irai – RS (1940 – 1994). Passo fundo: UPF, 2001.
- SOUZA, Maria Adélia A. De; SANTOS, Milton; SCARLATO, Francisco C; ARROYO, Mônica. **Natureza e sociedade de hoje**: uma leitura geográfica. 4. ed. São Paulo: Edita Hucitec, 2002.
- VIOLA, Eduardo, J; LEIS Héctor R; SCHERER-WARREN, Ilse, (et al.). **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania**: desafios para as ciências sociais. 2 ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.